

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FCCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGA**



Santa Teresa de Jesus de Itamatatiua: foto Cintia Muller/ 2007

**TERRITORIALIDADES E IDENTIDADES COLETIVAS: Uma  
Etnografia de Terra de Santa na Baixada Maranhense**

**DAVI PEREIRA JÚNIOR**

**SALVADOR  
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FCCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGA**

**DAVI PEREIRA JÚNIOR**

**TERRITORIALIDADES E IDENTIDADES COLETIVAS: Uma Etnografia de  
Terra de Santa na Baixada Maranhense**

**Dissertação de Mestrado apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia da Universidade Federal  
da Bahia, como requisito para obtenção  
do título de Mestre em Antropologia.**

**ORIENTADOR: PROF. DR. ALFREDO WAGNER BERNO DE ALMEIDA**

**SALVADOR  
2012**

**DAVI PEREIRA JÚNIOR**

**TERRITORIALIDADES E IDENTIDADES COLETIVAS: Uma Etnografia de  
Terra de Santa na Baixada Maranhense**

**Dissertação de Mestrado apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia da Universidade Federal  
da Bahia, como requisito para obtenção  
do título de Mestre em Antropologia.**

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

**PROF. DR. ALFREDO WAGNER BERNO DE ALMEIDA**  
Programa de Pós-graduação em Antropologia – UFBA

**PROFESSORA. Dra. CYNTHIA CARVALHO MARTINS**  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

**PROFESSORA. Dra. CINTIA BEATRIZ MULLER**  
Programa de Pós-graduação em Antropologia – PPGA/UFBA

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus e a Santa Teresa de Jesus, pela proteção e guarda durante a realização deste Trabalho.

Agradeço também a minha família; pais, irmãos, tias, tios, primos, que colaboram comigo me apoiando e se preocuparam comigo durante a minha estada em Salvador. Agradeço a Lucas Gabriel meu filho e quem acaba sendo mais prejudicado pela falta de convívio nesse momento de estudos.

Agradeço aos amigos do GESEA de São Luis, Dorival, Gyordanna, Luciana, Aniceto, Jhuliene, Tacilvan e de Caxias: Adaildo, Jhuliane, Poliana, Edjane e Jessica, pelo apoio e amizade.

Agradeço as professoras Cynthia Martins, Helciane e Patricia, pelo apoio e consideração comigo, e pela paciência em lerem e discutirem este momento sempre que foi preciso pude contar com o apoio delas.

Agradeço a Gadenia Ayres, pela paciência e compreensão com minha vida cigana e os vários momentos de carinho, alegria e dedicação a minha pessoa.

A minha Amiga e colega de turma Arydimar Vasconcelos Gaioso, pelo apoio preocupação, e por tanto momentos divididos durante a estada em Salvador. Ao Grande Corintiano Franklin Plasman “autor intelectual” da minha vinda para Salvador. Serei sempre grato a ele e sua Companheira Jurema Machado, pela atenção por dividirem sua casa e seus amigos durante minha estada em Salvador. Aproveito o ensejo para agradecer a amizade da Aninha e do Renato e pelos momentos divertidíssimos de convivência

Agradeço ao professor e orientador. Alfredo Wagner Berno de Almeida, pela amizade, dedicação e esforço realizado ao longo desses dois anos. Contribuindo com minha ida a campo, vindo diversas vezes a Salvador para seções de orientação, levando a Manaus. Por em diversas ocasiões possibilitar o nosso contato com alunos e professores de diversas Universidades do Brasil e do mundo, possibilitando ampliar os meus horizontes de conhecimento através do estímulo a participação em eventos em Internacionais.

Agradeço também ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, no apoio a minhas idas a campo seja com instrumento, recursos humanos e financeiros. A

Fundação Ford, na pessoa do professor Aurélio Viana pelo financiamento do curso de Inglês contribuindo assim para meu sucesso na prova de Mestrado.

A Cressida Evans e Jhon, pelas aulas de inglês e pelo convívio saudável foi um apredizado os momento de convivencia.

Esta pesquisa foi financiada com dinheiro publico através da Coordenação de Aperfeiçoamento da Pessoa de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento Agradeça aqui à CAPES, que possibilitou a minha pesquisa de mestrado. Sem esse apoio eu não teria como financiar o curso e a pesquisa.

Aos meus colegas de turma do mestrado, Rosana, Lorena, Angela Weber, Hellen, Tatiana, Cristina, Isabele, Claudia, Silvio, Tedson e Brasão como do doutorado, Franklin, Arydimar, Clara e Samuel, pela consideração e cumplicidade nos diversos momentos vivenciados.

Aos amigos de Manaus, Luis, Flávia, Glauca pela paciência e preciosa ajuda. A Emmanuel e Elyed, pela amizade consideração e acolhida nos diversos momentos em que estive em Manaus sempre pude contar com eles.

Meu especial agradecimento a professora Maria do Rosário Carvalho, por todo carinho e consideração comigo durante o período que estive em salvador. Puder contar com seu precioso apoio enquanto coordenadora do PPGA, e em outros momentos.

A professora Cintia Beatriz pela consideração e pela gentileza de aceitar o convite para participar da minha banca. Agradeço também a coordenação do PPGA, pois sempre que precisei foi sempre presente.

Agradeço de todo coração a cada morador de Itamatatiua, que contribuíram do seu jeito com a pesquisa. A comunidade formada por pessoas simples e que são exemplo de luta, dedicação e zelo pela terra e por sua Santa. As pessoas de Itamatatiua tornaram meu campo em experiência extremamente agradável.

Por fim agradeço a todos que contribuíram com este trabalho!

He meu pai quilombo eu também sou quilombola  
A minha luta é todo dia toda hora!  
He meu pai quilombo eu também sou quilombola  
A minha luta é todo dia toda hora!  
He meu pai quilombo dizem que Zumbi Morreu  
Mais ele vive nos que lutam como eu!  
(Musica de Paulinho Akomabu, que virou um hino  
dos quilombolas do Maranhão)

## **Resumo:**

O trabalho é resultado da pesquisa de mestrado do programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. O campo foi realizado no Estado do Maranhão, na parte sul do município de Alcântara, na comunidade de Itamatatua. Optei por focar meu olhar, nas relações dos agentes sociais com a terra e com sua padroeira, Santa Tereza de Ávila. ou Santa Tereza de Jesus, como preferem chamar os moradores. Para tanto, me concentrei em um intenso trabalho de campo no povoado de Itamatatua e nas localidades mais próxima. Outra estratégia utilizada foi a realização de etnografia da Festa de Santa Teresa, que é realizada ao longo de anos por um conjunto de agentes sociais distribuídos em mais 40 povoados dentro de uma área de aproximadamente 55.000,00, (cinquenta e cinco mil hectares) cujo, agentes sociais autodesignam como sendo Terras de Santa Teresa. Os Grupos familiares que ocupam as terras de Santa possuem o modo específico de se relacionarem com a terra, os recursos naturais e com sua santa padroeira.

Os Moradores das Terras de Santa Tereza vem Mantendo o efetivo controle desse território, desde o abandono da ordem do Carmo, na primeira metade do século XIX. A dissertação toma como foco, o povoado de Itamatatua, onde está situada a Igreja da Santa, a casa da Encarregada de Administrar os bens da Santa e a pedra documento, elementos que compõem e podem explicar como o grupo conseguiu resistir a investida de diversos grupos políticos locais, grileiros, donos de cartórios e a própria “leis de terras Sarney”. O trabalho aborda ainda, questões relacionadas a própria prática antropológica, uma vez, que o pesquisador vive o dilema de trabalhar com o seu próprio grupo.

**Palavras-Chaves:** Santa Teresa, Festa, Território, Territorialidades Específicas, Quilombo, Identidade.

## ABSTRACT

The work is the result of the research master's program graduate of the Federal University of Bahia - UFBA. The course was conducted in the State of Maranhão, in the southern part of the municipality of Alcantara, in the community of Itamatatiua. I chose to focus my gaze, in the relations of social agents with the land and its patron saint, St. Teresa of Avila. or St. Teresa of Jesus, as the locals prefer to call it. For much. I focused on intensive fieldwork in the village of Itamatatiua and localities closer. Another strategy was to hold ethnography of the Feast of Santa Teresa, which is held over the years by a number of social agents distributed in over 40 villages within an area of approximately 55,000.00, fifty-five (thousand hectares) whose , social workers declarers as Terras de Santa Teresa. The family groups that occupy the land of Santa have a specific way of relating to the land, natural resources and their patron saint.

Residents of the Land of Santa Tereza is keeping the effective control of this territory since the abandonment of the Carmelite order, in the first half of the nineteenth century. The dissertation takes as its focus, the village of Itamatatiua, which is situated the Church of Santa, home of Chargé d'Administer the assets of Santa and stone document, elements and can explain how the group managed to withstand the onslaught of various political groups local squatters, owners and notaries own "land laws Sarney." The work also addresses issues related to own anthropological practice, once the researcher lives the dilemma of working with his own group.

Key Words: Santa Teresa, Party, Territory, Specific Territorialities, Quilombo Identity



## Sumário

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURA .....	11
1 Introdução .....	12
1.1 A relação com o grupo estudado .....	12
1.2 A Experiência de Campo: a posição enquanto pesquisador .....	15
1.3 Caracterização dos principais entrevistado .....	18
1.4 Escolha e caracterização do povoado .....	21
2 Capítulo Primeiro .....	24
2.1 Territorialidade e Rede de Relações Sociais: dos planos de organização sociais .....	24
2.2 A Roça: a produção de alimentos nas comunidades .....	27
2.3 Especificidades de Itamatatiua .....	15
2.4 A História Social das Terras de Santa Teresa: uma etnografia dos documentos .....	16
2.5 Subversão a Ordem: e o processo de construção das territorialidades específicas .....	20
<b>2.6 A Serviço da Santa: o cargo de encarregada</b> .....	<b>22</b>
2.7 Mulheres da Santa: as lideranças de Itamatatiua .....	26
2.8A Pedra do Direito: as representações, o documento da terra da Santa. ....	27
<b>2.9 A Inversão da Ordem: a reinvenção do uso da terra e dos recursos naturais pelos negros de Santa Teresa.</b> .....	<b>29</b>
<b>2.10 Marcos Estabelecidos: recursos abertos</b> .....	<b>31</b>
<b>2.11 Campos Naturais: seus diferentes usos</b> .....	<b>33</b>
<b>2.11. 1 O campo e a feitura de cerâmica</b> .....	<b>34</b>
<i>2.11.1.1. A cerâmica e reforço da identidade</i> .....	38
2.11. 2 O campo e os processos de territorialização .....	39
<b>2.12 A Santa Peregrina: a construção social da territorialidade</b> .....	<b>43</b>
3 Capítulo Segundo .....	49
3.1 Uma Santa: muitas relações .....	49
3.2 A Eficácia do Mito: as relações sócias de assimetria .....	51
3.3 Os Santos Migrantes de Alcântara .....	53
3.4 O restabelecimento da ordem social .....	54
3.4.1 O comerciante que desdenhava da procissão .....	55
3.4.2 O comerciante e o filho tocó .....	56
3.4.3 O padre que expulsou os devotos .....	57
3.5 Rituais para Santa Teresa .....	57
3.6 Os Devotos e a importância para ampliação dos laços sociais da santa .....	58

3.7 As Promessas;	61
3.7.1 A cobrança de promessas	63
3.8 Ladainhas à Santa Teresa	66
3.9 As festas	69
3.9.1 As festas domésticas.....	70
3.9.2 A Festa de Santa Teresa	71
3.9.3 Os Festeiros	72
3.10 O Mastro.....	74
3.10.1 A busca do mastro na mata	75
3.10.2 O encontro da Santa com o mastro.....	77
3.10.3 Enfeitando o mastro	78
3.10.4 O Levantamento	78
3.11 As Novenas	79
3.11.1 Novena Régia	80
3.12 Os últimos três dias de festa.....	82
3.13.A Véspera;	84
3.13.1 O banho da Santa.....	84
3.13.2 O Roubo da Santa.....	86
3.14 O dia da santa.....	86
3.15 Procissão Solene.....	90
4 Capitulo Terceiro	92
4.1 Os Filhos da Santa: os herdeiros e reivindicação do território como quilombola.....	92
4.2 Ameaça ao Território: rememorando os conflitos e a luta pela terra. ....	99
4.3 Territorialidade Especifica Ameaçada: a Insegurança instalada com a Implantação do centro de lançamento de Alcântara. ....	109
4.4 Formação da Identidade Quilombola: .....	111
5 Considerações Finais	116
6. BIBLIOGRAFIA.....	122
7 ANEXOS I .....	128
ANEXOS II.....	129
9.ANEXOS III.....	130
10. ANEXOS VI .....	131

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURA**

ASPA – Associação de Pesquisadores da Amazônia  
ACONERUQ – Associação das Comunidades Negras Rurais do Maranhão  
ADCT – Atos das Disposições Constitucionais Transitórias  
CCN – Centro de Cultura Negra  
CF – Constituição Federal  
CESC – Centro de Estudos Superiores de Caxias  
CEM – Constituição do Estado do Maranhão  
CONAQ – Coordenação de Articulação da Comunidade Quilombolas  
FCP – Fundação Cultural Palmares  
FDA – Frente de Defesa de Alcântara  
GESEA – Grupo de Estudos Socioeconômicos da Amazônia  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas  
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
ITERMA – Instituto de Terras do Maranhão  
IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
MABE – Movimento dos Atingidos Pela Base Espacial  
MOMTRA – Movimento de Mulheres Trabalhadora Rurais de Alcântara  
PNCSA – Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia  
RTID – Relatório Técnico de Identificação e Delimitação  
SUCAM – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública  
SMDH – Sociedade Maranhense de Direitos Humanos  
SINTRAF – Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar  
STTR – Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Alcântara

# 1 Introdução

## 2.1 A relação com o grupo estudado

Penso que não é convencional iniciar um estudo científico do gênero de uma dissertação de mestrado em antropologia pela vida do pesquisador, tal como ocorre nas autobiografias, mas há situações em que a posição do pesquisador possui uma força explicativa, que não pode ser ignorado, é o caso do meu trabalho. O objeto de estudo que elegi, impõe o desafio de trabalhar meu próprio grupo e analisar formas de classificação com as quais construí minhas primeiras percepções do mundo social.

Penso que conspiraria contra a reflexividade se eu não refletisse a cerca do paradoxo de ser ao mesmo tempo pesquisador integrante da comunidade e objeto de análise. Além disso, levasse em consideração desperdiçaria muitos elementos essenciais à compreensão do trabalho por partes de pessoas que evidentemente se habilitarem à leitura.

A posição peculiar do pesquisador que, ao invés de estabelecer relações para assim ter acesso aos dados, precisa se reposicionar nas próprias relações sociais construídas ao longo da sua vida, consiste num ponto de partida para o esforço analítico como será explicitado ao longo da pesquisa. Em se tratando de antropologia, em que as relações sociais estão intimamente ligadas às condições de acesso às situações pesquisadas, esclarecer de onde falo torna-se imprescindível para compreensão do meu texto. Do meu ponto de vista, parece ser essa superação da dificuldade que me permitirá avançar na análise.

Sei que de certa forma, tudo isso consiste num risco no qual o pesquisador pode incidir numa sociologia espontânea<sup>1</sup> sobretudo porque toma como objeto de análise um mundo social que é o seu, onde suas relações afetivas lhe permitiram conhecer a grande maioria das pessoas pelo nome, e onde a forma de pensar e agir reflete a relação de familiaridade com o próprio objeto de reflexão.

Minhas experiências com a reflexividade tem me levado a interrogar acerca de meu próprio mundo social, não com o objetivo de fornecer respostas, uma vez que, nesse processo de estranhamento do meu próprio mundo por mim vivenciado, as perguntas parecem muito mais interessantes do que as certezas apregoadas pelo

---

<sup>1</sup> Termo cunhado por Pierre Bourdieu no segundo capítulo “introdução a sociologia reflexiva” do poder Simbólico, 1989..

conhecimento douto. Meu desafio aqui é usar o conhecimento científico de forma reflexiva, para controlar o efeito da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas feitas as entrevistas (Bourdieu, 2008)

A relação pesquisador - pesquisado na antropologia exige muitos cuidados para não revelar os segredos que não são autorizados, para não expor o grupo. Realizar essa pesquisa exigir resguardar, e ao mesmo tempo, expor aspectos da minha própria vida, talvez esse seja o maior enfrentamento, a maior dificuldade, que enfrentei. Os critérios de escolha do objeto de análise fazem parte do objeto. Este foi o enfrentado de como refletir cientificamente sobre uma situação social tão próxima

Nasci em Itamatatiua, povoado escolhido para proceder às observações, foi lá também onde vivi minha infância. Estando, portanto referido às redes de relações que constituem a vida da comunidade<sup>2</sup>. A minha infância foi marcada pela presença intensa de pesquisadores no cotidiano da vida comunitária. Isto despertou em mim uma paixão quase obsessiva e um desejo irrefreável de um dia me tornar pesquisador. Sou filho de uma professora leiga e de um agricultor que ao mesmo tempo foi mestre de barco, pescador e *boeiro*<sup>3</sup>. Minha avó materna era parteira. Os outros avós eram todos ligados a atividade da pequena agricultura familiar, e nunca tiveram qualquer oportunidade de frequentar uma escola.

Outro fato que me marcou muito na infância foi à intensa relação existente entre as pessoas dos mais diversos povoados com os atos de devoção à Santa Teresa de Jesus<sup>4</sup> de Itamatatiua e com as terras a quem é atribuída à propriedade. A minha família também construiu uma relação estreita e afetiva com a terra e com Santa Teresa, padroeira do lugar.

Quem nasce naquela região é elevado a construir intensas relações com as terras e com Santa Teresa. Pelos relatos dos moradores, a Santa também faz um esforço enorme para defender as terras, e as pessoas usam quanto para sustentar suas famílias.

---

<sup>2</sup> O termo esta sendo empregado no sentido dado por GUSFIELD, Joseph.1975. Community: a critical response. Que pensa comunidade como instrumento analítico, mas também usado localmente.

<sup>3</sup> Boeiro são as pessoas que participam das festas juninas como brincantes de bumba-meu-boi para São João. Meu pai foi um vaqueiro afamado como o melhor de toda a região. Ele era brincante disputado por vários grupos na região chegando a brincar em até três grupos em uma mesma temporada de São João.

<sup>4</sup> Teresa de Cepeda y Ahumada, nasceu no dia 28 de março de 1515 em Ávila, entrou para ordens das carmelitas aos 20 anos, durante sua vida religiosa, promoveu a reforma da ordem e foi uma peregrina fundando 19 conventos pela Espanha, (vide mapa anexo) ela morreu na noite do dia 4 de outubro de 1582, mas é celebrado no dia 15 de outubro devido a mudança para o calendário gregoriano que suprimiu 10 dias, foi beatificada em 1602, canonizada por Gregório XV em 1622, santa Teresa de Jesus Chamada também de Teresa Ávila, 1970, o papa Paulo VI lhe conferiu o título de doutora da igreja.

Na região há todo um conjunto de relatos históricos que permeia a memória coletiva dos moradores de Itamatatiua grupo sobre a relação de Santa Teresa com a terra e com as pessoas, embora nem sempre sejam perceptíveis aos de fora.

Foi observando essa relação que as pessoas estabeleceram com a Santa que formei minhas primeiras percepções do mundo social. Lembro quando os moradores dos povoados se reuniam para combinar os dias que iam abater as picadas das terras de Santa, para verificar os confrontantes.

Ainda tenho na lembrança as muitas vezes que recebemos a Santa em nossa casa no período das jóias, das promessas que minha mãe e meus avôs pagavam e das ladainhas rezadas. A Santa consegue penetrar na intimidade de cada família como ninguém mais faz. Acompanhava atentamente o traslado do mastro, o levantamento do *mastro*<sup>5</sup>, os *vesperais*<sup>6</sup> do dia da festa, as imensas procissões que conduziam solenemente a Santa pelo povoado com as pessoas pagando *promessas*<sup>7</sup>. Foi preciso vivenciar para conseguir entender a complexidade da trama de relações dos devotos com a Santa

Toda essa experiência vivida intensamente me marcou muito e contribuiu para a minha formação. Nas relações que até hoje eu tenho com a Santa através principalmente das várias promessas que fiz a ela, Essas relações com a Santa e com a terra influenciaram minha vida acadêmica. Quando minha mãe e meu pai fizeram o sacrifício de deixar a comunidade em direção à periferia de São Luís, para que eu e meus irmãos tivéssemos possibilidade de estudar. O que poderia representar uma ruptura de laços com a comunidade em verdade os fortaleceram.

Foi depois da mudança para a capital que minha família foi escolhida para fazer a festa da Santa. Minha mãe foi escolhida para ser a juíza. Sempre vivenciei de um modo muito forte todo este processo ritual<sup>8</sup>, desde quando vivi em Itamatatiua. Nossos laços com a Santa e com a comunidade se fortaleceram ainda mais. É um momento simbólico difícil de ser descrito. As pessoas se envolvem de tal maneira que não mais diferenciam os diferentes planos sociais.

---

<sup>5</sup> Um pau, que é escolhido pelo Juiz do mastro ou encarregado para ser enfeitado e ficando com a bandeira da Santa em frente a Igreja

<sup>6</sup> Baile para crianças antecede o baile de adulto, dura de 18 às 20, durante os vesperais não há cobrança para entrar.

<sup>7</sup> Vide segundo Capítulo

<sup>8</sup> Termo tomado junto Victor Turner (1974)

Na ocasião eu já estava na universidade e, por diversas vezes, fui cobrado publicamente pela encarregada da Santa para escrever sobre a história da comunidade. Eu cursava História no Centro de Estudos Superiores de Caxias, da Universidade Estadual do Maranhão – CESC/UEMA. Nesse momento eu ainda não me sentia seguro para enfrentar o desafio de estudar temas relativos à minha comunidade. Eu estava extremamente tomado pelos procedimentos empíricos de uma sociologia espontânea. Ao ter tempo de perceber as escolhas teóricas e metodológicas que me afastavam de impressionismo. Decidi então fazer uma monografia<sup>9</sup>, focalizando um estudo sobre o conceito de quilombo. Fui me aproximando então dos estudos sobre “comunidade” e “sociedade” da Antropologia<sup>10</sup>.

Ainda na universidade tive contato com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), através da minha orientadora, a professora Arydimar Gaioso, coordenadora do Grupo de Estudos Socioeconômico da Amazônia (GESEA), grupo do qual participo até hoje. Foi no âmbito das relações de pesquisas construídas enquanto pesquisador do GESEA/PNCSA, que alcancei condições que permitiram que eu me aprofundasse mais nos estudos sobre comunidades quilombolas. Através do contato com o coordenador do projeto, o professor Alfredo Wagner, comecei a trabalhar em Alcântara com o Movimento dos Atingidos pela Base Espacial de Alcântara (MABE) Desse trabalho de pesquisa resultaram em vários trabalhos publicados<sup>11</sup>. As relações de pesquisa que eu tinha estabelecido com as comunidades atingidas pela Base me propiciaram um trânsito entre diversas comunidades de Alcântara e me aproximaram extremamente de Itamatatiua como pesquisador.

## **1.2 A Experiência de Campo: a posição enquanto pesquisador.**

Em Itamatatiua minha primeira experiência, como pesquisador, foi em 2008, quando fui chamado pela associação de mulheres para discutir sobre o processo de comunidades quilombolas. Participei de várias reuniões na comunidade, em 2009, realizei minha primeira pesquisa de campo para a conclusão de um curso de especialização, cujo tema envolve o conceito de identidade. Essa primeira experiência

---

<sup>9</sup> O título da minha monografia é *Quilombo: uma análise na produção intelectual*, CESC/UEMA 2007.

<sup>10</sup> Eu fui monitor das cadeiras de Antropologia I e II do curso de História no CESC/UEMA 2007.

<sup>11</sup> Entre os trabalhos publicados destaco o livro, da minha autoria **Quilombos de Alcântara: território e conflito – o intrusamento do territórios das comunidade quilombolas pela empresa binacional Alcantara cyclone space**. Universidade Federal do Amazonas. Manaus. 2009.

de pesquisa foi um encontro comigo mesmo, uma imersão no meu próprio mundo. Eu passava horas nas entrevistas com as mulheres que fazem cerâmicas. A cada entrevista era como se descortinasse parte de um mundo adormecido;

Todavia eis a prova de que o trajeto heurístico também tem algo de um percurso iniciático pela imersão total e pela felicidade dos achados que lhe é concomitante, sucede uma reconciliação com coisas e pessoas das quais insensivelmente me afastara por conta do ingresso em outra vida e as quais a postura etnológica obriga naturalmente a respeitar, os amigos de infância, os parentes, suas narrativas, suas rotinas, seu sotaque (...). O retorno às origens faz-se acompanhar de um retorno, embora controlado, do que fora recalçado (BOURDIEU, 2005, p. 90)

Como dito, Itamatatua está acostumada com a presença de pesquisadores<sup>12</sup>, visto que uma grande quantidade deles circulou ou circula pelo povoado. Embora não se tenha a mesma facilidade de encontrar os resultados desses trabalhos na comunidade. Os moradores não estavam acostumados, entretanto, com um pesquisador que eles viram nascer e crescer, sobre o qual eles têm o controle de quem é a família e onde mora e que quando precisam não hesitam em chamar.

Somente na minha segunda estada para o trabalho de campo do mestrado ficaram menos complicadas, eles se acostumaram com a ideia de um pesquisador de “casa”, isso me facilitou o acesso às pessoas. A minha preocupação durante minha estada na comunidade como pesquisador era estabelecer relações exercendo o mínimo possível de violência simbólica. Consoante como discute Bourdieu (2008) a ideia de proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente duas das condições principais de uma comunicação não violenta, entretanto, isso não significa a ausência de limites.

Ainda que alguns moradores se preocupassem em dizer quem podia me ajudar, muitos se inibiam de contar o que sabiam, enquanto outros já mandavam recado que queriam ser entrevistados. Minha posição exigiu um jogo de paciência e cuidado para obter certas informações. Procurei sempre respeitar as relações sociais

---

<sup>12</sup> Itamatatua desde década de 1960 tem sido frequentemente tomada como objeto de estudo por muitos pesquisadores, tanto brasileiros como estrangeiro. Dificilmente ao se chegar à localidade não se encontra alguém fazendo pesquisa ou notícias de que pesquisadores estiveram por lá há pouco tempo, embora seja uma missão quase impossível encontrar alguma cópia de um desses trabalhos na comunidade. Em conversa informal com os moradores conseguimos mapear alguns títulos de pesquisadores que fazem ou já fizeram pesquisa na comunidade (historiadores, comunicólogos, arqueólogos, turismólogos, assistentes sociais, pedagogos, designer, sociólogos, linguistas, antropólogos, cineastas, documentaristas, antropólogos visuais, jornalistas, arte educadores, advogados, pessoas ligadas ao movimento negro, geógrafos, médicos, biólogos)



estabelecidas na comunidade na tentativa de evitar exercer qualquer tipo a violência simbólica que viesse prejudicar o resultado da pesquisa:

Pesquisa é uma relação social que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos. Sem dúvida a interrogação científica exclui por definição a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica capaz de afetar as respostas: acontece, entretanto, que nesses assuntos não se pode somente confiar na boa vontade, porque todo tipo de distorções estão inscritas na própria estrutura da relação de pesquisa. Estas distorções devem ser reconhecidas e dominadas; e isso na própria realização de uma prática que pode ser refletida e metódica, sem a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica (BOURDIEU, 2008. p.694)

Minha família possui muitos laços sociais dentro da comunidade e não tem aparentemente nenhuma tensão política interna que me impedisse de obter informações . Pelo contrário as relações facilitaram o acesso às informações. Minha pesquisa metodologicamente teve base em observação direta, pesquisa documental, revisão bibliográfica e entrevistas com agentes sociais.

As entrevistas foram semi-estruturadas. A seleção dos entrevistados se deu a partir da minha primeira informante, a *encarregada* da terra, Neide de Jesus. Para chegar à casa de alguns dos entrevistados fui acompanhado de Cleyton de Jesus, filho de Neide e provável encarregado da Santa.

Durante minha estada em campo fiquei na casa da minha própria família localizada alguns metros da entrada que dá acesso ao centro do povoado de Itamatatua à beira da MA 106. Todos os dias eu fazia a pé o percurso de aproximadamente um mil e quinhentos metro até o povoado, em algumas ocasiões eu cheguei a fazer esse percurso duas e até três vezes, nas horas que permanecia em casa sempre aparecia alguém para conversar comigo.

Outros contatos fiz sem acompanhante, mas sempre que saía alguém de minha família me acompanhava. Nas minhas três primeiras estadas em campo e contei muito com a companhia de um primo, Jeferson Oliveira Pereira, 19 anos estudante filho, de Maria das Graças Oliveira, agente de saúde de Mocajituba II 46 anos irmã mais nova da minha mãe. Em outra contei com a companhia do Jerdeson Oliveira Pereira,

filho mais novo de Maria das Graças, em campo também contei com a companhia de Tacilvan Silva Alves<sup>13</sup>.

Nas incursões que realizei nos povoados mais distantes contei com a companhia de José Rodrigues Pereira, 50 anos uma pessoa extremamente extrovertida e comunicativo muito curioso sobre meu trabalho e que adora andar e conversar, ele é vaqueiro e magarefe muito conhecido na região o que facilitou muito meu transito entre as pessoas.

Os entrevistados foram selecionados com base nas suas experiências de lutas pela terra e por sua relação com a comunidade e com a santa. As entrevistas, em sua maioria foram feitas nas casas das pessoas de forma individual com dia e hora escolhidos pelos entrevistados.

### **1.3 Caracterização dos principais entrevistado**

Neide de Jesus, 64 anos (1948) nascida e criada em Itamatatiua, filha do seu segundo casamento de seu Eurico de Jesus. Em 1992 sucedeu o pai no cargo de *encarregada das terras de Santa Teresa*, atualmente concentra além do cargo de encarregada de Santa Teresa o de Presidente da Associação de Mulheres. Cabe a ela o papel de organizar parte importante da vida social da comunidade bem como a festa em homenagem à Santa, resoluções de conflitos entre moradores, representar a comunidade juntos aos vários eventos.

Ela divide seu tempo entre as atividades de liderança, e seus afazeres pessoais do dia-a-dia como chefe de família, na roça, na produção de cerâmica. Como a maioria dos moradores da comunidade eles dividem seu tempo em varias atividades, como pesca, extrativismo, roça e cerâmica. Neide de Jesus é a principal liderança das terras de Santa Teresa.

A minha relação com o ela se estreitou mais a partir dos trabalhos que eu realizei junto ao movimento dos atingidos pela base de Alcântara a partir de 2007, enquanto pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. O fato de eu ser de Itamatatiua facilitou o estabelecimento de uma relação que veio a se configurar

---

<sup>13</sup> Estudantes de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão, bolsista do PIBIC/CNPQ e assistente de pesquisa do Grupo de Estudo Socioeconômico da Amazônia (GESEA). Ele estava na comunidade para desenvolve projeto de pesquisa sobre festas de santo em Alcântara.

também como relação de pesquisa. Isso se deu principalmente pelas diversas cobranças feitas por ela, para que eu desenvolvesse pesquisa na comunidade.

Em nossos encontros ela sempre foi muito enfática sobre minha responsabilidade enquanto filho de Itamatatiua e sobre meu papel de pesquisador. Segundo ela apesar da comunidade ter sido objeto de pesquisas de diversos pesquisadores, ela sempre ressaltou a importância da comunidade ter algo escrito por alguém nascido e criado em Itamatatiua.

Pedro Oliveira, também conhecido como “Pedro Galo Preto”, foi comerciante, mestre de Barco, negociante, pescador e lavrador, faleceram em novembro de 2011 aos 85, anos. Mesmo sem ser encarregado da Santa, foi um das grandes lideranças reconhecidas pela da comunidade, foi próximo de encarregados como Eurico de Jesus, era do tipo que acompanhava o encarregado quando havia necessidade de mediar conflitos, por varias vezes se posicionou contra a construção de casa no povoado por pessoas que não possuíam nenhum tipo de relação com a comunidade.

Conhecido também por ser uma pessoa muito ligada à cultura local, organizava o bumba meu boi e festa em homenagem a santos como, Santo Antônio, São João, São Pedro e São Maçal. Foi um dos principais líderes da derribada das cercas na década de 1970, além disso, na memória local ele aparece com muita frequência envolvida em episódios na luta pela terra. Nos últimos anos era uma das autoridades quando se referia a historia social do grupo, sendo uma das pessoas autorizada a falar em nome da comunidade sobre a sua historia.

Minha relação com ele era de bastante proximidade, familiar e efetiva, pois ele era o irmão mais novo da minha avó materna. Na relação de parentesco seria meu tio avô. Sempre quando precisei entrevistá-lo, ele repetia as mesmas palavras – eu estou velho não sei mais de nada meu filho, além disso, vai se interessar por uma conversa de um velho com eu? -, entretanto quando eu menos esperava, ele me perguntava se meu gravador estava ligado, e o que eu queria saber mesmo. Sem demora me contava tudo bem explicadinho e de forma bem divertida.

Por vezes eu tive o privilegio dele mandar me chamar na casa dele pois queria me contar alguma coisa. Quando eu estava na comunidade ele sempre mandava recado para eu ir até onde ele, eu pegava meu gravador sentava na calçada da casa dele e ele ia me contando algumas historias. Quando estava em São Luís, sempre me esforçava para vê-lo.

Francisco Noel de Jesus, lavrador casado, 59 anos, faz sempre questão de dizer que é nascido e criado em Itamatatiua, filho de criação de seu Eurico de Jesus. É uma das lideranças sempre presentes nos eventos que envolvem a questão da titulação das terras. Ele é uma das poucas pessoas que tem na memória todos os marcos e limites. Seu Francisco conhece todos povoados que compõem o território de Santa Teresa.

Ele acompanhou seu Eurico de Jesus e Tolentino de Jesus em inúmeras “missões” de resolução de conflitos e apaziguamento. Já percorreu toda a região tirando joias com Santa Teresa, detém a memória das relações da comunidade com os órgãos fundiários estatais, os conflitos com os políticos locais e as varias investidas por parte dos grileiros.

A minha aproximação com seu Francisco Noel de Jesus, se dá principalmente em encontros e reuniões do movimento sociais realizadas em Alcântara sobre a questão quilombola e depois no próprio povoado em momento sociais, em ocasiões para tratar sobre questões de Itamatatiua e ainda nos vários momentos que eu o procurei para combinar entrevistas.

Em campo eu realizei ainda algumas entrevistas complementares que contribuíram com informações elementares para a complementação de dados e para as análises. Os entrevistados foram Evaristo Florêncio Costa, aposentado 94 anos, sua moradia fica a beira da estrada, Laurêncio de Assis, lavrador 45 anos mora no Mocajituba II. Zacarias Nascimento, carpinteiro e lavrador 76, mora localidade denominada Rola, e Clayton Pereira de Jesus, filho da encarregada da Santa e morador do Itamatatiua. Eu aproveitei também alguns trechos de entrevistas de Heloisa Inês de Jesus e Dona Zuleide realizadas na primeira etapa de trabalho de campo em 2008.

Meu principal objetivo de pesquisa consiste a descrição etnográfica de uma festa como elemento de coesão social e de reforço da identidade coletiva e da territorialidade especifica designada como; “terras de Santa Teresa”. A festa é realizada anualmente na comunidade de Itamatatiua, principal povoado, localizado dentro das terras de Santa Teresa. Para a realização da festa a Santa percorre todos os 40 povoados que estão localizados dentro das suas terras e povoados<sup>14</sup> localizados nos municípios de Bequimão, Peri Mirim, Palmeirândia, Pinheiro e Alcântara, onde a Santa foi estabelecendo relações sociais.

---

<sup>14</sup> Vide mapa dos povoados localizado dentro das terras de Santa Teresa em anexo.

O primeiro capítulo, traz as discussões sobre territorialidade específica, rede de relações sociais, os diferentes planos de organização sociais, que envolvem a Santa e os diversos agentes sociais. A ideia é mostrar como os agentes sociais e a Santa vão construindo um processo coletivo de territorialização que tende a extrapolar os limites físicos dos domínios da antiga Ordem do Carmo. Além de estratégias que levam os antigos escravos a resignificarem a relação com a terra introduzindo o regime de uso comum dos recursos naturais.

No capítulo intitulado “Uma Santa: muitas relações,” descrevo os diversos modos dos agentes sociais se relacionarem com a Santa, e o processo ritual da festa em homenagem a Santa e os diferentes agentes sociais que estão envolvidos na realização desse ritual, a importância da festa para a coesão social do grupo e para o processo de construção de uma identidade coletiva de moradores de terra de Santa.

No terceiro capítulo “Os Filhos da Santa: os herdeiros e reivindicação do território como quilombola.” Analiso a gênese social dos territórios quilombolas de Alcântara, descrevendo os principais processos que levaram os moradores a construir identidades coletivas, os momentos pelos quais, eles vão forjando sua relação de luta pela terra, formando uma unidade de mobilização em torno da Santa e quando eles passam a se objetivar em movimentos sociais e a luta pela autodesignação e direitos coletivos.

#### **1.4 Escolha e caracterização do povoado.**

Para realizar pesquisa sobre terras uso comum, escolhi a situação social que envolve as Terras de Santa Teresa de Jesus, como é chamada pelos moradores da região<sup>15</sup>, cujas terras estão localizadas nos municípios de Alcântara e Bequimão, região conhecida como Baixada Ocidental Maranhense. *As terras de Santa Teresa* são compostas por mais de 40 povoados<sup>16</sup>.

Para entender melhor sobre as *terras de Santa Teresa* resolvi proceder minha análise a partir da comunidade de Itamatatua. A escolha do povoado de Itamatatua se deve a alguns fatores básicos: é nessa localidade que estão a capela em homenagem á Santa, residem os *encarregados das terras* e são realizados rituais e as

---

<sup>15</sup> Termo usado no sentido cunhado por Pierre de Bourdieu, no capítulo “a identidade e a representação elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região” em seu livro *o Poder Simbólico*(1989).

sequências cerimoniais de devoção. As pessoas da comunidade de Itamatatiua são agentes que construíram as relações sociais de maior proximidade e intimidade com a divindade. A comunidade também encabeça as ações de luta pela titulação definitiva e pelo reconhecimento da forma coletiva das terras, preservando o regime de uso comum das terras e dos recursos naturais existentes.

Itamatatiua está localizada a 70 km da sede do município de Alcântara, na parte sul. O acesso da sede até a comunidade é feito pela rodovia MA-106, podendo ser de *pau de arara*<sup>17</sup> ou no ônibus que faz linha diariamente entre os municípios de Bequimão e Alcântara.

Outra maneira de se chegar à comunidade, é pela cidade de São Luís, através de um percurso marítimo de Ferry Boat que sai diariamente do Porto da Ponta da Madeira, em São Luís. Um trajeto de aproximadamente 22 km, com duração média de uma hora e meia até o Porto do Cujupe, no município de Alcântara, seguindo por aproximadamente 15 km pela rodovia MA 106 até a entrada da comunidade, sinalizada com uma grande escultura de um pote<sup>18</sup>.

O núcleo ou sítio<sup>19</sup> como chamam os moradores, fica acerca de um quilômetro e meio da entrada. O acesso é feito por um ramal<sup>20</sup> em razoável estado de conservação. No sítio há uma igreja, um cemitério, uma escola, uma pousada, uma quadra poliesportiva, uma *tribuna*<sup>21</sup>, a casa da Santa e algumas poucas casas. Todas em volta do largo de Santa Teresa que é marcada pela presença da santa cruz em frente da igreja. As outras casas estão localizadas em ruas contíguas ao sítio.

---

<sup>17</sup> Tipo de transporte existente na região. É um caminhão com a carroceria coberta por uma lona usada para o transporte de pessoas.

<sup>18</sup> O acesso ao núcleo onde está localizada a maior parte das habitações da comunidade é popularmente conhecido como *ramal do pote* ou pote, sendo o principal ponto de referência da entrada do povoado para as pessoas que não conhecem e os motoristas que fazem o transporte de pessoas para a Baixada Maranhense.

<sup>19</sup> Como os moradores de Itamatatiua denominam o centro do povoado onde estão situados a Igreja, o cemitério, casa da festa, escolas, a santa cruz.

<sup>20</sup> Denominação local para estrada vicinal

<sup>21</sup> Tribuna é o local onde os moradores fazem os bailes, festas dançantes com radiolas de reggae.



Croqui do Povoado Itamatatua

## 2 Capítulo Primeiro

### 2.1 Territorialidade e Rede de Relações Sociais: dos planos de organização sociais

Itamatatiua tem 225 famílias<sup>22</sup>; a distribuição dos moradores dentro do povoado obedece a uma lógica própria baseada em regras tácitas, visto que, essa diferenciação ocorre em um plano interno o que exige do observador um pouco mais de atenção para não deixar a classificação passar despercebida como sendo auto evidente<sup>23</sup>. Resolvi manter aqui as classificações usadas pelos moradores para denominar os seus locais de moradia.

Ressalto que as classificações usadas pelos moradores, não têm o objetivo de discriminar, nem segregar pessoas ou algo do tipo. Quem é da comunidade tem a liberdade de mudar seu local de moradia quando quiser, obedecendo as regras elaboradas pelo grupo. A atual disposição das moradias em Itamatatiua é resultado de várias reconfigurações ao longo do tempo.

A chegada de energia elétrica provocou uma redistribuição dos moradores no povoado. Alguns que viviam na beira do campo entre Itamatatiua e Tubarão a uma distância relativa do sítio optaram por mudar para próximo da entrada, dando origem a uma nova rua. Outros optaram por fixar moradia à beira do ramal ou da rodovia MA 106.

As regras para a troca do lugar da moradia, em Itamatatiua, funcionam da seguinte maneira, quando o local escolhido fica às margens de uma estrada vicinal, o pleiteante consulta os dois futuros vizinhos da direita e da esquerda, se nenhum deles se opuser ele pode fincar moradia. Quando o local fica às margens de um caminho de servidão pública o indivíduo tem que consultar todos os moradores próximos. Tendo o consentimento, pode fincar a casa.

No caso de pessoas de fora, que as relações comunitárias ainda não estejam bem consolidadas com o grupo, mas em construção dessa relação com a comunidade, ele primeiramente fala com o encarregado(a), o encarregado pode mandar consultar os vizinhos ou convocar uma reunião na comunidade. Se ninguém se opuser ele pode fazer a sua casa, caso contrário, ele é convidado a se retirar. Essa é a mesma para pessoas que

---

<sup>22</sup>Aqui estão sendo considerado também as famílias dos povoados de Itamatatiua e Mocajituba II, visto que para efeito analítico tomei os dois sendo o mesmo povoado.

<sup>23</sup>Termo usado no sentido cunhado por Pierre de Bourdieu, (1989) seu livro o Poder Simbólico



desejam trocar de povoado. Essa regra funciona também quando há a venda do patrimônio. Caso os vizinhos não aceitem o comprador, a venda fica embargada.

Quando alguém de fora se casa com alguém da comunidade, tem o direito à construção da casa, possibilitada pelas relações do seu companheiro ou companheira, porém, condicionada às regras supracitadas. Essa espécie de acordo com relação a quem pode fazer casa vale não somente para o povoado de Itamatatiua, mas para toda rede de povoados que compõem as terras de Santa Teresa.

As divisões locais, com denominação própria dos lugares de moradia, não necessariamente refletem divisão interna da comunidade. Esse tipo de batismo ou classificação faz parte de uma tradição<sup>24</sup> de atribuir designações locais aos diferentes agrupamentos e unidade residenciais.

A única designação que não reflete a vontade dos moradores foi a divisão, promovida na década de 1970, de parte do povoado de Itamatatiua, pela antiga Superintendência de Campanhas de Saúde Pública – SUCAM, que separou parte da comunidade de Itamatatiua e a classificou como Mocajituba II<sup>25</sup>. A divisão foi feita com objetivo de facilitar o trabalho dos funcionários da instituição, devido à grande quantidade de domicílios existentes no povoado. Essa divisão, foi assumida pela prefeitura municipal de Alcântara a partir da edificação de uma escola municipal. Entretanto, para efeito de análise irei considerar tudo como Itamatatiua.

A divisão administrativa imposta pelas agências governamentais, não implicou separação social das duas comunidades. Não há delimitação territorial, as relações sociais de amizade, relações de compadrios, parentesco, são tão estreitas que não é possível de se fazer a distinção geográfica ou política organizativa.

Percebe-se que quando os moradores querem marcar uma diferença,<sup>26</sup> entre os dois povoados, ele se referem às localidades pelos nomes; Itamatatiua ou Mocajituba.

---

<sup>24</sup> O termo tradição utilizado tendo por referência o conceito abordado por Hobsbawm (1997). *Tradição*, na perspectiva de Hobsbawm, auxilia pensar essas novas configurações que adotam o tradicional como referência, percebendo-o como construção, relacionado a situações circunstanciais, e não como retorno a um passado. Assim, o termo aqui empregado não se refere a meras repetições ritualísticas presas a um passado imemorial, como resquícios, ou meras repetições mecânicas, fixas, mas como construções, como resultados de situações do presente, sempre se atualizando.

<sup>25</sup> Além do Mocajituba II que foi fruto da divisão da SUCAM, existem os Mocajituba, I e III separados e Itamatatiua pelo campo do Mocajituba.

<sup>26</sup> Em um plano mais informal os moradores de Mocajituba II tratam os moradores de Itamatatiua como moradores do sítio e os de Itamatatiua chamam de Rua, ou Rua do Produto. Este último é uma alusão pejorativa à quantidade de mulheres que moram no início do Ramal do Mocajituba II

Os moradores compartilham todos os locais de plantio de roça, pesca e recursos naturais das proximidades. Pode-se diferenciar o nome do local de moradia usado para efeito de classificação local.

Baseado nas classificações dos moradores, consegui traçar essa divisão interna dos locais de moradias. Para conseguir fazer com mais detalhe, contei com a preciosa ajuda das agentes de saúde de Itamatatiua, Creusa de Jesus e de Mocajituba II, Maria das Graças Oliveira. Foi conversando com elas que atentei para a necessidade de explicar essa dinâmica.

Por vezes, a classificação dos locais de moradia está diretamente relacionada com o ecossistema local, uma árvore nativa, um acidente natural. Certo é que elas passam pelo cotidiano das pessoas. É isso que explica o tipo de classificação usada pelos moradores de Itamatatiua para denominar seus lugares de moradias, ou o local de moradia dos amigos e parentes. Assim, *Bacurizeiro, Ramal, Beira do Campo, Beira da Estrada, Boca da Salina, Poçinho ou Chora, Sítio, Ilha, Rua Principal de Itamatatiua e Rua do Produto*, não são simples classificações, elas apontam a forma de organização social específica da comunidade e a designação que a articula.

O mapeamento desses locais de moradia, conjuntamente com um pequeno censo nessas localidades, nos permite outras possibilidades de análise. Essas pequenas aglomerações formam redes articuladas, que vão ganhando complexidade social e se articulam em um plano mais amplo, transparecendo um conjunto de relações sociais que configuram uma grande teia, até formarem o povoado de Itamatatiua. As redes mostram como a forma de distribuição das pessoas nas unidades sociais tem a ver com as relações de parentesco, tanto consanguíneas, como sociais.

O mapeamento dos lugares de moradias, conjugado com análises preliminares, do censo nos permitiu perceber onde e quais são as principais famílias que formam a comunidade de Itamatatiua. Foi possível também, delinear os lugares onde elas se concentram. Obviamente, que quando se trata de relações de parentesco, como a de Itamatatiua, devemos ter o cuidado de relativizar, uma vez que, as relações de parentesco nem sempre se baseiam apenas no sobrenome das pessoas, ou em laços de sangue, mas sim em relações sociais construídas.

Nessa perspectiva, observei que há quatro troncos familiares principais, que se concentram em locais de moradias distintas, a saber: Os “De Jesus”, que se

concentram principalmente na rua principal Itamatatiua, no ramal, no *Morro*<sup>27</sup>, no Poçinho ou Chora e no Bacurizeiro; os “Dos Santos”, estão situados mais no Bacurizeiro e na Rua Principal de Itamatatiua; os “Costas”, dominam a Beira da Estrada, Rua do Produto, Beira Campo e Ilhas, os “Pereiras”, na Beira do Campo, Ilhas e no Mocajituba II.

Além dessas quatro famílias que denominei de principais, existem outras quatro secundárias, que seguem a mesma dinâmica das quatro primeiras supracitadas. “Barbosa” da Boca da Salina, “Maramaldo”, Beira da Estrada, os “Oliveiras”, e “Ferreiras”, na Beira do Campo e no Mocajituba. A comunidade de Itamatatiua compõe-se de inúmeros territórios de parentesco intimamente entrelaçados. Cabe ressaltar que Itamatatiua não se limita a essas oito famílias, existem outras que não possuem a mesma força de distribuição pelos locais de moradias. Dentro das comunidades há uma rede de relações sociais extremamente complexas, que extrapola as oito famílias mencionadas. Para tanto, temos que ter o cuidado de relativizar a configuração das famílias e perceber como os agentes sociais articulam suas relações.

## **2.2 A Roça: a produção de alimentos nas comunidades**

Itamatatiua é o principal povoado de uma rede composta por 42 povoados<sup>28</sup> que formam as denominadas terras de Santa Teresa. A grande maioria dos moradores da comunidade se autodenomina principalmente de *lavradores*<sup>29</sup>, embora eles desenvolvam outras atividades combinadas com a agricultura, bem como atividades relacionadas à pesca, criação de pequenos animais, ao extrativismo de babaçu e à feitura de peças *louças*<sup>30</sup> de cerâmica, assumidas por algumas mulheres.

O trabalho de roça na localidade é de caráter familiar. Entretanto as relações sociais que permeiam o trabalho na roça apontam a existência de outras categorias ou situações sociais que dinamizam a atividade, bem com; a participação de *trabalhadores alugados*<sup>31</sup> ou mesmo de trabalhadores que estejam interessados na *troca de dias*<sup>32</sup> de

---

<sup>27</sup> Pelo léxico local os morros são pequenas elevações do relevo onde as pessoas fixam moradia.

<sup>28</sup> Veja no anexo II, o mapa dos povoados que compõe as Terras de Santa Teresa.

<sup>29</sup> Conjunto de pessoas que exercem atividades ligadas à lavragem da terra, os moradores cultivam a terra objetivando o sustento de suas unidades familiares.

<sup>30</sup> Louças é a denominação dada pelos moradores às peças de cerâmicas produzidas pelas mulheres da comunidade.

<sup>31</sup> As pessoas que alugam seus serviços durante algumas etapas da roça (período de roçagem, capina, colheita, feitura de cerca), em troca de um determinado valor ou diária. Atualmente a diária de um

trabalho na roça. A produção advinda da roça é destinada a atender a demanda da unidade familiar durante o ano.

Na comunidade, se faz dois tipos de roças, que se diferenciam pelo período do ano em que é feita a roçagem, tipo de plantação e os locais onde estas podem ser colocadas. Os tipos existentes são denominados de roça de tempo e o *sangal*. Os moradores organizam suas atividades relacionadas à *roça* dentro de uma lógica de um “calendário” local específico. As atividades desse calendário variam de acordo com o tipo de *roça*, a espécie plantada e o local onde a *roça* é feita.

A chamada *roça* de tempo é a mais usual na região. Os trabalhadores começam a roçagem em outubro, a queima é feita entre novembro e dezembro o plantio ocorre entre janeiro e fevereiro e a capina em março. O ciclo fecha em outubro com a colheita. Segundo os moradores, as roças feitas em mato fino e na beira do campo são as mais trabalhosas, porque sujam mais e necessitam de cercas.

O roçado sendo o mato grosso a gente começa roçar em outubro e queima no mês de novembro/dezembro. Se for de cercar, cerca no mês de janeiro e planta no mês de fevereiro. O milho a gente pode plantar no mês de janeiro, aí a maniva no mês de fevereiro, mato velho, aí planta no mês de fevereiro e capina no mês de março. Quando termina a capina deixa seguir pra frente (...) Quando chega entre junho e agosto se você quiser, você dá uma abatição, aí já pode colher em outubro a mandioca. (...) ficando para o segundo ano. Quando é roça de segundo ano a gente planta nesse ano e aí vai colher só no outro ano lá pelo mês de agosto, setembro (Laurenço de Assis, 20011)

---

trabalhador alugado na comunidade gira em torno de R\$ 20,00 (vinte reais). O alugado também é lavrador e pode ter optado por não fazer sua roça nesse determinado ano ou também ter sua roça, uma vez que, o período em que aluga seus serviços é curto alguns dias, no máximo uma ou duas semanas, não compromete sua roça.

<sup>32</sup> A troca de dia acontece na comunidade entre lavradores que, na maioria das vezes possuem relações sociais bastante estreitas, tais como: parentesco, compadrio e outras relações de afinidades. Eles formulam uma espécie de contrato tácito que envolve o trabalho na roça de ambos, através do dispositivo de troca de dias. No caso de dois irmãos, por exemplo: João e José, se João for capinar sua roça José oferece um dia de serviço a João (José dá um dia de serviço a João), quando José for fazer sua capina João então retribuirá trabalhando um dia para José. João pagou então o dia de serviço a José. Esse dispositivo é também muito usado por quem não pode pagar um trabalhador alugado, entretanto, uma situação não inviabiliza necessariamente a outra.

		Meses do Ano												
		Período	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Roça de Tempo	Roça de Tempo	Escolha do local								X				
		Raçagem										X*	X	
		Queima Limpa											X	X
		Plantio	X	X										
		Capina/ Abatição			X	X			X	X				
		Colheita/Milho/legumes				X								
		Arroz						X	X					
		Mandioca										X**		

\*Em Itamatatiua o processo de roçagem varia de acordo com o local escolhido para a roça, se for feita na beira do campo, o costume é roçar no mês de novembro, mas se a roça for nos centros ou chãs, o período muda para outubro.

\*\*A colheita da mandioca também depende de onde a roça é feita. Na roça de beira do campo a mandioca fica prota para ser colhida com seis meses, já nas roças de centro e de chã é colhida no ano seguinte.

O *sangal* é uma modalidade de plantio de mandioca, a preparação para o *sangal* ocorre depois do período junino, o seu plantio está relacionado ao tipo de terreno onde a roça é feita. Se for feita na *pedra*<sup>33</sup> planta em agosto. Quando é na terra<sup>34</sup> planta em setembro. O *sangal* é estratégico, pois possibilita uma reserva de mandioca para um período em que a roça de tempo não pode fornecer mandioca para as famílias.

Tem o *sangal*, também é roçado no mês de julho, depois de São João. Se for em cima da chã ou na pedra, planta em agosto e se for na terra planta em setembro e aí a terra ainda está úmida. A terra é o centro, o *sangal* não presta na beira do campo só no centro, na chã, ou na vargem do rio, é mais onde eles roçam *sangal*, qualquer brejo, no *sangal* só planta maniva, porque já vai para o verão o *sangal* é plantado no verão. Quando chega no mês de abril já tem mandioca, capina de janeiro em diante. Esse é diferente da roça de tempo, porque o *sangal*, se ele plantar em setembro no mês de janeiro, ele já ta capinando. Quando chegar no mês de abril, se ele não tiver a farinha, ele já pode se valer. (Laurenço Assis, 2011)

Apesar de o *sangal* ter uma importância estratégica para a produção de farinha, hoje em dia consiste modalidade de roça que é muito pouco utilizada pelos *lavradores*. Essas roças se localizam nas margens de pequenos riachos, nas *chãs* ou nos *centros*. As *chãs* são áreas de terras elevadas, tipos de morros com alturas variáveis, com boa cobertura vegetal, sua superfície é na, maioria das vezes, marcada pela ocorrência de pedras misturadas a terra. Em Itamatatiua existem duas *chãs* bem próximas da comunidade.

Os *centros* são áreas mais afastadas onde as pessoas botam roças. No caso de Itamatatiua a maioria desses *centros* já foram habitados e tem denominação própria. Os *centros* são áreas um pouco mais afastadas dos locais de moradia. Atualmente só alguns desses sítios estão sendo utilizados para roça. Devido à própria dificuldade de acesso e às distâncias, os moradores preferem colocar roças mais próximas de suas casas, nas *chãs* ou na beira do campo. Entretanto, os *centros* hoje são lugares específicos para roças, principalmente para o *sangal*.

---

<sup>33</sup> A roça localizadas na pedra são as feitas nas *chãs*, Os moradores chamam de roça na pedra, devido à grande quantidade de pedras que recobre a superfície das terras das *chãs*

<sup>34</sup> A roça na terra é aquela feita fora da chã, onde não tem pedras.

A colheita também tem seu período mais propício para ser feita, principalmente quando se trata do principal produto das roças dos moradores da região<sup>35</sup>, a mandioca. Dependendo do período, a mandioca pode apresentar maior ou menor rendimento. Os lavradores detêm um saber específico sobre o período da colheita da mandioca que, em primeira análise, parece estar articulada com o calendário religioso seguido na região.

Se colher antes presta, só não pode colher entre janeiro e março. A mandioca está aguada, ela só vai apurar do mês de abril para maio ela já vai apurando, porque no mês de abril na Semana Santa quem tem mandioca já começa a fazer farinha d'água, botar de molho, essas coisas e se ele tiver sangal ainda melhor, o sangal também não pode ser arrancada entre janeiro e fevereiro, porque ela tá degenerada e não rende. A mandioca começa a render esse mês de abril ela tá começando a render, mas ainda não está bem apurada. A pessoa faz porque às vezes não tem outro jeito. Se ele não puder comprar aí ele faz, mais apura. Apurada mesmo é mês de setembro a outubro, tá com todo rendimento em outubro principalmente. Aí quando começa a chover ela degenera (Laurenço de Assis, 2011)

O principal produto com o beneficiamento da mandioca é a farinha que está na base da alimentação. Na região são produzidas dois tipos de farinha que passam por processos distintos: a *farinha d'água* ou de puba e a farinha *seca* ou branca. O processo de feitura da farinha d'água dependendo da quantidade de mandioca leva uns quatro dias. Primeiro se *arranca* e transporta a mandioca da roça, usando animais, para ser colocada de molho por três dias em um riacho. Depois retira-se a mandioca leva-se para a *casa do forno*<sup>36</sup>, onde a mandioca se transformada em *massa d'água* passa pelo *tipiti*<sup>37</sup> é peneirada e depois mexe no forno até ela ficar granulada e com a coloração amarelada.

O processo de feitura da *farinha seca* ou branca obedece outra a dinâmica. Os trabalhadores arrancam a mandioca e a transportam até a casa do forno, onde ela é

---

<sup>35</sup> Procurarei assimilar a noção de região como uma fronteira construída, nem sempre atrelada a uma dimensão meramente espacial ou geográfica (BOURDIEU: 1989)

<sup>36</sup> É a denominação local para casa de farinha, é privado mais de uso coletivo, estando condicionado ao pagamento que é feito em farinha, de acordo com as normas locais que regem as relações entre os moradores.

<sup>37</sup> Utensílio de origem indígena usado para espremer a massa na hora da retirada do tucupi da mandioca

raspada, ralada no *catitu*<sup>38</sup>, colocada no *tipiti* para escorrer, peneirada e levada ao forno, onde é torrada. O processo de feitura de farinha é narrado por um dos moradores:

No mês de abril se ranca mais pra fazer farinha d água para passar a Semana Santa , mais o melhor mesmo é de setembro a outubro. Pra fazer farinha d água é só rançar, colocar no boi e botar de molho dentro da água. Três dias tira, descarrega e leva para a casa do forno, espreme no tipiti, penera, bota no forno e meche (guarimã). A farinha seca dá mais trabalho. As pessoas têm que rancar, colocar para a casa do forno, raspar, ralar, espremer e só aí levar pro forno. (Laurenço de Assis, 2011)

O processo de produção de farinha, por vezes evidencia algumas relações sociais, visto que é necessário o trabalho de várias pessoas para ajudarem no processo. Muitas vezes esse conhecimento sobre a feitura da farinha escapa da esfera familiar. Nesses casos o dono da mandioca usa das relações sociais para produção da farinha: contrata “trabalhadores alugados”, ou mesmo realiza a ‘troca de dias’ de trabalho com outro lavrador.

A seguir, construímos uma tabela contendo os principais locais usados pelos moradores para colocar roça. Alguns desses locais são utilizados por moradores de mais de uma comunidade. A tabela é um recurso ilustrativo e não esgota as áreas usadas por todos os moradores dos povoados das terras de Santa Teresa. Cada local tem sua própria área de plantio, onde colocada as roças. Às denominações, como Chãs, Beira Campo e Centro são invariáveis. A tabela está direcionada aos locais costumeiramente usados para a feitura de roça, pelos moradores da comunidade de Itamatatiua, as outras comunidades seguem dinâmicas parecidas.

Tabela I: Roça

Principais locais de roça	Centro Jaguaripe, Centro de São Raimundo Madeira, Centro de Nhá-Iria, Centro do Bituba, Bitubinha, Beira do Campo, Quintais, Chã, Vargens de Riacho
Locais de preservação	Chã do Meio

<sup>38</sup> É um instrumento que tritura a mandioca transformando-a em massa.



### 2.3 Especificidades de Itamatatiua

Quando se indaga, alguém de Itamatatiua sobre a “origem do lugar”, as pessoas costumam buscar uma justificativa histórica, baseada na memória construída coletivamente e que foi transmitida ao longo das gerações, como forma de explicar o surgimento da comunidade.

Os moradores costumam se autoidentificarem enquanto moradores de terra de Santa Teresa. Eles buscam reconstruir a história através de seus relatos orais, fruto de uma memória coletiva, para explicarem como Santa Teresa passa a condição **de proprietária** das terras ocupadas por eles, juntamente com uma rede de outros agentes distribuídos em diversos povoados e, ainda, como eles se tornam legítimos herdeiros da Santa.

Perceber que, nesses grupos, quando se trata de reafirmação de identidade acaba apreendendo nos discursos sempre uma memória coletiva, havendo pouquíssimas variações, apenas no modo de narrar às histórias dos povoados, mas esta sempre se articula de acordo com a posição ocupada pelo grupo;

A memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertencimento a um grupo do passado comum, que compartilha memórias, ela garante o sentimento da identidade do indivíduo colocado numa memória compartilhada não só no campo histórico do real, mas sobre tudo no campo simbólico (KESSEL .p.3)

A memória individual tem como base a memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior do grupo (HALBWACHS, 2004, p. 78; 81) não há memória que seja somente “imaginação pura e simples” ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito;

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004, p.55).

Segundo Halbwachs (2004, p. 75-6), uma reconstrução do passado, através da lembrança, se dá com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada.

Ao reconstruírem a história das terras de Santa Teresa, os agentes sociais incorporam elementos de sua própria história de vida, enfatizando principalmente as relações estabelecidas por eles e seus antepassados com a Santa, com a terra e com os recursos naturais.

#### **2.4 A História Social das Terras de Santa Teresa: uma etnografia dos documentos:**

Para entender melhor, o contexto do surgimento das terras de Santa Teresa, é preciso compreender, seus fundamentos históricos. Para efetivar a ocupação do seu vasto território do novo mundo, a Coroa Portuguesa, se valeu da implementação de uma política de distribuição de terras. através das sesmarias<sup>39</sup>, direcionada para alguns setores da sociedade portuguesa. Nesse processo, houve uma intensa participação de Ordens religiosas, que se habilitaram em participar da empresa colonial.

As ordens religiosas<sup>40</sup> se constituíram, em um dos principais agentes fomentadores da empresa colonizadora no Brasil Colônia, conforme Sá. (2007) durante o século XVI organizaram-se as grandes unidades produtivas controladas pelas ordens dos jesuítas, carmelitas<sup>41</sup> e mercedários, na região dos atuais municípios de Alcântara e Bequimão. Tais ordens tinham no trabalho escravo<sup>42</sup>, a principal força motriz de seus

---

<sup>39</sup> As sesmarias foram as normas jurídicas do Reino que orientaram a distribuição da terra aos colonos. Em suas origens, o regime jurídico das sesmarias liga-se aos das terras comunais da época medieval, chamado de *communalia*. Uma sesmaria media aproximadamente 6.500m<sup>2</sup>. O vocábulo sesmaria derivou-se do termo sesma e significava 1/6 do valor estipulado para o terreno (Raimundo Lopes 1957). Para Alcântara vieram as três principais ordens daquela época: Companhia de Jesus, Nossa Senhora das Mercês e a Ordem de Nossa Senhora do Carmo. As três ordens conseguiram formar um grande patrimônio por todo Brasil. Na antiga Tapuitapera, a grande Aldeia dos Tupinambás não foi diferente, as três ordens formaram um considerável patrimônio que contava com conventos, hospícios, igrejas, terrenos e grandes propriedades rurais.

<sup>41</sup> As carmelitas chegam ao Brasil na segunda metade do século XVI (1580), fundam o primeiro convento em 1583, o Santo Antônio. Na primeira metade do século XVII (1640) foram divididas em duas vice provincial: a do Maranhão com três conventos e a do Brasil com nove conventos. Vide MOLINA, Sandra Rita. A MORTE DA TRADICAO: a ordem do Carmo e os escravos da Santa contra o império do Brasil. Tese de doutoramento da Universidade de São Paulo 2006

<sup>42</sup> Os primeiros a serem submetidos a trabalhos compulsórios pelas Ordens Religiosas foram os nativos, com as medidas Pombalinas do século XVIII, que envolveram a proibição do uso do trabalho do nativo nas propriedades religiosas e a criação da segunda Companhia de Comércio que visava dinamizar a economia das províncias do Maranhão e Grão-Pará, permitiu também a entrada de cativos africanos como escravos nas grandes propriedades rurais da sub-capitania de Cumã, da qual Alcântara era cabeça, devido sua grande pujança econômica, na época chegava a rivalizar com São Luis e Belém.

empreendimentos que acompanhou o mesmo processo de expansão que caracterizou todo o sistema agroexportador regional.

A partir da segunda metade do século XIX, o modo de produção assentado no tripé grande propriedade, monocultura e mão de obra escrava, adotado pelo Brasil, entrou em processo de desarticulação, devido à queda dos produtos de exportação no mercado internacional, mais precisamente o algodão. A crise do sistema colonial foi tão forte que provocou uma mudança no cenário regional.

Fatores como a desagregação dessas grandes fazendas, provocadas por diversos fatores tais como: leis abolicionistas, proibição do tráfico negreiro e pela proliferação de centenas de quilombos no território brasileiro. No Maranhão, especificamente na área em estudo com a desagregação das grandes plantações de algodão e de cana-de-açúcar, tem-se um cenário bastante específico, o abandono das grandes propriedades de terras pela aristocracia local face à resistência dos escravos, que essas alturas já mantinham o efetivo controle das terras,

Segundo Almeida (2006), nessa área de colonização antiga, após a desagregação das grandes propriedades, de ordem religiosa ou de particulares, ex-escravos e libertos mantiveram-se nessas terras, quer por meio de doação, aquisições, ou pelo apossamento face ao abandono dos proprietários.

Essas situações, que se referem aos agentes sociais e às terras por eles ocupadas resultaram em diferentes relações sociais que envolvem formas próprias de autodesignação e apropriação da terra, identificadas e elencadas por Almeida (1975 e 1989), Prado (2007) e Sá (2007)<sup>43</sup>. Dentre elas destacam-se: terras de preto, terras de santo, terras de índio, terras de parente, terras de ausente, terras de Santa, terras de santíssima, terras de pobreza e terras de herdeiros.

As formas de classificação descritas acima partem dos próprios grupos e, embora se caracterize pelo uso comum da terra e dos recursos naturais, cada um desses territórios apresentam especificidades, resultado de seu processo histórico particular.

---

43Na década de 1970 uma equipe coordenada pelo professor Roberto da Matta (Museu Nacional) realizou pesquisa na Baixada Maranhense. Tratava-se de uma pesquisa com caráter interdisciplinar, solicitada patrocinada pelo Centro de Estudos, Pesquisa e Planejamento (CEPLA) em parceria com o Instituto de Pesquisas Econômico-Sociais e Informática (IPEI), cuja parte antropológica fora coordenada pelo referido professor tendo como referência empírica a região da Baixada Maranhense, notadamente os municípios de Alcântara e Bequimão. Faziam parte da equipe, além do professor Roberto da Matta, os pesquisadores: Regina de Paula Santos Prado e Laís Mourão, João Pacheco de Oliveira Filho, Terri Aquino, Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Esse embrião de autonomia produtiva foi se consolidando nas décadas seguintes, erigindo as chamadas terras de pretos e convergindo para uma situação de aquilombamento abarca também os próprios índios que, com o afastamento dos diretores, em 1798, construíram sua própria autoridade, independentemente de tutelas, sobre as chamadas terra de santo e terras de caboclos e estabeleceram relações sociais comunitárias e associativas com escravos fugidos das fazendas, refugiados em seus domínios, e com os povoados que foram sendo formados com a derrocada das fazendas de algodão. Semelhante ação social baseia-se em uma necessária aproximação de interesses de autodefesa de áreas de algum modo delimitáveis, num momento em que os fazendeiros, seus antagonistas históricos, achavam-se circunstancialmente por demais debilitados economicamente para reprimir durante essa forma de autonomia (Almeida 2006b, p.47)

Na literatura maranhense, há referências explícitas sobre esse abandono, e de como os fazendeiros levavam todos os pertences restantes após a desagregação das fazendas<sup>44</sup>, inclusive telhas, pedras, louças. Entretanto os intelectuais ilustrados que escreveram sobre o período preferiram denominar como o período da *decadência* da cidade.

Tem-se, é um processo de reconfiguração de todo esse cenário que envolve a grande propriedade nesse período, provocado pelo desmembramento informal desses extensos domínios da grande propriedade, que passa a não se configurar mais como uma unidade de produção.

Os agentes sociais, estabelecidos na região, forjam uma dinâmica própria baseada no surgimento de uma constelação de pequenas unidades produtivas, autônomas, baseadas no trabalho familiar, na cooperação simples entre diferentes grupos domésticos e no uso comum dos recursos naturais.

Todo esse processo de reconfiguração ocorrido no século XIX, na estrutura agrária do Brasil vai possibilitar aos moradores das antigas áreas de propriedade das Ordens a denominarem os espaços territoriais, que estavam circunscritos a determinado padroeiro, como sendo de propriedade legítima desses santos. A forma que esses agentes sociais encontraram para garantir o acesso á terra, apesar de colidir com os

---

<sup>44</sup> Com o abandono de Alcântara pela sua classe senhorial que se transferiu para São Luís e para outros lugares, no século XIX houve um declínio socioeconômico nos moldes tradicionais. Entretanto, o que marca esse momento em Alcântara é a permanência de todo um contingente de agentes sociais composta por indígenas, negros africanos recém libertos, uma vez que a classe senhorial saiu levando até as pedras (VIVEIROS, 1950) (MONTELO, 1978) (ALMEIDA, 2003)

instrumentos de classificação jurídica formal vigente, possibilitam o domínio sobre grandes porções de terras.

Assim, a representação da Santa proprietária implica a impossibilidade de submeter as leis do mercado de terras a unidade territorial que ela monopoliza apenas enquanto garantia face aos pressupostos de legitimação do sistema jurídico dominante. Mas se, perante a sociedade abrangente, trata-se da propriedade privada da Santa, ao nível das relações objetivas entre os camponeses e a terra, trata-se da propriedade comunal, a Santa simbolizando interesses comuns quantos aos direitos camponeses sobre a terra (SÁ, 2007, p. 124)

Tornar as terras patrimônio da Santa foi uma forma que os ex-cativos das ordens encontraram de burlar o mercado de terras, garantindo seu domínio sobre determinada fração de terra, o que possibilitou a esses grupos sua reprodução física, social, cultural e religiosa. Tomadas como propriedades privadas dos padroeiros, essas áreas ficavam sob administração de uma família de ex-escravos e, com isso, foram impossibilitados de serem dispostas ao mercado de terras.

As terras de santo (a), não são ocupadas somente por ex-escravo, mas por uma série de outros agentes sociais submetidos à condição de marginalizados, que estavam às margens de aquisição formal de terras. Essas áreas se caracterizam principalmente pelo uso comum das terras e dos recursos naturais. Nesses moldes, Almeida (1995) conceitua terra de santo como sendo:

Terra de santo, pode se dizer que ela se refere a desagregação de extensões pertencente a Igreja Católica. A desagregação das fazendas de algodão, a partir da segunda década do século XIX, levou a que imensas extensões exploradas por ordens religiosas (Jesuítas e depois carmelitas) no Maranhão fossem abandonadas ou entregues a moradores, agregados, índios destribalizados e submetidos a uma condição de acamponesamento, que ali já cultivavam. Nesses domínios, a molde de outros com fundamentos históricos aproximados passaram a prevalecer formas de uso comum, mesmo após as autoridades eclesiásticas terem interferido e entregue formalmente essas terras à administração do Estado. Em finais do século XIX, ao santo padroeiro destas fazendas foram sendo adotadas denominações próprias, que recobriam seus limites e lhes conferiam unidade territorial. Nas chamadas terras de santo, entretanto, as formas de uso comum coexistem, ao nível da imaginação dos moradores, com uma legitimação jurídica desses domínios, onde o santo pode aparecer representando como proprietário legítimo, a despeito das formalidades legais requeridos pelo código da sociedade nacional

Para os agentes sociais que ocupam essas terras tanto na condição de trabalhador como na de morador, a propriedade das terras cabe aos padroeiros introduzidos pelas antigas ordens. Esses agentes sociais, não reconhecem outra modalidade de classificação da terra que não esteja abarcada por terras de dono ou terra de santo.

## **2.5 Subversão a Ordem: o processo de construção das territorialidades específicas**

Esse domínio dos agentes sociais, forjado simbolicamente sobre uma área específica, possibilitado por diferentes planos organizativos, deu origem a situações identificadas e classificadas por Almeida<sup>45</sup> (2006) como territorialidades específicas, que são construídas histórico e socialmente, tomando como base relações sociais específicas vivenciadas por cada grupo, no momento de estabelecer e legitimar seu domínio sobre determinadas extensões de terras.

Cada situação histórica de acesso a terra possibilita a formação de uma determinada territorialidade específica. Sendo assim, as territorialidades específicas se constituem em meios que permitem a grupos marginalizados justificarem suas propriedades, baseados na memória coletiva que apontam para várias formas de aquisição dos territórios por eles ocupados.

Adiantando na análise das inter-relações, pode-se asseverar que tais territorialidades específicas se interpenetram simbolicamente, consoante o tipo de critério que possibilita sua delimitação em diferentes planos organizativos, fazendo, por exemplo, com que as intituladas *terras de preto* ou as de *terras de caboclo* se imbriquem com as *terras de santo* e com as chamadas *terras de herdeiros* sem se imbricarem necessariamente entre si. Nessa ordem, elas não seriam redutíveis a uma noção de terra, enquanto recurso básico, ou a uma distinção de domínio, quer dizer, entre posse e propriedade. (ALMEIDA. 2006a, p. 38)

As doações são narradas, referindo a uma temporalidade bem anterior a 1888, o que evidencia uma autonomia dos grupos sobre essas propriedades que antecede

---

<sup>45</sup> Por territorialidade específica, Almeida entende como resultante de diferentes processos sociais de territorialização e como delimitando dinamicamente terras de pertencimento coletivo que convergem para um território. Vide Almeida, Alfredo Wagner B. de. **Os quilombolas e a base de foguetes de Alcântara**, vol I. Brasília: MMA, 2006<sup>a</sup>

e muito o processo abolicionista. A formação das territorialidades específicas, necessariamente, não vai implicar uma dissidência única dos herdeiros. Segundo Almeida (2006a) em Alcântara houve a formação de uma série de territorialidades específicas, que envolvem situações únicas, bem como: terras de pobreza, terras de santíssima, terras de santo, terras de Santa, pobre, terras de herdeiro, terras de preto, terras de caboclo.

Existe uma complexidade das relações sociais, dentro das territorialidades específicas. Cabe analisar também, a forma como os agentes sociais organizam suas relações de produção, baseado no uso comum da terra e dos recursos naturais, uma vez que, apesar das territorialidades específicas terem se originado de processos históricos diferenciados, a forma de uso das terras e dos recursos naturais são praticamente invariáveis. Segundo Almeida (2006b), o processo de territorialização em Alcântara concentra-se em uma forma de existir e produzir, baseado no sistema de uso comum dos recursos naturais e numa reciprocidade positiva entre as famílias de diferentes povoados.

No caso de Itamatatiua, tomei como base varias narrativas dos agentes sociais locais, que foi documentado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (1999, p. 3), segundo o qual a fazenda Tamatatiua foi doada à ordem das Carmelitas pelo Donatário Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, no ano de 1745, através de testamento. Os *pretos* só ficaram com o controle da fazenda, com o declínio da empresa colonial e com o posterior processo de reconfiguração delineou-se a rede de povoados que formam as terras de Santa Teresa.

O povoado de Itamatatiua ou Tamatatiua como era designado nos documentos do século XVIII, originou-se da antiga fazenda de propriedade da Ordem Carmelita dedicada a Santa Thereza na localidade Tamatatiua. De acordo com o ofício enviado 06.07.1797 pelo governador Fernando Antônio Noronha, encaminhado ao ministro Rodrigo de Souza Coutinho o inventário dos bens das ordens religiosas no Maranhão, (IPHAN, 1999, p. 2)

Ainda na primeira metade do século XIX, os responsáveis pela fazenda de Itamatatiua abandonaram o lugar, ficando as terras sob o controle dos ex-escravos.

Entretanto, para esses agentes sociais que estão situados dentro da referida área e para os moradores da circunvizinhança, a Santa permanece como proprietária dessas terras

Para a população camponesa da antiga propriedade da Ordem do Carmo, as terras que ocupam passam a ser consideradas terras “da Santa”, formulação que se vê reforçada, não só pela permanência da capela erguida em homenagem à padroeira da ordem, Santa Teresa, periodicamente visitada por um sacerdote, quanto pela preservação da instituição do “encarregado das terras” que se torna um cargo hereditário, mantido e respeitado pelos moradores dos vários povoados. (SÁ 2007, p. 65)

O atual *sítio* de Itamatatiua, denominação local do núcleo central do povoado, ou seja, a parte do povoado que tem a maior importância social e simbólica dentro das terras da Santa. Sítio em algumas localidades também serve para diferenciar o local de habitação de o lugar da roça. Essa não é uma regra que necessariamente se aplica à comunidade de Itamatatiua, uma vez que, a parte considerada como sítio pelos moradores se restringe ao largo de Santa Teresa<sup>46</sup>.

O sítio ganha uma dimensão simbólica ainda maior, como o local da morada da Santa, visto que é nesse lugar que está edificada sua igreja. É onde fica a Santa cruz, a casa da Santa, o cemitério, a tribuna de festa em sua homenagem, a pousada, a escola, uma quadra de esporte, dois pés de tamarineiros. É o local, onde ocorrem os ensaios preparatórios da festa, onde ocorre a procissão, do pagamento de promessas e do festejo em homenagem a Santa Teresa.

O local se configura como um território sagrado e consagrado às relações sociais entre a Santa e seus devotos, afilhados, parentes e demais moradores da sua terra. O sítio, nesse caso, passa a ser, também, o local onde os processos rituais<sup>47</sup> e cerimônias mais importantes acontecem.

## **2.6 A Serviço da Santa: o cargo de encarregada**

O *cargo de encarregado das terras* está sob a responsabilidade de uma família da comunidade de Itamatatiua por várias gerações. Segundo SÁ (2007, p. 65) “é um cargo hereditário, mantido e respeitado pelos moradores dos vários povoados”. Existe um acordo tácito que garante ao encarregado administrar as terras e os bens da

---

<sup>46</sup> O local também é chamado de praça de Santa Teresa, onde são realizados partilhas de jóias recebidas pela Santa em promessas

<sup>47</sup> vide TURNER, Victor W. O processo ritual. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.



Santa, como aponta Prado (2007, p. 63) “é uma pessoa da comunidade, indivíduo responsável pela administração dos ‘bens da Santa’ e da arrecadação de uma contribuição<sup>48</sup> dos seus moradores”.

Quanto ao fato do cargo de encarregado ser ou não hereditário, as narrativas da comunidade são conflitantes. Alguns moradores mais velhos apontam, para uma rotatividade do cargo entre os moradores de diferentes povoados tempos atrás. O cargo teria se tornado hereditário, a partir de Crispim de Jesus, antecessor de seu Eurico de Jesus, devido a dificuldade de pessoas com disponibilidade para assumir as responsabilidades do cargo. Entretanto, as narrativas convergem, quando se trata da necessidade do aval das pessoas das comunidades para que o novo encarregado assuma.

O cargo de *encarregado* de Santa Teresa é, a mais elevada posição política no que tange à liderança dentro do território de Santa Teresa. Hoje, esse cargo não pode ser exercido por qualquer pessoa, existem certos requisitos que devem ser preenchidos para uma pessoa se tornar encarregado, esses requisitos são regidos por convenções tácitas existentes na comunidade.

O cargo é de responsabilidade de uma determinada família do povoado, cabe a algumas comunidades fazerem essa escolha, participam as comunidades mais próximas. A escolha é feita de forma tradicional, em reunião e costuma não sair da família, como lembra a atual *encarregada*;

Olha o primeiro que conheci era Crispim, era tio de papai, aí. Aí porque tradição daqui era assim era de família por família, por exemplo, quando a gente morre ou não quer mais, aí não é dizer assim jogar uma pessoa, bota fulano, não, a gente tem que fazer uma reunião, com todas as comunidades e escolher uma pessoa, mas não que seja de fora, tem que ser da mesma família, para assumir a responsabilidade. Quando Crispim morreu, foi papai, Severo meu tio e João Lera, que era meu tio também aí foram para Alcântara, aí lá que foi escolhido que ia ficar como encarregado, se era papai, se era Severo ou se era João Lera aí eles escolheram papai (NEIDE DE JESUS, 2011)

Pelo que pude observar, não há restrição quanto ao gênero para assumir o cargo de encarregado das terras de Santa Teresa. Neide de Jesus é a atual encarregada. Tem 62 anos, é nascida e criada em Itamatatiua. Ela assumiu o cargo no início da

---

<sup>48</sup> Essa arrecadação se dá mais em períodos que antecedem a realização dos festejos em homenagem a proprietária e padroeira.

década de 1990, depois que o pai, senhor Eurico de Jesus, o último encarregado, ficou doente e já não dava mais conta de resolver as questões referentes às terras da Santa. Então houve a convocação da comunidade à Igreja para a escolha do sucessor do seu Eurico, como mostra o depoimento a seguir:

Antes era em Alcântara lá nos padres, aí papai levou, levou, levou aí papai botou Tolentino, meu irmão, era já ele que resolvia as coisas, mais Tolentino morreu primeiro que papai, aí papai não dava mais conta que vivia doente, aí a gente convocou de novo a comunidade, aí a gente foi pra igreja tinha muita gente, aí disseram quem podia ficar era eu, porque eu era filha de papai (NEIDE DE JESUS, 2011)

Neide de Jesus é, a segunda filha do segundo casamento do seu Eurico, e assumiu o cargo de encarregada, aproximadamente 20 anos. O cargo exige tratos políticos, personalidade mediadora, uma vez que é tarefa do encarregado mediar todos os conflitos que surgem dentro das terras. É ele que se encarrega de tomar as providências, quando alguém desobedece às regras de usos dos recursos naturais, quando não resolve a contento, as outras pessoas da comunidade tendem a criticá-lo

Isso é uma preocupação muito grande, se eles quiserem fazer uma casa eles têm que vir pedir e a gente tem que amostrar, qualquer confusão eles vêm e a gente tem que conformar os dois, esse negócio de terra, de tirar madeira essa coisa, dantes era tranqüilo agora que tá mais difícil com esse negócio de tiramento de madeira (NEIDE DE JESUS, 2011)

Entretanto, a missão do encarregado não se resume em zelar pela comunidade de Itamatatua, mas sim por todo o território, uma vez que, quando se tem um problema relacionado à terra em qualquer um dos povoados que está dentro das terras da Santa a mediação é feita por ele. É o *encarregado* que fornece o documento para aposentadoria como lembra Neide de Jesus (2011)

As pessoas de outros povoados vem mais do que os daqui, vem todo mundo, é qualquer um, que quiser fazer uma casa, ou quando arrumam uma confusão, e papel para se aposentar, no tempo de papai vinha muito mesmo, as vezes papai sai de madrugada para ir resolver questão aí, agora eles já deixaram mais, já é mais é Tubarão, Raimundo Sú.

As outras famílias atuam como ‘fiscais’ e a maioria das decisões é tomada de forma coletiva através de reuniões realizadas na igreja de Santa Teresa. Na maioria das ocasiões em que o *encarregado* é chamado para resolver alguma questão fora de Itamatatiua, ele forma uma comissão, composta por um ou dois moradores de Itamatatiua e do povoado em questão.

As pessoas chamadas pelo *encarregado* para ajudá-lo, são moradores da própria localidade. Reconhecidamente exercem certa liderança na área de conflito; como mostra o depoimento do senhor Zacarias, um antigo morador do povoado Tubarão.

Quando foi um outro dia aí teve um pára pra acerta com Linoca mais Paulista e a turma de Maria mais Tomaz. Aí elas vieram por aqui, eu disse: olha eu não vou e ela disse: não, tu vai (...) aonde que esse roçado é bem aí adiante da campina, que atingiu uma parte minha Linoca. Então de manhã eu vou agora eu não vou. Aí de manhã eu fui, deu pouquinho gente mesmo, veio dona Neide do sitio e Reginaldo. O resto não quiseram mais vim. Aí nós conversamos lá. Aí escutei as idéias deles. Aí ele apontou por onde ele podia roçar, ta lá o roçado dele cercado e aí de lá pra cá, não fizeram mais nada (ZACARIAS, 2011)

O cargo de encarregado, além de ser um cargo político, possui também uma forte carga simbólica, junto aos grupos que vivem dentro das terras de Santa Teresa, uma vez que este é visto como representante da Santa. Essa relação do encarregado com a Santa dificilmente é posta em dúvida.

Em Itamatatiua, percebi formas de liderança que se diferenciam e que podem causar certas confusões a pesquisadores mais desatentos, tal como o cargo vitalício de *encarregado* que goza de todo um prestígio político entre os moradores dos povoados localizados dentro das terras de Santa Teresa.

O prestígio do encarregado se deve ao fato dele ser visto como alguém que tem uma relação de confiança com a Santa. Ele simboliza o interesse coletivo pela posse das terras por parte dos moradores. A relação de confiança da Santa com o encarregado não é contestada, uma vez que a Santa não o rejeitou, as pessoas dificilmente o colocarão em dúvidas também.

## **2.7 Mulheres da Santa: as lideranças de Itamatatiua**

A outra posição de liderança que se destaca em Itamatatiua é, a presidente da Associação de Mulheres<sup>49</sup>, a quem é delegada a função de representar a comunidade nos eventos. É através da associação de mulheres que se busca e administra os projetos da comunidade, que media as relações com o governo e agências de fomentos. Sobre a administração da associação está também o centro de produção de cerâmica e a pousada da comunidade.

A escolha de quem vai ocupar a cargo de presidente não está baseada na tradição, como no caso do encarregado e sim em votação dos associados. A duração do mandato é limitado a um período de dois anos, e só ser pode ser ocupado por mulheres<sup>50</sup>.

Passa pela associação de mulheres uma série de decisões políticas da comunidade. Cabe a presidente a responsabilidade de manter as relações da comunidade com agências governamentais como os movimentos sociais, visto que toda demanda que surge para a comunidade é direcionada a associação de mulheres. A presidente mantém uma relação muito próxima da encarregada da Santa e da guardiã da pedra. As decisões políticas envolvendo a comunidade parecem depender muito dessa relação entre as três.

---

<sup>49</sup> A Associação de Mulheres de Itamatatiua foi fundada em 1989 como um clube de mães. Torna-se associação de mulheres na primeira década do século XXI, quando a comunidade começa a estabelecer relação com algumas agências governamentais de fomento, no sentido de organizar a produção de cerâmica da comunidade, com o objetivo de fazer uma distribuição de suas peças de modo mais sistematizada no mercado externo.

<sup>50</sup> A associação de mulheres permite que homens se associem, entretanto, só elas exercem o cargo de presidente.

## 2.8A Pedra do Direito: as representações, o documento da terra da Santa.

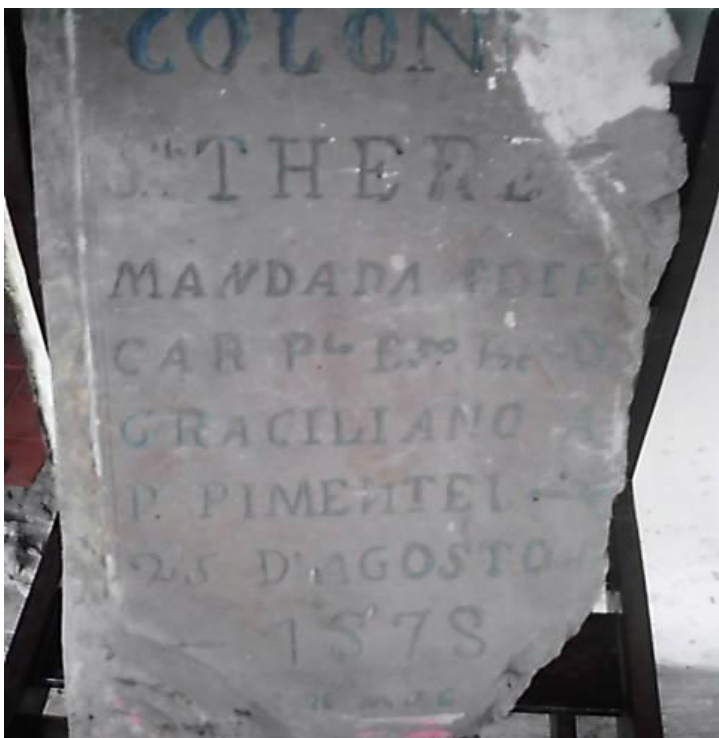


Foto Pedra Documento

Há também a guardiã da “*pedra documento*”. Esta pedra vem tendo um papel histórico emblemático e fundamental para a comunidade conservar a posse sobre a terra. Devido a sua importância para a comunidade, a pedra fica sob guarda permanente de uma determinada pessoa da comunidade. A *guardiã da pedra* também acaba por exercer um destacado papel de liderança da comunidade.

Segundo relatos de moradores a pedra foi deixada na igreja da comunidade pelos membros da ordem do Carmo. Quando a comunidade resolveu fazer uma nova igreja<sup>51</sup> para Santa Teresa, na década de 1950, a pedra foi retirada e posta sobre guarda da família encarregada pela terra.

---

<sup>51</sup> Segundo documento do IPHAN, houve uma reedificação da igreja dedicada a Santa Teresa em 1866, pelo Prior Provincial frei Custódio Bastos, entretanto, a comunidade afirma que a atual igreja foi feita pela comunidade através do recolhimento de jóia entre os vários povoados tanto nas comunidades do município de Alcântara e Bequimão como é narrado por Zuleide de Jesus: “Essa igreja aí é de 56, as que as carmelitas deixaram caiu e a gente fez outra só que ninguém sabe, porque quando fomos derrubar a outra, eu fui com o finado Tolentino no departamento de União. Foi lá e eles disseram que não podia desmanchar, porque era histórico essa igreja, *agora de taipa*, só se fosse metendo pau toda vez, a primeira que caiu foi em 54, mais Santa Teresa é safada como que, eles fizeram de luxo e muito grande, tinha duas sacristias uma na frente e outra atrás, foi o padre do Carmo que deu essa planta o padre Popi. O velho Crispim não queria mais fazer outra igreja eu disse não o povo já falou demais, que a gente era só comer, extraviar, uma Santa rica dessa para tá em uma nojura daquela, mais quando eu me meti, me meti mesmo, mas eles disseram que não aí fazer, eu debati muito porque diziam que a gente só faziam só comer e estragar, teve duas pessoas que me disseram isso de testa, eu disse: eu não vivo só disso, eu trabalho muito para Santa Teresa, eu tinha prazer mesmo em trabalhar para Santa Teresa. Eu mandei chamar os pedreiros seu Guilherme, seu Bambino, Zé Domingos, Paulo Chuteira, Roque que trabalhava com Crispim chegou, ei Dona Zuleide, ei Dona Zuleide, seu Crispim vai mandar voltar os pedreiros, que não tem condição, que o dinheiro dessa igreja gastaram tudinho, foi gasto todinho. Eu tive assim baixado a cabeça e disse: não volte que eu vou botar ela na rua, aí eu garrei, João Muela e Maximiano e um garoto e ganhamos aí o mundo. Nós fomos para o porto de Cabloco, de lá eu fui para Guaíba, de lá eu atravessei para Alcântara, chegou lá dei com um parente da velha Luzia Antonia Clarinho e essa dona Isabel disse: tu tá em casa, agora tu anda e depois tu vai andar mais, eu andei muito para fazer essa igreja

O que pode parecer uma simples pedra com letras gravadas que não faz muito sentido para quem é de fora, mas a eficácia simbólica da pedra para os moradores de Itamatatiua é muito forte e visível. Eles a tratam como uma relíquia sagrada que remete a garantia de direitos. A pedra representa simbolicamente os papéis deixados pelas carmelitas e lhe garante direito. É a prova da doação das terras para Santa Teresa.

A pedra tem importância fundamental para as comunidades localizadas dentro das terras de Santa Teresa, uma vez que, sempre que eles estiveram em alguma situação que necessitou de provas materiais sobre o domínio da terra. Eles fizeram o uso, de forma estratégica dessa pedra para provar sua condição legítima de donos da terra, uma situação ocorreu na década de 1970, quando políticos de Alcântara e Bequimão tentaram vender as terras da Santa para os próprios moradores, como mostra o depoimento a seguir;

Depois apareceu um vendimento de terra, aí esse pessoal mesmo aí de Alcântara, aí seu João Leitão e um tal de Lobão, mais não é esse que é...Aí vieram aí um dia fizeram uma reunião a noite em Itamatatiua pra vender as terras, ai eu disse, é eu não podia comprar, mas se eles iam vender, se eles achassem que podiam vender até a quilo, eu é que não podia comprar. Aí depois fizeram uma reunião aí e fomos em Alcântara. Nós fomos 22 pessoas para Alcântara, fretamos o carro de Gordo. Eu fretei e nós fomos. Chegou lá era povo como que lá. Quando eu cheguei e saltamos lá na praça, Juca Martins já estava lá no cartório, na janela, lá na hora foi chamado, *se levou a pedra que é os papéis da Santa, antigamente é uma pedra de cimento () aí se levou, foi feito essa pedra porque cupim não comia e água não diluía.* Agora ela espocou uma vez quando a casa pegou fogo, espocou umas letras da pedra, e chegamos lá e a terra era para vender. Aí foi um advogado de lá. Aí um advogado me disse: é a terra era para vender, a terra era do trabalhador, a terra era do povo mais tinha chegado a época de vender, ai eu disse, peguei ate assim na abertura da minha camisa e disse: Doutor esta camisa é minha eu ainda vou vender ela. Ele disse: por quê? O senhor disse que a terra é do povo e é pra vender, como? Então eu tenho essa camisa eu sei que é minha e eu ainda vou comprar esta camisa, não eu não vou comprar (Pedro Oliveira, 2011)

---

(...) fui no Rio Grande, com pouca fui lá no Alegre, Ladeira, da Ladeira foi em Marmorana, de lá fui para Janã. Quando eu cheguei foi com 500 mil réis, eu saí três vezes para fazer essa igreja. Fui aqui para Bequimão e foi com batuque, que eu disse que eu não ia mais de escoteiro, aí fui em Bequimão, eu trouxe 2500. Quando cheguei foi outros quinhentos. Eu disse para meu padrinho que não dava para a gente fazer a festa em outubro este ano e era para deixar pra fazer em dezembro e quando terminasse a festa eu ia tirar jóia novamente para terminar, porque faltou a torre e o couro e fui trabalhar ainda para fazer” (Zuleide de Jesus, 2007)

Existe toda uma memória coletiva em torno da pedra, ela aparece em várias situações de disputa que envolveu alguns antagonistas das comunidades em relação à terra. A pedra é vista como um documento, que assegura a posse da terra pelo grupo. A importância da guardiã está relacionada com todo o simbolismo que tem a pedra. Os moradores interpretam as inscrições cravadas na pedra como sendo uma espécie de termo de doação da terra à Santa.

Por todo simbolismo que envolve a *pedra documento*, explica também a importância de quem exerce a função de guardiã como liderança da comunidade. Atualmente a guardiã dona Heloisa de Jesus, é a filha mais nova de seu Eurico de Jesus e irmã da encarregada das terras Neide de Jesus. Os cargos de encarregado e guardiã estão ligados a mesma família.

Tanto a encarregada quanto a guardiã tem muita força política dentro da comunidade, devido as relações que cercam as funções. Na maioria das vezes elas atuam como conselheiras da presidente da associação de mulheres. Outra situação observada que ocorre no Itamatatiua com relação às lideranças, além do fato de ultimamente todas serem mulheres<sup>52</sup> é que o cargo de presidente, as vezes, coincide de ser ocupada ou pela *guardiã* ou pela *encarregada*, como ocorre atualmente, uma vez que Neide de Jesus acaba de ser escolhida para comandar a associação de mulheres nos próximos dois anos.

Quando dois cargos de liderança ficam sob a égide de uma liderança ela se reforça politicamente, uma vez que ela vai exercer tanto a liderança junto as comunidades que formam as terras de Santa Teresa, possibilitada pelo cargo de encarregado ou de guardião da “pedra documento”, quanto ter a legitimidade delegada pela comunidade para representá-la politicamente em outras esferas. Esse privilégio só pode ser alcançado por quem goza de uma das duas posições de liderança escolhidas pelo que chamam de tradição

## **2.9 A Inversão da Ordem: a reinvenção do uso da terra e dos recursos naturais pelos negros de Santa Teresa.**

O processo de reconfiguração vai possibilitar aos agentes sociais, abandonados pelos ex-senhores e mesmo pelas antigas ordens religiosas, dinamizarem

---

<sup>52</sup> Nos últimos 20 anos os três principais cargos de liderança de Itamatatiua são ocupados por mulheres.

as formas de acesso a terra e forjarem regras específicas para o uso, tanto das terras como dos demais recursos naturais existentes.

No caso dos moradores da antiga fazenda Tamatatiua, possibilitou o estabelecimento de uma relação do conjunto de povoados com o poder da divindade configurado nas três imagens da Santa. Essa relação se dá em diferentes níveis, perpassando os limites territoriais que pertenciam à ordem religiosa, construindo uma forma de territorialização específica, não baseada, portanto, em aspectos fixos, geográficos, mas entendido enquanto “fator de identificação, defesa e força” (ALMEIDA, 2006, p. 101).

O modo como os agentes sociais, que vivem nas terras de Santa Teresa organizam seu estilo de vida é, bem particular, caracterizando-se por uma maneira própria de usar a terra com vista a garantir aos grupos sua reprodução física, social, cultural e religiosa.

As terras e os recursos naturais são apropriados pelos moradores como bens de uso comum. De certa maneira, nesse processo os indivíduos acabam por combinarem duas situações tidas aparentemente como antagônicas: a noção de propriedade privada com o uso comum das terras e dos recursos naturais. A terra é representada e vivida com um recurso aberto. Isso é possível devido aos laços de solidariedade e interfamiliares bem estabelecidos, que permitem ao grupo uma coesão social a partir de acordos tácitos que propiciam a preservação dos espaços de uso comum e a garantia de acesso a todas as unidades familiares.

Nas terras de Santa Teresa o acesso aos recursos mostra-se inalienável e aberto. O uso da terra é destinado a atividades estritamente familiares, sendo permitido conjunto de moradores apenas fazer casa, áreas de plantio roça ou extrativismo, mas nunca se apropriar da área de uso comum de modo individual. As terras de Santa Teresa se caracterizam, por serem usadas sob uma modalidade de uso de forma comum pelos moradores, entretanto, o resultado da produção é de apropriação individual familiar.

O sistema de uso comum possui algumas especificidades. O fato das famílias usarem a terra e os recursos naturais de forma comum, não significa necessariamente que o resultado obtido desse uso seja também comum. Aliás, o resultado é apropriado individualmente quando se trata da produção, agrícolas das áreas de plantio, dos pomares e dos quintais próximos às casas.



Nesse sistema, o cabe a cada família cuidar de seu trabalho de forma individual. As famílias são livres para colocarem a roça em qualquer lugar destinado para este fim, conforme as regras elaboradas pela comunidade. Depois que a colheita é efetuada, o local passa pelo processo de *capoeira*<sup>53</sup>, ela poderá ser utilizada por qualquer família ou pessoa da comunidade para colocar uma nova roça. É essa a dinâmica empregada pelos grupos nessas localidades o uso comum. Organiza a possibilidade de apropriação dos recursos naturais.

Em algumas comunidades localizadas dentro da propriedade da Santa, o processo de feitura da roça pode até ser realizada de maneira coletiva, entretanto, depois do período da limpeza, os moradores individualizam o “empreendimento,” seja por meio de pequenas cercas, seja por meio de linhas divisórias. O processo de plantio é uma necessidade coletiva, mas o tipo de produto e a quantidade a serem plantado vão depender de cada família.

## **2.10 Marcos Estabelecidos: recursos abertos**

As regras do uso comum são válidas para os moradores dos diferentes povoados localizados dentro das terras da Santa. Nessa região é corriqueiro os moradores de diferentes povoados compartilharem locais de roça, campos naturais, rios, igarapés, áreas de pesca e portos dentre, outros. Ainda que existam formas estabelecidas pelas comunidades, como marcos<sup>54</sup> simbólicos de delimitação de territórios, o que necessariamente não implica em território fechado;

---

<sup>53</sup>Os moradores denominam como capoeira os locais usados de antigas roças, o período de encapoeiramento é o tempo que o local fica se regenerando. A duração do processo de encapoeiramento varia de acordo com o lugar onde a roça é feita pode levar até 10 anos para poder receber uma nova roça

<sup>54</sup>PEREIRA JUNIOR define os marcos de território quilombola como sendo “instrumentos tradicionalmente utilizados pelas comunidades quilombolas para servirem como indicativo do limite das terras entre duas ou mais comunidades. Eles podem ser representados por várias formas e segundo a circunstância, recebem designações específicas. Nesse sentido, podem tanto corresponder à acidentes naturais ou a um lugar específico, relacionado a algum componente da paisagem local, que se destaque entre os demais, servindo como ponto de referência (nascente de um rio ou igarapé, o próprio rio, árvore e cocais dentre outro);quanto pode ser um produto da ação dos moradores, isto é, algo construído ou plantado com essa finalidade precípua. Tais fronteiras intra-povoados são instituídas segundo um acordo tácito entre moradores dos povoados envolvidos, constituindo uma das expressões culturais da relação sistêmica, entre eles um componente básico das formas de uso comum dos recursos” PEREIRA JUNIOR, Davi. **Quilombos de Alcântara: território e conflito – Intrusamento do território das comunidades quilombolas de Alcântara pela empresa binacional, Alcântara Cyclone Space**. Manaus Editora da Universidade federal do Amazonas, 2009a.

Apesar das comunidades instituírem marcos divisórios, que traduzem formas de direitos territoriais, eles não equivalem exatamente a um cercamento, posto que é livre o trânsito de acesso e uso comum de recursos naturais, considerados básicos consoante as relações sociais estabelecidas entre as famílias moradoras das diferentes comunidades (PEREIRA JUNIOR, 2009, p. 36)

Tomando a experiência das comunidades que pertencem as terras de Santa Teresa, é possível perceber a existência de uma variação do trabalho em áreas coletivas para uma apropriação privada da produção pela unidade familiar. As relações de produção, portanto, se desenvolvem no seio da unidade familiar, sendo que as relações comunitárias<sup>55</sup> no tocante à produção advinda da roça praticamente inexistem.

Os moradores tomam como propriedade individual o local de moradia ou *patrimônio*, formado pela casa da família e o quintal. O quintal é parte integrante da casa. Os moradores usam esse espaço para cuidar das pequenas criações (aves e suínos), onde guardam os animais de uso doméstico (burro, jumento e boi ). O quintal é o local onde fazem pequenas plantações para fins fitoterápicos, ou mesmo, para complementar a dieta alimentar (frutas, verduras, ervas, temperos, entre outros). No caso de Itamatatua, o quintal também é visto como espaço social importante para a reprodução física, social e cultural do grupo, aí as mulheres conversam e entabulam mecanismo de defesa d seus direitos.

As áreas usadas para moradias podem ser cercadas e ficam sob o domínio da família. Quando uma família deseja mudar o seu local de moradia ou de povoado pode vender o patrimônio construído, ou seja, apenas as benfeitorias, desde que obedeça as regras do grupo. O terreno e as plantações passam ao domínio coletivo, uma vez que voltar ao domínio da Santa.

Atualmente, o sentimento de posse das pessoas sobre os terrenos, onde eram situadas as suas antigas moradias, vem sendo fonte de conflitos internos muito fortes nas comunidades localizadas dentro das terras da Santa. Visto que, em muitas ocasiões os moradores mesmo depois de mudarem o local de moradia e não possuírem mais nenhum tipo de bem que possa se configurar como patrimônio. Dentro das regras tácitas do grupo, insistem em continuar com o domínio sobre o terreno, onde já possuíram

---

<sup>55</sup>As relações comunitárias no caso das terras existente nas terras de Santa Teresa emergem em momentos mais específicos, principalmente quando se trata de discussões envolvendo a terra, bem como no período em que os moradores das comunidades são convocados pela encarregada para fazer o processo de abatição das picadas que margeiam os limites das terras da Santa , ou mesmo, quando se juntam com a finalidade de fazer reparos na igreja ou qualquer serviço para Santa Teresa.

casa. Há casos que efetuaram inclusive, a venda dos terrenos, indo contra as regras tradicionais do grupo. Entretanto, os moradores costumam aplicar sanções apenas quando o comprador é de fora. Isso ocorre através da manifestação dos vizinhos, que contestou e exigiu a escolha do futuro vizinho.

A forma de organização, baseada no uso comum utilizada pelos moradores nas terras de Santa Teresa, não deve ser confundida com o uso comunal<sup>56</sup> nas propriedades dos senhores feudais na Idade Média. Quanto às terras comunais, havia restrições baseadas em uma rígida hierarquia social. No caso do uso comum, as regras são estabelecidas pelo próprio grupo e primam pelo direito de acesso de todos a todas as áreas e recursos naturais.

## **2.11 Campos Naturais: seus deferentes usos**

Os campos naturais se constituem em locais extremamente importantes para os moradores das terras de Santa Teresa. São áreas de uso comum encarados como um recurso natural pela comunidade. Eles servem como grande reserva de pescado, uma importante rota de comunicação, através dos igarapés, baías, com outros municípios da denominada Baixada Maranhense<sup>57</sup>, como o município de São Bento, Peri-Mirim, Bacurituba dando acesso a outros importantes pontos de coleta de alimento. O campo é estratégico para a comunidade manter seus pequenos rebanhos bovinos, ovinos, caprinos, suínos e animais de pequeno porte, principalmente no verão e para a produção de cerâmica.

---

<sup>56</sup> A propriedade do senhor feudal sustentava-se em uma tripartição fincada em: Manso Senhorial, Manso Servil e Terras Comunais. O manso senhorial era de utilização exclusiva do senhor feudal. Entretanto, os servos eram convocados para trabalharem de 2 a 3 dias por semana nesta terra, sendo que toda produção era destinada ao senhor feudal. As terras destinadas ao uso dos servos chamavam-se Manso Servil. Os servos as usavam e delas deveriam tirar o sustento da família e também pagar as taxas e impostos ao senhor feudal. A condição de servo passava de pai para filho, assim como o direito de usar estas terras. Área do feudo de uso coletivo ou terras comunais eram os bosques, florestas e pastos. Porém, dependendo do feudo existiam regras para sua utilização. Em muitos locais da Europa, era comum a proibição da caça realizada por servos em terras comunais. Os servos podiam levar seus animais para pastarem nestas terras, assim como pegar lenha.

<sup>57</sup> Região política e ecológica maranhense caracterizada pela presença de campos naturais, ou perizis que ficam alagados durante seis meses do ano. A baixada é marcada por grande quantidade de ilhas, *tesos*, lagos, igarapés e rios que a ligam às baías de São Marcos, Cumã e ao Atlântico. Essa comunicação com o mar no período colonial facilitou o estabelecimento de vários portos, com objetivo principal de dinamizar os empreendimentos coloniais na região, visto que na baixada se concentravam quase todos os engenhos de cana-de-açúcar do Maranhão colonial e para onde foi direcionado o maior contingente de escravos africanos trazidos para o Maranhão, principalmente pela Companhia de Comércio Pombalina do Grão Pará e Maranhão no século XVIII.

Os campos naturais são usados também, para criação de *gado*, porcos e patos, sob o regime de uso comum pelos moradores de diferentes povoados. Isso, leva à falsa impressão da existência de um rebanho único. Para identificar a quem cada animal pertence, os moradores fazem uma marca com ferro quente nos quartos dos animais e contendo as letras iniciais do nome do dono. O *vaqueiro* um agente social que toma conta dos animais reconhece a quem pertence cada cabeça através da marca feita a ferro nos quartos dos animais.

No caso dos porcos, a marcação é feita com uma *divisa*, um tipo de corte, nas orelhas do animal. É pela *divisa* que o dono diferencia seus porcos dos outros, como cada *divisa* tem sua singularidade, os moradores são capazes de identificar o dono do animal através da *divisa*. Quanto aos patos, cada dono sabe quantos tem e quais exatamente são os seus. Esses animais são usados na dieta alimentar dos moradores, nas festas e nos momentos cerimoniais, mas sua principal finalidade é servir como uma “poupança”, para suprir as necessidades emergenciais.

A dinâmica dos campos naturais varia de acordo com a época do ano<sup>58</sup>, uma vez que o ano apresenta um período de cheia<sup>59</sup> e outro de seca<sup>60</sup>. Esses dois estágios influenciam diretamente a vida da comunidade. Nessas áreas se têm a cada seis meses cenários completamente diferentes.

### **2.11. 1 O campo e a feitura de cerâmica**

É dos campos naturais que mulheres as do povoado de Itamatatiua retiram a matéria-prima para feitura de *louças*<sup>61</sup> e peças decorativas produzidas à base da argila que elas retiram do campo. Não se sabe ao certo, como começou a história da

---

<sup>58</sup>Nessa região não se tem as estações do ano bem definidas de forma convencional como inverno, primavera, outono e verão. Tem-se o período chuvoso que se inicia no fim do mês de dezembro até o mês de junho e o período seco que dura de julho a dezembro

<sup>59</sup> O período de cheia vai de janeiro a julho, nesse período ocorre a reprodução dos peixes, os portos ficam mais pertos, os rebanhos são postos na beira das ilhas e tesos ou mesmo em pequenos currais, feitos junto dos patrimônios dos moradores. O deslocamento de determinadas regiões fica comprometido aumentam os percursos entre as comunidades, essas mudanças influenciam diretamente na dinâmica dos povoados, principalmente aquele que fica localizado à beira do campo.

<sup>60</sup> O regime de seca inicia em julho quando as chuvas começam a diminuir e acaba em dezembro, como o início das primeiras chuvas. Nesse período as distâncias até os portos que dão acesso a outras áreas de reservas de alimentos, tendem a aumentar. É o momento da retirada do barro para a produção da cerâmica pelas mulheres de Itamatatiua, período de pesca nos campos naturais, período que os rebanhos voltam a circular livremente nos campos.

<sup>61</sup> Louças é como são chamadas as peças de utensílio para uso domésticos, produzidos, pelas mulheres da comunidade de Itamatatiua. Essas peças são produzidas já há alguns séculos, costumam ser usadas pelos moradores, vendida para os povoados vizinhos e até exportadas.

comunidade com a produção de cerâmica<sup>62</sup>. Não existe certeza se quando a propriedade foi doada a ordem do Carmo já havia produção, ou se foi um empreendimento fomentado pela ordem. O certo é, que a “herança” ficou e como o fim do domínio dos religiosos<sup>63</sup>, a produção da cerâmica ganhou dinâmica própria na comunidade

As grandes olarias (ou cerâmicas) no molde das carmelitas, responsáveis pela produção de telhas e tijolos em grande quantidade para a comercialização. Foram substituídas por pequenas olarias, unidades produtivas familiares, destinadas a suprir a demanda da localidade e dos povoados próximos. Já a cerâmica de uso doméstico ou *louças* passaram a ser uma atividade quase que exclusiva das mulheres, um segredo guardado nos fundos das casas onde permaneceu até 2005, quando as mulheres produtoras de cerâmicas se uniram em associação e lutaram pela construção de um centro de produção coletivo (PEREIRA JUNIOR, 2009, p. 9)

A continuação da feitura de louças na comunidade muito se deveu ao fato dos moradores conseguirem manter sua autonomia e o controle sobre a antiga fazenda carmelita; “*Os pretos de Santa Teresa*”<sup>64</sup> ficaram com o domínio efetivo sobre as terras de Santa, o que possibilitou a reprodução física, social e cultural do grupo” PEREIRA JUNIOR (2009b).

Com o deslocamento da produção para o seio das pequenas unidades familiares, há também um deslocamento das relações sociais que permitem ao grupo garantir sua reprodução social e cultural, no caso específico da cerâmica, que é reinventado nos fundos das casas. A partir do *quintal*, a feitura de *louças* ganhou uma dinâmica própria, recriando as relações sociais, baseando-se nos costumes e tradições,

---

<sup>62</sup>Em Itamatatua os homens também produzem cerâmica. Essa produção passa quase que despercebida, devido ao sucesso e a importância que as peças produzidas pelas mulheres tomaram. Portanto, o trabalho dos homens com a cerâmica resulta em outra dinâmica quando comparado ao trabalho das mulheres. No domínio de um saber coletivo, há uma idéia tácita de divisão da produção das peças entre gênero. Com o domínio específico das mulheres sobre a produção denominada, nos códigos lingüísticos locais, de *louças* e peças decorativas, ao cargo dos homens ficou o domínio da produção de cerâmica de construção.

<sup>63</sup> Para PEREIRA JUNIOR, 2009b, p. 8 Com o fim dos grandes empreendimentos das carmelitas em Itamatatua, houve uma reconfiguração do lugar, visto que o controle sobre a terra passou para os escravos. A produção passou a ser organizada a partir de então nas pequenas unidades familiares e caracterizada pelo uso comum da terra e dos recursos naturais nela existentes. Com essas mudanças, o processo de produção da cerâmica ganha uma nova dinâmica e algumas especificidades, como a separação da produção de utensílios domésticos, as denominadas *louças*, da cerâmica voltada para a construção civil (telhas, dos tijolos e das lajotas).

<sup>64</sup> Como são conhecidos os moradores da comunidade devido à predominância de pessoas negras. Segundo relatos de moradores, a denominação *pretos de Santa Teresa* surgiu com a doação pelas carmelitas de um casal de negros para a Santa, quando a ordem abandonou o povoado. Os negros doados então receberam o sobrenome “Jesus”. Há sucessivas histórias mágicas e mitos que permeiam o imaginário, dos moradores do atual território de Itamatatua e nas terras circunvizinhas, de defesa incondicional dos negros pela Santa. Todos os nascidos em Itamatatua possuem em seu nome “Jesus”.

como no caso da troca de dias costumeiramente usada para as relações referentes à roça e que é adaptado para a produção da cerâmica.

Este é o caso do surgimento da relação de troca entre as mulheres na feitura de suas peças. Entretanto, a troca aqui não tem um sentido comercial ou puramente material. A troca ganha o sentido de intensificação das relações sociais do grupo que vai permitir uma permuta de experiência e do conhecimento interno. A permuta ou troca de dias de serviços entre parentes, comadres e familiares é bastante característico das denominadas comunidades tradicionais, principalmente na roça. São as reinvenções das relações sociais que permitem o uso do trabalho coletivo para a produção individual, mas familiar (PEREIRA JUNIOR, 2009b, p. 9).

No período em que a louça era produzida nos fundos das casas, a mesma era distribuída por barcos e canoas<sup>65</sup>. A comunidade escoava sua produção através de dois portos: um porto de inverno e outro de verão. O porto de inverno era dentro da comunidade e as peças saíam pelos quintais das casas em canoas através do campo. O porto de verão era bem mais afastado e as peças tinham que ser transportadas no lombo de bois até o local de embarque no Porto do Igarapé do Itamatatiua que desemboca na Baía de São Marcos.

As casas do povoado de Itamatatiua têm, quase na sua totalidade, como quintal parte dos campos naturais maranhenses, que é o fornecedor da argila, matéria-prima utilizada pelas mulheres para a feitura das peças, além de facilitar na acomodação e exportação das peças, principalmente no período chuvoso.

A retirada da argila obedece algumas regras elaboradas pelas mulheres, baseadas em um conhecimento tradicional de domínio apenas das mulheres mais experientes do grupo. O local da retirada do barro é feito de acordo com o período do ano<sup>66</sup>. A extração ocorre com campo seco entre julho e dezembro, as mulheres aproveitam para formar uma reserva para trabalhar no inverno.

---

<sup>65</sup> Só a partir da segunda metade do século XX, com a abertura da Rodovia MA 106, a distribuição passou a ser feita também através de caminhões.

<sup>66</sup> O processo de extração da argila segue um calendário cuidadosamente controlado pelas mulheres, relacionados aos períodos de verão e inverno que determinam os períodos de seca e de cheia do campo. Na maior parte do verão, período em que o campo está seco, as mulheres não costumam fazer reserva de matéria-prima visto que há possibilidade de extrair o barro novo a qualquer hora, o processo de construção da reserva para trabalhar no inverno é feito no final do verão para trabalharem com tranquilidade no inverno. Outra estratégia usada pela mulheres no inverno é fazer apenas peças pequenas.

O processo de extração do barro é controlado pelas mulheres, obedecem a regras tácitas de preservação ecológica do campo, que inclui o cuidado com o tempo de descanso do local, onde foi retirado o barro e quantidade de barro retirado, suficiente apenas para a produção das peças. Todo esse cuidado se dá para que no futuro elas não venham passar por dificuldade para encontrar matéria-prima com um eventual esgotamento do campo. Elas procuram preservar sua fonte de matéria-prima pensando no futuro e na qualidade da produção das peças (PEREIRA JUNIOR, 2009b, p. 15)

Elas retiram o barro de diferentes partes do campo para permitir a recuperação do campo e não costumam retirar barro nos locais de extração recente. Só as mais experientes escolhem os locais para retirar a argila. São elas que detêm o saber de reconhecer o melhor o melhor barro para a feitura das peças;

A gente já sabe que as primeiras camadas não serve, porque ai é mais um tijunco do campo. Barro assim não serve. (...) Às vezes a gente abre um barreiro assim e diz hô! Mais esse barro aqui é ótimo! É bom! Aí a gente tira. Por outro abre um há! Esse barreiro aqui, isso não vai prestar (...) porque não segura arria os potes. Tem as veias que o barro é bom (...). (Maria dos Santos 2009).

Existe, uma estreita relação entre o universo feminino e a feitura da cerâmica. A maioria dos espaços sociais de feitura das peças são espaços de domínio feminino. As mulheres Itamatatuiá expressam, a partir do saber da feitura de *louças*, sua leitura de mundo. As peças, de certa forma, acabam por se tornarem a representação coletiva da visão de mundo de todo o grupo, a partir de elementos próprios, que levam a uma identificação coletiva e que expressam a percepção dos seus mundos.

A cerâmica contribui também, para consolidar as relações sociais entre os moradores dos diferentes povoados, pois as peças produzidas em Itamatatuiá eram vendidas principalmente para as comunidades localizadas dentro das terras da Santa e nas comunidades e municípios próximos. Essas relações comerciais possibilitaram um trânsito entre esses agentes sociais e intensificam ainda mais as relações das pessoas com a Santa. A cerâmica contribui para fortalecer o processo de territorialização e para a consolidação das terras de Santa Teresa em território.

### 2.11.1.1. A cerâmica e reforço da identidade

A feitura das *louças* se constitui em uma atividade que articula diferentes planos sociais das famílias de Itamatatiua, além de se constituir em possibilidade de interação com o exterior. Nesse sentido, é possível entender diferentes aspectos da comunidade de Itamatatiua a partir de observações sobre essa técnica que poderíamos chamar de tecnologia social, no sentido de articular os aspectos econômicos, sociais e rituais da comunidade (MARTINS: 2008).

Os próprios espaços sociais de feitura das peças são espaços femininos, como os *quintais*. As mulheres Itamatatiua expressam a partir do saber da feitura de *louças*, como são denominadas localmente as peças de cerâmicas. As peças acabam se tornando também uma representação coletiva da visão de mundo de todo o grupo a partir de elementos próprios, que levam a uma identificação coletiva e que expressa a percepção dos seus mundos.

O sentido da produção orienta-se pelo uso doméstico e não necessariamente comercial. Isso não significa que as famílias não possam vender à produção, entretanto, a orientação do que produzir e como produzir deve passar por esse saber,. As mulheres têm o domínio exclusivo do saber e da produção, o que não deixa de ser uma particularidade importante e que não deve ser desprezada ou modificada externamente;

Quando se trata desse sentimento de pertença, pouco importa à comunidade quem individualmente domina a técnica, se homens ou mulheres, se determinada família em detrimento de outras. Importa o sentimento coletivo que leva a identificação e Itamatatiua como terra da cerâmica, representada inclusive por um pote localizado na entrada da comunidade.(PEREIRA JUNIOR, 2009. p.51)

Para os moradores de Itamatatiua o que está em jogo na feitura da *louça* é todo um sistema de significação que é traduzido a público partir desses símbolos. Visto que, toda a comunidade tem uma relação com as peças, que perpassa os diferentes planos sociais.

Essa relação entre moradores de Itamatatiua e a feitura de *louça* foi sendo construída ao longo do tempo, essa relação se fortaleceu a ponto de permear toda a comunidade que tomou esse saber como parte da sua identidade. Nessa perspectiva a construção da identidade no povoado se aproxima muito da noção de auto-atribuição e a atribuição por outros de (BARTH 1997 p.32).



Os moradores das comunidades localizadas dentro do território de Santa Teresa têm como base do sustento de suas famílias a feitura de roça, na pesca, no extrativismo e na feitura de cerâmica. Os locais de pesca são imprescindíveis para a reprodução física e social das pessoas. São regiões utilizadas de forma comum por moradores de diversos povoados.

## **2.11. 2 O campo e os processos de territorialização**

Os agentes sociais estabelecidos no território de Santa Teresa estão inseridos em uma complexa rede de relações, que permite acesso a uma região formada por um conjunto de recursos naturais composto de lagos, campos naturais, igarapés, manguezais, ilhas, rios, portos, enseadas, pontas e abas. Essa região<sup>67</sup> é usada de forma comum por pessoas de diferentes povoados e municípios que, além de usar, cuidam da preservação ecológica dessas áreas, uma vez que inúmeros grupos dependem do equilíbrio desses locais para a sua reprodução física e social.

Os campos naturais e igarapés concentram uma grande quantidade de pequenos portos<sup>68</sup> usados pelos moradores para acessarem essas áreas de reserva de pescado. O trânsito intenso de pessoas de diversas localidades acabou por forjar uma complexa rede de relações, mediadas por regras próprias de uso desse território de pesca. A tabela a seguir foi feita a partir de narrativas de moradores da localidade que

---

<sup>67</sup> Essa região ecológica está localizada entre os campos de Itamatatiua, Tubarão, Pontal Campos de São Bento, Peri-Mirim, Baía de São Marcos e Igarapés do Baltazar, Igarapé do Mocambo e Igarapé ou de São Bento e abrange 5 municípios: Alcântara, Bequimão, Peri-Mirim, São Bento e Bacurituba e uma quantidade usada de forma comum por pessoas de diferentes povoados e municípios.

<sup>68</sup> Cabe ressaltar que antes da construção da MA 106, que liga Três Marias em Pinheiro a Alcântara e da construção do porto do Cujupe, o acesso às comunidades se dava através do campo. A comunicação com São Luís era feita via Baía de São Marcos, Mãe do rio<sup>68</sup> de São Bento para depois pegar o afluente à esquerda ou Primirim ou Itamatatiua. Os barcos de transporte de passageiro eram de pessoas da própria comunidade e saíam de São Luís, da Paria Grande, do Portinho ou do Porto da Camboa e atracavam ou no porto do Primirim ou Itamatatiua. Após a construção da MA 106, em meados da década de 1970, que ligava o porto de Itaúna ao restante da baixada maranhense. Essa estrada foi ampliada até Alcântara no fim da década de 1970. O porto de Itaúna foi substituído pelo porto do Cujupe, que passou a fazer a comunicação entre a capital e parte da baixada. A praça de Santa Teresa, em Itamatatiua, passou por poucas mudanças. Os portos e a importância do campo para o deslocamento das pessoas explicam o fato de hoje, quando ao se chega ao local onde os moradores da comunidade de Itamatatiua denominam como sendo o sítio, tem-se a impressão de que a igreja foi construída com os fundos para a entrada. Entretanto, quando a atual igreja foi edificada, na década de 1950, foi construída com a frente para a entrada principal do povoado onde hoje é o ramal de acesso era apenas mais um caminho de servidão pública.

utilizam a área para pescar. É uma tentativa de ilustrar, ainda que de forma breve<sup>69</sup>, um pouco da complexidade da região

Tabela II

Campos	Itamatatiua, Mocajituba, São Bento, Bacurituba, Tubarão, Marajatiua e Grande
Rios	Mocajituba, Canajá Velho, Rio da Vô, Itamatatiua, Rio de São Bento, Rio do Pontal, Rio do Tubarão
Igarapés	Santo Antônio, Itamatatiua, Manoel Inácio, Primirim, Macaco, Tubarão, Joaquim dos Santos, Itaúna, Cujupe, São Bento, Baltazar, Mocambo
Portos de passageiros	Cujupe, Itauna, Primirim, Itamatatiua, Praia Grande, Portinho ou Desterro, Camboa
Porto de pesca	Cujupe, Itauna, Primirim, Itamatatiua, Lastreira, Pindoba, Tubarão, Porto da Bandeira,
Ilhas	Ilha Grande de João Chico, Ilha Grande de Bastãozinho, Ilha Grande de Gerivaldo, Ilha Grande de Cristino, Ilha das Paçhas, Maria Rita, Ilha de Marcos, Boca da Salina
Barragens	Jacaré, Itamatatiua, Tamanduáí
Lugar de pesca	Apicum, Cabral, Difunto, Beira da Costa, Puída do Puciano, Lago do Tubarão, Repartimento, Pacau, Salina, Tamanduáí, Mangueiro Sozinho, Cavalo de Pau
Tipo de pescado	Bagre, Pacamão, Urubarana, Traira, Acará, Tamatá, Sarapó, Jéju, Siri,

<sup>69</sup> A tabela levou em consideração as localidades citadas como mais importantes para as comunidades, deixando escapar alguns rios, campos, ilhas e braços de igarapés de menor importância neste processo.

	Caranguejo, Camarão, Traioto
Baias	Baia de São Marcos
Municípios	Alcântara, Bequimão, Peri-Mirim, São Bento e Bacurituba

Esses locais nem sempre estão dentro dos limites físicos do que compreende as terras da Santa. Muitas vezes escapam aos limites administrativos municipais, entretanto quando se trata do acesso a esses recursos naturais, o mais importante são as relações estabelecidas pelos grupos com esses locais ao longo do tempo;

Os limites físicos não significam recursos naturais fechados, como ocorre no caso da noção de propriedade privada de imóveis rurais, e remetem para uma interpretação bastante complexa sobre a qual a estrutura a noção de territorialidades... Os marcos delimitadores das terras de cada povoado pode ser livremente transpassados pelos membros de outros povoados, embora o uso efetivo e continuado de recursos naturais, dentro desses limites, esteja condicionado aqueles que ali tem morada, cultivo habituais e se autodefinem e são visto como pertencentes à comunidade, que administra a sua reprodução física e social, a partir daqueles recursos (ALMEIDA, 2006a, p. 155)

O Igarapé de São Bento<sup>70</sup> é a principal via de acesso das comunidades a essa região, os moradores usam vários portos localizados nos pequenos igarapés ou subafluente<sup>71</sup> desse igarapé para chegarem à área de pesca.

Se considerarmos como região de pesca, a partir, dos campos naturais, que circunvizinham os povoados e onde está localizado o conjunto de ilhas, o território estaria margeado pela beira da costa da Baia de São Marcos, entre os Igarapés do Baltazar e São Bento, ficando o Igarapé do Mocambo entre o Baltazar e o São Bento.

É nessa região que estão localizadas duas áreas mais acessadas pelos moradores do território de Santa Teresa para pesca de temporada: A Salina e Tamanduá. As duas áreas são relativamente próximas uma das outras. Para acessarem

<sup>70</sup> No caso do Igarapé de São Bento tem mais de uma denominação. Nas falas das pessoas aparecem os seguintes termos: Mãe do rio, igarapé e rio

<sup>71</sup> Esses subafluentes são conhecidos como braços e são batizados com o nome do povoado, onde fica o porto que as embarcações atracavam

essas áreas, os moradores usam *canoas*<sup>72</sup>. Dependendo da época do ano o acesso a essas áreas pode exigir mais esforços dos moradores. No inverno eles saem dos portos que ficam no campo próximo do povoado, o que facilita a chegada até os igarapés usando canoas.

No verão, com os campos secos eles perdem a mobilidade das canoas, passando a usar animais ou caminham cerca de duas horas até um dos portos do igarapé de São Bento. É através desse igarapé que eles remam por duas horas rio acima até chegar ao porto da Bandeira, caminham por mais uma hora e meia para chegar à Salina. No caso do Tamanduáí, faz-se o mesmo caminho só que o percurso aumenta cerca de uma hora a uma hora e meia.

A Salina<sup>73</sup> fica na cabeceira do igarapé do mocambo. É uma parte dos campos naturais banhado pela mistura de água salgada e água doce, com algumas formações lacustres. Os pescadores aproveitam o período de cheia, de janeiro a agosto, para fincarem seus *retiros*<sup>74</sup> nos *tabuleiros*<sup>75</sup>, alguns pescadores revezam um tempo na salina e um tempo no povoado para cuidar das roças, outros ficam todo o período propício à pesca acampados e vendem sua produção ali mesmo para atravessadores, que vêm dos municípios próximos comprar para revender nas cidades e povoados. No período de verão a salina se transforma em uma grande reserva de extração de sal.

O Tamanduáí<sup>76</sup> é uma grande região de campo cortado por uma grande barragem. Até fins do século passado era comum os moradores das terras de Santa

---

<sup>72</sup> São pequenas embarcações feitas de forma artesanal pelos próprios moradores e ficam ancoradas em portos próximos às comunidades. Elas são tocadas a remo, nem todos os pescadores possuem canoas, visto que têm pessoas que pescam esporadicamente, então, as pessoas que possuem uma canoa são as que pescam com mais frequência. Mas qualquer um pode usar a canoas, basta acordar com um dos donos e pagar um pequeno quinhão de pescado para o dono da canoa.

<sup>73</sup> Segundo relatos de pescadores, as fases da lua influencia na pesca da Salina. *A maré da lua é maré grande é melhor de pescar ela tem mais tem mais carreira*, quarto crescente, quarto minguante são menos propícias para pescar principalmente a minguante, pelo fato das suas águas serem menores. Lua cheia é considerada o melhor período para pescar seguido do período da lua nova.

<sup>74</sup> São acampamentos montados pelos pescadores para viverem durante todo o período de cheia da salina. O retiro é um lugar simples que contém o básico: a bolsa com roupa, utensílios de pesca, suprimentos para uma determinada temporada e um local para a dormida

<sup>75</sup> Os tabuleiros são partes mais altas dos campos que dificilmente alagam são esses locais escolhidos pelos pescadores para fincarem suas moradias temporárias chamadas de retiro.

<sup>76</sup> O Tamanduáí, para o município de São Bento, entretanto, é um território de pesca tradicional dos moradores das terras de Santa Teresa. Todo ano quando os campos naturais começam a secar, os moradores contam com os peixes retirados do Tamanduáí para o sustento das famílias. Essa localidade é fundamental para reprodução física e cultural do grupo. O Tamanduáí possui uma ligação própria com Itamatatua, visto que Santa Teresa tem muitos devotos entre os fazendeiros e donos de retiro. Quando é chegado o período de arrecadação do fundo cerimonial para a realização da festa em homenagem a padroeira, a Santa visita seus devotos ou estes vêm até o povoado para lhe trazer suas promessas ou mandam recado para a encarregada mandar buscar

Teresa, montarem seus retiros para salgarem peixes<sup>77</sup> nos campos do Tamanduáí. Atualmente, são raros os moradores que montam acampamento, é mais comum se organizarem em grupos e fretarem um caminhão <sup>3</sup>/<sub>4</sub>, para irem até a localidade pescar, pelo município de São Bento, usando a barragem de acesso ao território de pesca.

## **2.12 A Santa Peregrina: a construção social da territorialidade**

Os moradores de Itamatatiua, abandonados junto com as terras e a Santa pela ordem do Carmo, mantiveram o domínio sobre as terras e passaram a se identificar coletivamente mediante referência à padroeira do lugar. Esses agentes alcançaram autonomia, com base no uso comum das terras e dos recursos naturais existentes. Essa forma própria de se relacionar com a terra, com os recursos naturais e com a sua padroeira, vai culminar na construção social de um território específico, caracterizado pela constante reelaboração do mundo social dos agentes sociais.

Os territórios não existem por si só, portanto, ele não é dado. O território é construído. A construção do território é orientada de acordo com os grupos ou agentes sociais, visto que, são eles que vivenciam os diferentes processos de territorialização<sup>78</sup>. Nesse sentido, o território é também a representação do mundo social.

A noção de territorialização é definida como um processo de reorganização social que implica: 1) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2) a constituição de mecanismos políticos especializados; 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado (OLIVEIRA, 1998. p. 55)

De acordo com o pensamento de Oliveira (1998), o território é socialmente construído de maneira coletiva, não pode ser um ato individual. Ele tem que ser incorporado e defendido pelo grupo, implicando na capacidade política de estabelecer

---

<sup>77</sup> A salgagem de peixes sempre foi uma prática comum entre os moradores da baixada maranhense. Esse processo é uma estratégia para acumular comida para o período de entres safras de pesca, além de constituírem reservas para suas famílias. Muitos desses agentes sociais aproveitam a época para acumularem uma grande quantidade de peixes para comercializarem.

<sup>78</sup> Almeida (2008), define o processo de territorialização como sendo resultante de uma conjunção de fatores, que envolvem a capacidade mobilizatória, em torno de uma política de identidades e um certo jogo de forças em que os agentes sociais, através de suas expressões organizadas, travam lutas e reivindicam direitos face ao Estado

relações e fazer valer seus domínios. Nesse sentido que coadunamos com a ideia que ideia defendida pelo supracitado autor de que as bases dos territórios são as relações sociais.

No caso do território de Santa Teresa, a construção social foi forjada no seio das dinâmicas das relações sociais que envolvem uma série de situações específicas que organizam diversos planos de organização social dos grupos ali localizados. A construção da territorialidade é, marcada pela história social do grupo. explicitado na existência de um conjunto de práticas, saberes e rituais que permitem aos membros dos grupos serem agentes do processo de territorialização.

Esse conjunto de práticas tradicionais, que contribuem para o processo de territorialização tem como base as redes de relações sociais entre os moradores do território e entre os moradores e sua padroeira.

Sendo assim, o processo de territorialização aponta para a relação dos moradores com a terra e os recursos naturais. As relações sociais existentes entre a Santa e os moradores do território transparecem tal situação, que são expressadas, em situações sociais de reciprocidade observadas na localidade tais como; os devotos e afilhados; para com a Santa; e as próprias relações sociais entre os diversos agentes sociais. Os agentes sociais vivenciam processos sociais diferenciados que convergem para formação de um território comum

Nessa perspectiva, o processo da territorialização é baseado na forma de uso da terra e dos recursos naturais feita de forma coletiva pelos agentes sociais tomando como base as relações sociais estabelecidas com a Santa. A territorialização ocorre através das atividades que o grupo realiza cotidianamente no seu território.

A base do processo de territorialização é, a tríplice relação entre os moradores, a terra e a Santa. A relação com a terra é expressa através dos sentimentos que eles nutrem aos vários lugares de feitura de roças, a forma como usam os recursos naturais, tais como os campos naturais, igarapés, rios salinas, entre outros que se constituem em áreas reconhecidas pela comunidade de reserva de pescados. Esses lugares dinamizam a vida social do grupo, visto que, nesses processos, as relações sociais tendem a entrarem em grande efervescência, dinamizando as relações entres os diferentes agentes.

As relações sociais estabelecidas com a Santa, não se limitam aos moradores dos povoados que estão dentro dos limites físicos da antiga fazenda da

Ordem carmelita. Como observado essas relações também muito forte quando ultrapassados os limites físicos da antiga fazenda das carmelitas, principalmente nas comunidades localizadas nos municípios mais próximos.

Nessa região, percebe-se o aparecimento de inúmeras situações que, relativizadas, podem ser classificadas tipos de *contratos diáticos*<sup>79</sup> com Teresa de Jesus, de Itamatatua. Quanto mais nos aproximamos dos povoados dos municípios de Bequimão, Pinheiro, Peri-Mirim e São Bento essas situações se intensificam.

Nas situações de *contratos diáticos*, há o estabelecimento de relações sociais diretas entre os agentes sociais e a santidade e ou divindade, evidenciando certa coexistência de planos sociais e sobrenaturais. No caso do território de Itamatatua são situações em que a Santa é levada a condição de *madrinha*<sup>80</sup>, através de uma *promessa*<sup>81</sup> ou por simpatia pela Santa. Nessas ocasiões, são estabelecidos os laços de compadrio entre Santa e as pessoas, a. Santa passa a ser comadre e madrinha. A promessa se cumpre no mundo social baseado em um plano simbólico simétrico.

Anualmente a imagem de Santa Teresa, sai e percorre todos os povoados dentro do “limite físico” do seu território e, em algumas regiões que escapam a esses limites, mas sobre as quais a Santa tem muita influência por serem regiões onde se concentram grande quantidade de serem devotos. Ou seja, o território é ampliado para além das fronteiras físicas das terras da antiga Ordem.

Esse processo é realizado a partir do calendário de *jóias*<sup>82</sup>, organizado pela comunidade para formar um fundo cerimonial para a realização da festa em homenagem a Santa padroeira. Regido pela tradição, Santa Teresa inicia o processo de recolhimento da jóia dia 2 de julho, a imagem da Santa é levada por três ou quatro homens para

---

<sup>79</sup> Vide **GEORGE M. FOSTER** The Dyadic Contract: A Model for the Social Structure of a Mexican Peasant Village. *American Anthropologist*, New Series, Vol. 63, No. 6 (Dec., 1961), pp. 1173-1192

<sup>80</sup> Santa Teresa tem incontáveis afilhados essa relação de compadrio entre um morador e a Santa, vem de promessas. Na hora do batizado, uma mulher escolhida pela mãe segura a Santa e reza na cabeça da criança. Depois o padre faz seus procedimentos. Então as pessoas que estão segurando a Santa coloca a Santa com os pés na cabeça do afilhado, o contrato está estabelecido, a partir desse momento que a criança passa a condição de afilhado da Santa.

<sup>81</sup> A promessa é um contrato celebrado entre uma pessoa e a Santa as pessoas pedem alguma graça ou interseção de Santa Teresa. Quando é socorrido ele paga a promessa. A promessa pode ser o estabelecimento de laços de compadrio, dinheiro, serviços, jóia, feitura de festa, ladainha, novena e outros. Segundo os moradores a Santa é muito milagrosa e não custa atender os pedidos dos devotos. Quando estes não cumprem o prometido, ela vem pessoalmente cobrar, há uma infinidade de relatos em que ela aparece para cobrar o combinado, seja pessoalmente ou através do sonho.

<sup>82</sup> No caso de Santa Teresa, as jóias são presentes que ela recebe na ocasião da visita, na casa dos moradores. Essa jóia pode ser de promessas e serve para ajudar na feitura da festa ou na estruturação de um dos bens da Santa. Também pode ser destinado aos moradores de Itamatatua, dependendo do combinado com a Santa

visitar, casa a casa dos moradores de cada povoado. Essa modalidade de jóia é conhecida como *escoteiro*<sup>83</sup>, e nessa fase a Santa faz três viagens pelas comunidades de Alcântara, situadas fora dos “limites físicos” das terras de Santa Teresa.

No caso, a primeira visita sai no dia 2 de julho. Não tem problema sair pra jóia e depois fazer o último ensaio. Ela vai de escoteiro, é tradição, passa oito dias (...) é de escoteiro. Vão três pessoas, três homens quatro, só homens, ai passa oito dias aqui, às vezes passa menos e aí vai, três vezes que ela sai de escoteiro, para o lado de Alcântara (Neide de Jesus, 2011)

Segunda a encarregada da Santa, a tradição rege que um mês depois da jóia de escoteiro dá-se início à saída da Santa com o *batuque*<sup>84</sup>; “*A primeira vez que ela vai de batuque e no dia 2 de agosto, é a tradição*”. As visitas obedecem uma ordem com base na tradição. Começam pelos povoados de Bequimão, Peri-Mirim, Pinheiro, São Bento e depois volta para os povoados mais próximos.

Visita todo mundo, ela vai a Palmeirândia, Peri-Mirim e São Bento, vai para o Barroso, Bequimão. Nessa baixada aí, tem vez que leva oito dias, tem vez que leva 12 dias, também não tem dias marcados. Aí depois vem, passa uns dias em casa e depois torna voltar, aí até chegar no dia 4 de outubro, aí quatro de outubro encerra fora, aí levanta o mastro no dia 6, aí ela começa a ir de manhã e vim de tarde.

Segundo a encarregada, quando a Santa sai de batuque para visitar seus devotos tem que ser cumprido todo um processo ritual. Inicia na saída da igreja e é feito sob o toque do sino<sup>85</sup> 5:00 da manhã, quando se atira o primeiro foguete. É servido o café para o batuque na casa da Santa, depois o batuque segue para a igreja; a

---

<sup>83</sup> Escoteiro é quando a Santa sai para a jóia sem o batuque. Esse tipo de jóia é tirada por homens

<sup>84</sup> Batuque é como se denomina o grupo de pessoas que acompanha a Santa Teresa nas mais diversas ocasiões, bem como: jóia, festas fora da comunidade ou em outro município, recebimento de promessa e outros. O batuque é composto por quatro bandeiras, quatro caxeiras, uma carregadora da Santa, uma encarregada do batuque, um guia e um homem ou dois para acompanhar, para trazer as coisas. Nas incursões de jóias, há um revezamento do batuque, parte sai para acompanhar a Santa e outra parte permanece no povoado para o ritual de chegada. Nessa etapa, a Santa só pode ser carregada por mulheres. A única exceção é quando algum homem tem como promessa carregar a Santa durante o período de esmola.

<sup>85</sup> Na comunidade existe um toque de sino para cada ocasião social quando a Santa sai ou chega em qualquer ocasião tem o toque próprio, quando morre um adulto, quando morre uma criança, na procissão, quando alguma jóia vai ser distribuída na porta da igreja.



encarregada retira a Santa <sup>86</sup> do altar e a entrega à juíza ou juiz da festa. Em seguida, o batuque sai cantando em procissão até a saída do povoado na, MA 106, sinalizado por um grande pote. A Santa segue com parte do batuque para a jóia e a outra parte retorna à igreja.

O *guia*<sup>87</sup> leva o *batuque* de povoado em povoado, o *batuque* segue em procissão cantada. O ritual é todo estruturado através de cantos que contam os milagres e apreços pelos devotos. Existem cânticos para os diversos momentos, os que anunciam a chegada, os que são cantados durante a permanência da Santa no interior da residência, os de agradecimentos, os de despedidas e os de chamadas cantados, quando o dono da casa demora a devolver a Santa ao batuque. O batuque tem hora determinada para sair e para ser encerrado como narra Neide Jesus

Quando chega 5:30 da tarde a gente tem que recolher com o batuque, não pode passar 6:00 horas, é tradição e a gente acompanha a tradição. Ai quando está esmolando tem que levantar quatro horas da manhã levantar e tocar alvorada. Aí umas sete horas a gente sair pra visitar as casas (2011)

As incursões de esmolar realizada pela Santa são imemoriais. A memória coletiva da comunidade, não é precisa quanto ao início dessa tradição, os entrevistados não sabem dizer se é herança do tempo da Ordem do Carmo. Entretanto, a jóia se configura como um dos elementos fundamentais, para que ex-cativos manterem a integralidade quase total das terras, além de ser preponderante na construção da territorialidade.

O que contribuiu também para legitimação da Santa, como a verdadeira proprietária das terras e os moradores de Itamatatiua como os herdeiros diretos. A continuação da tradição da busca da jóia é uma forma dos moradores de Itamatatiua

---

<sup>86</sup> Em Itamatatiua existem três imagens. Uma pequena que é tida pelos devotos e moradores como a verdadeira, é ela que sai para recolher as jóias, é com ela que as pessoas sonham. Ela fica na casa da festa, vai buscar o mastro, cumpre todos os compromissos sociais. No caso de batizado, é ela que firma o compromisso, uma mulher segura a imagem durante o batismo. Existe uma segunda imagem média que é levada em procissão no dia da festa. É ela que dá a benção na igreja. E tem a terceira em tamanho natural, que só desce do altar uma vez por ano na véspera da festa pela manhã, no dia do banho de Santa Teresa. Nesse ritual, são usadas um conjunto de ervas cheirosas e fragrâncias. Depois do banho das imagens, a água é distribuída para as pessoas dos diversos povoados, que aproveitam para para as suas casas, uma vez que essa água nunca estraga.

<sup>87</sup> É uma pessoa da comunidade que domina a rota da jóia, esse agente tem boas relações sociais em todo o território, conhece todos os lugares, atalhos e os locais de hospedagens.

manterem o controle do território, garantidos pela Santa que os acompanha. Segundo Neide de Jesus, a visita da Santa aos povoados é cobrada pelos devotos;

As visitas fora das terras é feita por causa dos devotos. Ela tem os devotos dela e a gente tem que levar ela pra visitar os devotos que ale tem. Ela tem muitos devotos fora das terras e quando ela não vai, eles ficam reclamando. Porque Santa Teresa não foi? Porque Santa Teresa não foi esse ano? (Neide de Jesus, 2011)

Alguns devotos fazem o inverso, fazem promessa à Santa para pagar na igreja. Um tipo bastante comum de promessa é a distribuição de donativos na porta da igreja. Para essa ocasião existe até um toque de sino especial, quando os devotos vêm entregar esse tipo de jóia. Como narra Neide de Jesus

Ainda tem essas promessas que as pessoas fazem aquelas promessa para se distribuir na frente da igreja. Tem uma moça que todo ano vem distribuir dinheiro para as famílias, todo ano vem. Ela já está uma senhora de idade, parece que ela é de São Paulo. Eles dão farinha na porta de igreja.(2011)

O ritual da jóia é encerrado a cada vez que a Santa volta à comunidade. A Santa sai sem ter um dia determinado para retornar ao povoado. Quando chega o dia de voltar, o batuque avisa que está chegando através de foguetes. Quando eles começam a se aproximar do povoado atiram foguetes, até que alguém na comunidade responda com outro foguete.

A parte do batuque, que ficou na comunidade vai ao encontro da Santa na entrada do povoado, para retornar em procissão para a igreja, onde a carregadeira da Santa entrega à imagem à juíza ou juiz da festa, que por sua vez coloca a Santa de volta no altar mor da igreja. Em seguida é servido um almoço par o batuque e todos voltam para suas casas. A Santa só volta sair na data estabelecida no calendário estabelecido anteriormente entre os festeiros e o batuque.

Como afirmado anteriormente, quando mais data da festa vai se aproximando a Santa também vai se aproximando dos povoados mais próximos de Itamatatuiá até chegar o período em que ela sai e volta no mesmo dia para sua igreja.

## 3 Capítulo Segundo

### 3.1 Uma Santa: muitas relações

Quando se permanece em Itamatatiua durante um longo tempo, ou mesmo por alguns poucos dias seguidos, dificilmente, não perceberá a estreita relação das pessoas do povoado com sua Santa Padroeira. Não estou aqui querendo dizer, que as relações das pessoas com sua padroeira em Itamatatiua, sejam autoevidentes, muito pelo contrario, eu estou chamando a atenção, para que observemos o relacional<sup>88</sup>. Isso significa não prender olhar no concreto aparente, mas superá-lo, ir além, aparentemente, as pessoas não fazem questão de manter o controle das impressões<sup>89</sup>, quando se trata dos prodígios da sua padroeira, parece ser estratégico, e por vezes, deliberado exibi-los.

Penso que perceber essas relações, não é uma das tarefas mais difíceis em Itamatatiua, uma vez que, as pessoas fazem questão de falar com muito orgulho dessa relação. No povoado e na circunvizinhança existe, uma infinidade de histórias e anedotas de domínio público, propagado pela memória coletiva, que demonstram as relações construídas, entre os moradores e Santa Teresa. A grande questão em jogo é entender esse conjunto relações, fundamentais para se compreender a dinâmica da comunidade. Não dá a devida importância para essas relações, é ficar na superficialidade.

Dentro do dito território de Santa Teresa, pude observar, que os agentes sociais, não separam o profano do sagrado, pois os dois coexistem. No plano do real imaginado e da representação do real, se confundem a tal ponto, na intimidade com a santa, a tratando-a como uma pessoa do convívio cotidiano. Essas relações se desdobram, em planos sociais, que reforçam uma identidade, que parece estar em planos de liminaridade das imagens mentais, dos agentes sociais. Como aponta Bourdieu

---

<sup>88</sup> Vide Pierre Bourdieu, O Poder Simbólico, 1989.

<sup>89</sup> Para (BERRIMAN, 1975, p.125) As impressões decorrem de um complexo de observações e inferências, construídas a partir do que os indivíduos fazem, assim como do que dizem, tanto em público, isto é, quanto sabem que estão sendo observados, quanto privadamente, isto é, quando pensam que não estão sendo observados. As tentativas de dar a impressão desejada de si próprio, e de interpretar com precisão o comportamento e as atitudes dos outros são uma componente inerente de qualquer interação social e são cruciais para as pesquisas etnográficas.

Entre a representação e a realidade, e com a condição de se incluir no real a representação do real ou, mais exactamente, a luta das representações, no sentido de imagens mentais e também de manifestações sociais destinadas a manipular as imagens mentais e até no sentido de delegações encarregadas de organizar as representações mentais. (1989.p. 113)

As territorialidades são socialmente construídas, tem aqui um fundamento religioso. O processo de territorialização, convergi, para formação de um território sagrado. Nesse sentido, pode-se relativizar a noção de profano, uma vez que, todas as relações que são vivenciadas com a Santa, são validas no universo dessa relação, ela é parte do cotidiano das pessoas, é uma santa viva que se relaciona com as pessoas.

Esse fato faz a ideia do profano, adquirir um sentido bem diferente do convencional entre os moradores do território de Santa Teresa. Visto que, a relação de confiança das pessoas com a santa permite que alguns atos realizados durante a festa ou mesmo em outro momento não sejam vistos como atos ofensivos ou profanação.

Com a saída dos carmelitas, a comunidade, diminui significativamente a mediação feita pelo padre entre a Santa e as pessoas. Às relações passaram então, ser diretas entre moradores e Santa. Isso se deve muito, a recusa dos padres e da igreja<sup>90</sup> em celebrarem os ritos católicos durante as festas de padroeiros na região, por acharem a festa profana. Entretanto, na igreja tem um calendário de missas e batizados seguido anualmente. Durante as festa as celebrações de cunho mais “religioso”. Fica a cargo de pessoas da própria comunidade ou de comunidades próximas ligadas a igreja católica.

Durante minhas varias estadas em campo, através de conversas por vezes deliberadas da minha parte outras por parte dos meus interlocutores, ou mesmo que me surgiram quase que acidentalmente, vindo diferentes agentes sociais da comunidade, em momentos até certo ponto inesperado, consegui reunir uma serie de pequenas histórias sobre os prodígios de santa Tereza.

Esses “fenômenos”, feitos pela santa, expressam varias situações vivenciadas por pessoas reais, com as quais meus interlocutores conviveram ou convivem. Uma vez

---

<sup>90</sup>Eu estou usando o termo Igreja no sentido da representação do alto-clero que toma decisões em nome da Igreja Católica Apostólica Romana

que, a grande maioria dos acontecimentos, não possui um grande lapso de tempo. O que explica o fato da grande maioria das pessoas que possuem a memória sobre os prodígios envolvendo a santa, ao falarem, se autocolocarem na condição testemunhos do ocorrido.

Os relatos envolvem diferentes situações, sempre relacionadas com as pessoas que morram dentro das suas terras, principalmente os moradores de Itamatatiua e a proteção dos domínios físicos do chamado de território de santa Tereza. As histórias expressam situação de cura de pessoas, proteção aos moradores, defesa de suas terras, cobrança de *promessas*.

### **3.2 A Eficácia do Mito: as relações sócias de assimetria.**

O conjunto de relatos que analisarei a seguir, não deve ser confundido com uma simples coleção de estória recolhida junto aos moradores de Itamatatiua. Em primeiro plano de análise, apontam para importância da eficácia do mito nas relações sociais dentro do território. Essas relações, nem sempre são simétrica, isso vai depender de como essas relações serão estabelecidas. No caso, do conjunto de relatos que eu tomei para análise, as relações, aparecem de forma assimétrica. entre a santa e seus antagonistas.

“Essa história não é muito velha, tu não sabe quem é João de libanha lá em Bequimão? Sabe? - Ele foi para o Jarí, e ele fez uma *promessa* para santa Tereza, ele não era bem de vida, ta vendo! Ele era pobre! Ele fez uma *promessa*, se ele achasse ouro, desse para melhorar a vida dele, ele vinha pintar a igreja dela todinha, ai ele foi, achou o ouro e veio pintar a igreja. E ele trouxe os pedreiros de lá de Bequimão, ele perguntou - Neide tu faz a comida? Eu disse, eu faço! Isso foi no mês de setembro, que ele veio pintar essa igreja, e tinha um rapaz que era carequinha assim. Ele ainda é vivo! tinha dia que eu fazia galinha caipira, quando eles terminavam de dividir que ele pegava o prato dele, então ele virava para Santa Teresa e dizia olha, isso não vai passa na tua goela – Santa Teresa. Ai João de Libanha dizia, olha essa brincadeira – eu mesmo não estou nessa brincadeira. Ai também toda vez que matava galinha para eles, ele fazia isso. Ai eles também terminaram e foram embora. Quando fez 8 dias que eles estavam em casa, ele pegou uma dor no joelho, que não teve medico que desse conta da doença dele, foi para a cadeira de rodas até hoje. Ta na cadeira de rodas, ai João disse. vai lá te apegar com Santa Teresa. e pede perdão! Ele disse – Eu já pedi, e não adianta. Até hoje

ele ta na cadeira de rodas, ele mora bem pertinho da farmácia de Joana de Antonio Inácio - Foi verdade! Foi verdade!” (NEIDE DE JESUS. 2011)

Neste caso o sujeito social é de fora, não tem relação social nenhuma com a comunidade, com a terra e muito menos com santa, por isso debocha da santa dentro de sua casa (igreja) de um lugar sagrado, diante de imagens sagradas. A ofensa não tem perdão, entretanto, a punição ela não se da no espaço sagrado da santa, mas sim quando o sujeito volta para sua casa.

A punição pode ser interpretada como uma prova de poder da santa, evidenciando uma assimetria nas relações entre os humanos e o sobrenatural, (Foster, 1961) visto que, a punição ocorre na casa do infrator. A santa, paga na mesma moeda ao puni – ló, dentro de sua casa do seu espaço sagrado. Depois. ela se nega a estabelecer uma relação com o ofensor ao não ceder as suas suplicas e pedidos de perdão por parte infrator em troca de uma eventual retirada da punição.

“Esses governos vinham meter barracão lá onde morra Irene esse povo, ainda fizeram uns poços fundos, ele iam fazer uma fábrica, lá onde tinha dois canaviais um de cana baiana e outro de cana roxa, ai botaram muita coisa ai, um velho daqui que tomava de conta, Chico Ferreira; disse que apareceu uma branca – Olha, se tu não quiser passar vergonha, te sai daí, que ai tu vai passar vergonha - E ai disse que de manhã, pediu para fazer a conta dele. Era só doutor (Graziano, doutor Cosmo, Pereira e Torres ), eles queriam tomar aqui, butaram os caboclos do Raimundo Sú, tudo para fora, aqui eles não butaram, aqui também tinha homens valentes, tinha o pai de João Oleiro que ave Maria, se vocês botar minha olaria em baixo vocês mandam levantar, ai quando deu de manhã foi um fogo que ninguém sabia de onde saiu esse fogo, chega mamãe disse que espirava longe os butijões de óleo, dessas coisa cabou tudo em uma hora, e um deles morreu e o engraçado que ele disse que não queria ficar ai nesse cemitério pra preto do Itamatatua não passar por cima dele e nem pisar ele.” (ZULEIDE DE JESUS, 2009)

No caso da passagem acima a Santa usa seu poder para reestabelecer o controle sobre o território ameaçado. Ela liberta o oprimido e reestabelecer também a ordem social, onde os pretos de Itamatatua assumem condição social similar aos doutores. Para o sujeito de fora o fato de ser enterrado no povoado no mesmo cemitério onde os negros são enterrados, isso significa ter sua posição social subjugada.

A punição dada a ele vai ser justamente a que ele temia, mas uma vez estamos diante de uma condição de assimetria nas relações sociais, reflete bem o domínio que

ela tem sobre o território que decide é ela, não importa quem seja. Nesse sentido aquele que não respeita, não crê e debocha desse poder da Santa sempre é punido.

“Raimundo Muniz tava tirando um pau ali no fejuar, ai o povo quiseram proibir o tiramento do pau, ai ele foi pra cidade no dia 5, mais cedo que uma hora dessas nós falemos lá na rua da Parma, não aquela rua da Paz que desce direto para o Desterro, nós se tupemos, e ele me disse meu velho eu vou para Arcântara amanhã, que eu vou buscar a puliça para pisar aqueles pretos de Itamatatiua, eu vou mostra para eles que Santa Teresa não tem precisão de terra e nem de madeira, quem tem precisão de terra sou eu mais os outros. Ai eu fui disse pra ele - Raimundo Muniz, larga a Santa e esses povo de mão, Santa Teresa, não gosta de falar do povo dela! Ele me do disse - Não gosta é meu velho? Tu vai ver! Eu vou pisar eles é a pé. Foi no dia 5 de outubro, finado Gobido era juiz do mastro de Santa Teresa, no dia 6, e eu fui compra umas coisa pra ele, eu vim na viagem da noite com o finado Paulo Velho, entremos no Mané Inácio, vim amanhecer em casa, de manhã eu vou em Itamatatiua, banda de umas oito horas o rádio já anunciou, Raimundo Muniz caiu na baia na travessia de Arcântara e não garraram, foi bater e cair, foi até no barco de Dominginhos do Bacurituba, interessante, quer dizer que ele não veio pisar a pé os pretos de Itamatatiua, como ele tava dizendo, ele que precisava da terra mais ele não veio pra terra, porque peixe deve ter cuidado dele, engoliu logo ele, ele era um homem gordo, forte. Então, ver que ela já foi muito combatida, agora vencida não.” (PEDRO OLIVEIRA, 2009)

Aqui aparecem elementos novos o conflito começa pela ameaça ao território e aos recursos naturais, isso se deve a preservação da natureza que aparece como elemento de identidade. Percebemos mais uma vez a existência de relações assimétricas entre a Santa e seu antagonista. A ideia do antagonista é o tempo todo provar a ineficiência da Santa.

A ordem social é, restabelecida com base na reafirmação de uma identidade coletiva. A punição aqui é extremada, tão quanto a atitude do antagonista, o ato de desafiar a Santa leva a morte.

### **3.3 Os Santos Migrantes de Alcântara**

“O cemitério era na frente da Igreja, e a igreja velha era lá onde era a casinha de defunto, ai santa Tereza vivia (é porque a gente já tirou a terra) não tem do lado da igreja? Era meio altinho assim e tinha uma casinha de palha que botaram ela

enquanto fazia a igreja. Ai disseram amanhã nós vamos mudar santa Tereza para casa dela. Ai nesse tempo o povo era muito católico. – amanhã santa Tereza vai pra casa dela e ai todo mundo animado, quando foi doze horas chegou aquela mulher na frente da igreja, ela não ia para aquela igreja porque ela mesmo não queria defunto na frente da igreja dela, na mesma hora a igreja caiu. Ai foi que eles fizeram o cemitério para traz e a igreja pra frente.” (NEIDE DE JESUS. 2011)

Nessa história recolhida junto a Neide de Jesus, chama atenção para um elemento novo sobre essa relação dos santos de Alcântara e as territorialidades específicas. Visto que, dentro do município há varias situações sociais referidas a essa situação em que os santos se recursam a deixar sua casa (igreja) e teimam em voltar quantas vezes para as comunidades quantas vezes forem necessárias. Em algumas narrativas em que mostram a retirada dos santos pela igreja de volta a Europa mesmo assim ele sempre acaba voltando.

O povo afirma que por motivos outros, inclusive meros caprichos de bispo, párocos, zeladores da capela e até políticos, a temporária ou definitivamente guardada numa das igrejas da localidade. Tantas vezes, porem, a levaram, outras tantas voltou no dia seguinte à sua ilha, sem que ninguém a reconduzisse. (LOPES, 1957. p.303)

Nesse caso há por parte da Santa uma recusa de ir para sua própria igreja, ela permanecem no local. Entretanto se recusa a ocupar a nova igreja e impõe condições para que seja feita uma nova igreja, seria o contrario daquilo que ocorre nos casos de São João de Cortes, terra de santo.

Há no território também existem narrativas que apontam para esse processo em que a igreja tentou retirar a Santa da igreja de Itamatatiua, em um dos casos, em que os monges Carmelitas retornam ao povoado para buscar as imagens da Santa acaba eles acabam morrendo. Entretanto todas as vezes que ela foi levada para Alcântara e trancar-na-ão no Carmo, ela sempre acaba por voltar a Itamatatiua.

### **3.4 O restabelecimento da ordem social.**

Nas ultimas três situações sociais envolvendo a relação entre Santa Teresa e Agentes sociais que se envolvem em situações de violação das regras estabelecidas



entre a Santa e os moradores de suas terras que escolhemos para analisar, encontramos duas situações envolvendo comerciantes de dentro do território e uma envolvendo um padre ligado a igreja católica. Essas situações envolvem agentes sociais que ocupam posições mais elevadas no povoado e passam adotar um comportamento tido de certa forma como arrogante

Quanto mais elevada for à posição maior a possibilidade de punição, visto que é a santa que gere as relações e cabe a ela restabelecer as relações sociais e ao estabelecer essas relações muitas das vezes acaba por entrar em rota de colisão com esses agentes sociais. A punição aos comerciantes e ao padre são resultantes de afrontas diretas a Santa.

No caso do primeiro comerciante ele é punido porque desdenhava de um dos momentos mais simbólicos e importantes que a comunidade faz, para homenagear sua padroeira, a procissão. Ao profanar a procissão, não se portando com o devido respeito diante dos rituais, ao debochar ele fere uma regra e a punição é imediata, na frente de todos. A punição é pública, não deixa dúvidas além, de servir como exemplo. O segundo porque sempre que via alguém de Itamatatua, os tratava de forma ofensiva, nesse sentido, ofender os chamados pretos de Santa Teresa é uma afronta a Santa, que também é ofendida e a punição é fazer ele sentir como as pessoas se sentiam quando eles as ofendiam. Já o padre, ao expulsar os *devotos* da Santa da casa dela, ele quebra uma regra, que é do tratar bem os *devotos*, acolhe-los, assim com ela é acolhida por eles quando chega em suas casas, ofender seu *devotos* é ofender a própria santa, que se põe ao lado dos oprimidos reagindo contra a arrogância dos opressores

#### **3.4.1 O comerciante que desdenhava da procissão**

“Tinha uma porção de coisa para ser distribuir na frente da igreja; tinha farinha, refrigerante, carne tudo. Era muita coisa, *promessa* que os *devotos* tinham pra pagar na hora da procissão. – rapaz eu tava lá que eu queria ganhar menos um refrigerante, ai ele gritou no meio da rua para um dos seus filhos – traz um foguete ai, que essa procissão não tem nem foguetes. Foi só isso que ele disse! E ai tanto foguete nessa procissão, ele disse isso só para se mostrar no meio de gente. Rapaz, foi só esse foguete, ele agarrou esse foguete atirou, eu não sei como esse foguete fez que veio uma bomba de lá e caiu encima da casa e da quitanda dele, era de cinco e meia pra seis horas, sió mas esse

homem gritava, mais gritava desesperado, chorava, mais também foi um santo remédio nunca mais ele disse – eu disse ta vendo isso é pra te aprender! Queimou tudinho ele ficou com a roupa do corpo – isso aconteceu dia da festa na hora da procissão que é gente como que, é muita gente. Ai as pessoas começaram a dizer – tu ta vendo, tu ta vendo a gente não fala demais. Também foi um santo remédio.” (NEIDE DE JESUS. 2009)

### 3.4.2 O comerciante e o filho tocó

“Na década de setenta dois moradores de Itamatatiua se deslocaram até um retiro de um povoado distante para buscar uma vara de porcos que santa Tereza havia ganho de um devoto como joia para sua festa. Quando voltavam encostaram com os porcos na casa de um grande comerciante em Tubarão, povoado composto pela maioria de *cabocos*<sup>91</sup> vizinho de Itamatatiua para tomar uma cachaça. Vendo os homens chegarem com os porcos o comerciante saiu para observar a vara, percebendo que os porcos todos tinham o rabo cortado, retornou ao seu balcão. Dias depois uma turma do Itamatatiua passou pelo povoado o comerciante começou a desdenhar *lá vai os tocó do sitio*, ele a partir de então passou a denominar as pessoas de Itamatatiua de tocó do sitio em uma analogia do rabo dos porcos com o cabelos das pessoas. Quando alguém passava ele logo gritava lá vai um tocó do sitio. O ditado ofensivo virou moda na localidade como maneira de ofender as pessoas do Itamatatiua, que ficavam enfurecidas com o apelido. Mas seixas que a mulher do comerciante estava grávida e ao fim dos 9 meses de uma gravidez normal ela deu a luz a uma menino branco sem pés nem mãos, somente com parte dos membros tal qual como os rabos da vara de porcos. A notícia logo se espalhou e o comerciante envergonhado diz que pediu perdão a santa Tereza por ofender sua gente, seus pretos. O certo foi que ele acometido pela vergonha devido o castigo dado pela santa, segundo moradores, vendeu suas posses e foi embora para Alcântara onde mora hoje seu filho tocó.” (LUIZA DE JESUS. 2009)

---

<sup>91</sup> Como são chamados os moradores das terras de santa Teresa que moram em outros povoados são vários os povoados dentro do território de santa Tereza que são compostos majoritariamente por cabocos. Esses povoados ficam principalmente no município de Bequimão. O termo cabaco serve também como antônimo de preto, o que pode explicar as expressões “pretos de santa Tereza” ou “os filhos da branca” usadas pelos moradores de Itamatatiua pretos de santa em uma clara afirmação da diferença e também uma alusão a quem são os verdadeiros herdeiros da santa

### **3.4.3 O padre que expulsou os devotos**

“Papai tava na igreja e o padre vinha, nesse tempo ele vinha, véspera da festa, pra sair na procissão e onde Adriana morra era de Santa Teresa, papai comprou essa casa de finada Anja mais de Carmosino, de finada Anja, não porque ela morreu e Carmosino vendeu essa casa pra papai, papai disse é eu vou ficar com essa casa, ele agarrou, chegou um pessoal e o padre ainda não tinha chegado e a casa tinha 3 quartos, quatro com a sala, papai disse – o padre fica nesse quarto e eu vou botar essas pessoas pra cá, quando o padre chegou botou as pessoas na rua, que ele não queria ficar ninguém lá, queria ficar era ele só. Lá o pessoal foram pra igreja chegaram lá no altar e disseram – É Santa Teresa agora que eu quero ver se voz é milagrosa, risos, foi, isso foi verdade Junior, isso foi verdade Junior, - agora que eu quero vê se voz é milagrosa (junior), não passou de meia hora surgiu um fogo nessa casa que ninguém sabe de onde saiu esse fogo e tinha um bucado de gente e ninguém apagou esse fogo queimou tudo! O padre saiu correndo segurando a batina que passou doido. Isso foi verdade! Eu te juro Junior!” (NEIDE DE JESUS; 2011)

O que eu expus a acima são algumas situações envolvendo a santa que define a coesão e a ordem social dentro do território, ainda que as escolhas tenham sido um ato arbitrário da minha parte enquanto pesquisador. Eu não sou um colecionador de histórias. Essas situações abordadas, servem para me ajudar a compreender melhor as relações sociais, entre moradores e sua padroeira. A postura da santa, em favor das pessoas de Itamatatiua e sua constante intervenção no sentido de manter o domínio de seu território podem explicar os vários tipos de relações sociais do grupo. O apego a santa, a confiança ou mesmo de fé que as pessoas depositam nela, dentro dos limites físicos do seu território como as que estão fora. Apontando para outro processo de territorialização, e para um território que extrapola e muito os limites físicos das ditas de Santa Teresa.

### **3.5 Rituais para Santa Teresa**

Como já explicitado eu tenho familiaridade com os moradores de Itamatatiua e com a própria Santa Teresa, uma vez que não nego minha relação de intimidade com a grande maioria das pessoas do lugar devido aos meus laços de parentesco, como também não nego a minha relação com Santa Teresa que é igual a qualquer um morador do povoado (com *promessas*, ladainhas, tomar a benção, acompanhá-la na joia, ir

frequentemente na igreja, colaborar com as coisas da comunidade entre outras.), mesmo assim nas minhas varias idas em campo as relações entre santa e pessoas foram sempre muito presente e me chamaram muita a minha atenção, apesar de eu ter o domínio da existência dessas relações, entretanto comecei a perceber que havia algo que eu ainda não tinha atentado, talvez por de certo modo esta preso a um sociologia espontânea.

Essa relação entre as pessoas e a Santa padroeira ela não é igual, as pessoas tem diferentes modos de se relacionar com a Santa, assim como acreditam que a Santa tem maneiras diferentes de se relacionar com cada agente social do seu território ou de fora dele, como uma totalidade dividida internamente, Genep (1960). É a partir dessa complexa relação entre os moradores e a santa e da Santa com os moradores que se tem a noção do território de domínio de Teresa de Jesus, baseado principalmente nas relações sociais estabelecidas entre *devotos* e padroeira.

Entretanto, vale chama atenção que dentro das ditas terras de Santa Teresa não moram somente seus *devotos*, uma vez que, existem famílias protestantes que moram nas comunidades, essas famílias ainda que não tenham uma relação de fé com a Santa não negam o fato de ela ser a legitima proprietária das terras, assim podemos afirmar que, quando se trata da propriedade das terras ou do território há consenso coletivo extremamente coeso sobre há quem pertence. Essa situação social, contribuir para que a unidade social, denominada como terra de Santa Teresa, permaneça firme e propriedade das famílias e da santa sobre o território seja consolidada com autonomia.

Quanto à relação da Santa com as pessoas, durante o trabalho de campo pude observar algumas situações que apontam para uma diferença entre as pessoas que moram fora do território físico de Santa Teresa e as pessoas que moram nos povoados mais distante de Itamatatua ou mesmo aquelas que moram fora dos domínios que a santa tem sobre a terra tem uma notória aproximação deferente da Santa, essa aproximação se da na grande maioria das vezes através de *promessas* que acaba por levar as pessoas a se tornarem devotas.

### **3.6 Os Devotos e a importância para ampliação dos laços sociais da santa**

Santa Teresa de Jesus como é chama a imagem que está em Itamatatua, tem uma grande fama da Santa milagreira e de protetora na região da baixada ocidental maranhense, que extrapola e muito seu dito território físico, isso levou a formação de

uma significativa legião de *devotos* que estão concentrados em diversas partes do estado, e nos municípios e povoados próximo do domínio da Santa.

Os *devotos*; são pessoas que desenvolve uma relação estreita de fé e devoção a um determinado santo, e passam a partir dessa relação dedicar parte de suas vidas e atividade ao santo, bem como; passa a zelar pela igreja participar e colabora com festejo, direcionar as suas orações, ou seja, desenvolve uma relação de intensa confiança com o santo ou imagem específica. Como mostra Galvão a seguir:

A imagem do santo em geral antiga e que constitui em uma herança tradicional da localidade, é essencial ao culto. Acredita-se que determinada imagens tem poderes especiais, capacidades de milagres e maravilhas que outras idênticas não possuem. (GALVÃO, 1955. p. 40)

É possível ser ter a ideia da quantidade de *devotos* que a Santa possui fora do seu chamado domínio físico, pelo percurso de arrecadação de joias, pelas visitas solicitadas da santa por *devotos* para pagamento de *promessa*, pelos serviços cerimoniais prestados por pessoas de “fora”, pela quantidade de *promessa* pagas durante o ano todo e principalmente durante a festa”. Segundo Neide de Jesus, os *devotos* da Santa Teresa ditos de “fora” se concentram principalmente em povoados dos municípios de Bequimão, Peri-Mirim, Palmerândia, Pinheiro, Bacurituba e São Bento.

Essas pessoas elas não tem o elemento terra como ligação com a Santa, mas sim o alcance de uma graça, isso também necessariamente apontam para outra ideia de território. O território marcado pelas relações de fé com Santa Teresa, uma vez que as relações sociais com a santa extrapola o limite físico passando ser a Santa o marco do processo de territorialização. É a confiança na Santa que media a relação, uma vez que ai não está mais necessariamente em jogo a garantia da autonomia produtiva ou mesmo a insegurança de perder o domínio sobre a terra.

Dona Izabel: 2005 eu conheci a primeira pessoa da comunidade que foi Heloisa, e antes do final de 2005, eu já vim pra cá a serviço do SEBRAE, sendo indicada pela professora da USP, a Lalada, mestra, que depois que me conheceu, aqui estavam precisando de alguma orientação na parte de cerâmica foi quando eu vim pra cá no final de outubro do mesmo ano pra 2006. Com seis meses que eu estava aqui terminava meu contrato, o contrato era só de 6 meses, eu não

conhecia ainda Itamatatiua. Eu não conhecia a história de santa Tereza com a comunidade a parti desse período que eu fui saber e conhecer um pouco desse relacionamento amoroso da comunidade com ela. Então eu fique admirada, eu ainda não era uma devota, eu admirava como a comunidade tinha, ela uma santa, uma amiga, uma protetora, que cura. Os primeiro três messes que eu passei fiquei impressionada com essa carrinho do povo pela santa. Ai eu fui embora. Esses três messes encerrava meu trabalho, mas quando eu ia sair da comunidade, nesse dia foi muito assim é doloroso pra mim saber que era a ultima semana que eu ia passar com eles. Então quando eu sair eu não disse nada pra ninguém e fui-me embora. Só que ao chegar na igreja, me deu aquele aperto no coração, aquela angustia aquela coisa assim de despedida, ai eu olhei pra igreja, ainda era madrugada e disse me ajude e comecei a pedir pra ficar, pedindo que precisava esta aqui, porque eu ainda tinha muita coisa pra aprender e passar para a comunidade e sair fui embora, se eu merecesse ao chegar lá fora no pote, onde tem o símbolo da cerâmica daqui de Itamatatiua, parou aqueles carro aonde vinha ela com as caixeiros, naquele momento eu me sentir é como se o meu pedido tivesse sido atendido, eu tinha a certeza que eu não ia sair daqui antes mesmo de me retirar da comunidade, pois a presença dela naquela hora pra mim foi tudo. Ao chegar em são Luis eu fui me apresentar na segunda-feira e o SEBRAE, me contratando por mais messes pra ficar na comunidade, então ali eu tive certeza foi uma interferência dela, o meu pedido foi atendido ai o que acontece no dia que eu assinei o meu novo contrato do SEBRAE, eu esqueci que eu tinha feito, que eu tinha passado pelo aquele sufoco, que tinha pedido pra ela que intercedesse para que eu voltasse para meu emprego, na comunidade que eu me realizasse não só financeiramente mais que a comunidade precisasse um pouco de mim, duas semanas depois ela entra na minha casa, a dita santa Tereza a imagem dela tava de ser restaurada e a filha da Neide foi levar pra mim lá em casa que era pra mim trazer pra comunidade ai, ali foi outro ato como quem diz assim, aqui estou eu, porque nesse dia quando eu assinei o contrato definitivo pela manhã a tarde ela entra na minha casa. Ai naquele momento eu me lembrei do meu pedido com ela ai tinha uma toalha que era só uma toalha da mesa eu passei a fazer, decorar a igreja, fui puxando pra mim toda a responsabilidade e procurando saber como os antigos, os pais que eram devotos dela que já não pertenciam mais a esse mundo como era que eles faziam? Como eles gostariam que fosse e assim eu estou ate hoje. Pra mim santa Tereza é pra mim assim é muito, muito, muito especial.

Quando se trata das pessoas de Itamatatiua ou das localidades mais próximas essa relação é diferente e mais complexa para explicar. A impressão é que já nascemos

com ela ou somos tomados quando nascemos. Certo é que as pessoas desenvolvem uma relação com a santa, obviamente que com o passar do tempo essas relações vão ganhando dinâmicas diferentes alguns ficam mais próximos outros mais distantes.

Ainda que na maioria das situações essa devoção seja hereditária, devido a uma longa história de devoção familiar. Os santos, em sua maioria são considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo se objetiva num contrato mutuo da *promessa*.

### **3.7 As Promessas;**

A *promessa* é, das formas mais recorrentes que as pessoas possuem para se relacionar socialmente com Santa Teresa. É através das *promessas*, que são estabelecidos o que Foster (1961), denomina como *The Dyadic Contract*, ou seja, um relação de assimetria entre duas partes. No caso de Itamatatiua, a *promessa* é uma espécie de contrato assimétrico com obrigação recíproca, que pode ser firmado de modo individual entre uma pessoa e a santa, em seu próprio benefício da mesma forma que pode ser feita entre um povoado inteiro em consenso com a Santa por uma graça coletiva ai implica no pagamento coletivo pela graça alcançada, a *promessa* também pode ser feita por uma família com a santa, ainda pode ser feito por um indivíduo em favor de um segundo ou terceiro, sempre com a obrigação mutua do pagamento, ou seja, o dependendo do contrato cada individual terá que cumprir sua parte no trato, mesmo que ele não tenha feito diretamente o contrato com a santa, está é uma relação onde cada parte deve a outras obrigações diferentes.

Feita a *promessa*, as duas parte estão implicado a obrigação do cumprimento do contrato, para a Santa significa manter sua fama de milagreira e para o promesseiro, obtida à graça, fica a obrigação de pagar sob pena de sofrer as devidas punições por violar o contrato com a santa. Sobre isso Aponta Galvão.

Feita a promessa seu cumprimento é mandatório, sob pena do santo retaliar com castigos ao que foge da obrigação assumida. O tema mais comum dos relatos de milagres é o da punição de um faltoso pelo santo a quem fizera uma promessa e deixar de pagar (GALVÃO, 1955, p.42)

O pagamento da *promessa* vai depender do tipo contrato firmado, e da graça alcançada, uma vez que, as *promessas* também variam de acordo com a necessidade de quem faz a *promessas*, elas podem ser; pela recuperação de um parente doente, da recuperação do próprio indivíduo, por uma boa colheita, entre outras. Mas, as *promessas*, na maioria das vezes, são muito subjetivas, feitas no íntimo das relações entre devoto e a Santa.

A Promessa se apresenta como maneira de pagar uma dívida contraída com aquela entidade sobrenatural que beneficiou o interessado com o milagre ou uma graça pedida. É um pagamento, uma contraprestação que só tem seu momento após a realização da primeira cláusula do contrato, ou seja, do atendimento pelo santo (PRADO, 2007. p. 56)

As *promessas* se tornam públicas, como regra, na hora do pagamento. Esse pagamento, vai depender do acordo com a santa, mas que por sua vez, pode ser feito através de *ladainhas*, acompanhando a procissão com velas ou utensílios de será representando parte do corpo que foi curado, pode ser a feitura de uma novena, o levantamento do mastro, a feitura da própria festa ou colaborar com a formação do fundo cerimonial da festa com a doação de boi, porco, galinha, ovos, patos, farinha, tapioca, seus serviços ou mesmo dinheiro.

No caso de Itamatatiua, tem alguns *devotos* que fazem *promessa* para pagar distribuindo a joia na porta da igreja, as pessoas são avisadas pelo toque do sino aí formam uma fila na porta da igreja para receber a joia como lembra Neide de Jesus.

Ainda tem essas promessas que as pessoas fazem aquelas promessa para serem distribuídas na frente da igreja. Tem uma moça que todo ano vem, distribuir dinheiro na para as famílias, todo ano é vem, ela já esta um senhora de idade, parece que ela é de São Paulo. Eles dão farinha na porta de igreja e tem um toque de sino especial para quando eles vem entregar joia. (NEIDE DE JESUS, 2011)

Entre as formas de pagamento estão também distribuição de uma joia na porta da igreja, o oferecimento de uma festa a Santa Teresa na casa do promesseiro, onde a santa e seu *batuque* são os convidados de honra e ficam, em posição de destaque durante toda a festa, ou mesmo o oferecimento de almoço ao *batuque* durante o período de joia, ou



ainda o acolhimento do batuque para a dormida também durante a joia para encerrar digo que há infinitas formas de *promessas* como de seu pagamento.

### 3.7.1 A cobrança de promessas

No caso específico de Santa Teresa, em Itamatatiua, as pessoas se preocupam muito em agrada bem a padroeira na hora de pagar suas *promessas*, cumprindo o combinado nos mínimos detalhes, pois é sabido, que se a *promessa* não for paga do modo que foi combinado, ela certamente virá cobrar. Alias, a santa é bem conhecida pelo fato de fazer sua cobrança pessoalmente.

Uma das maneiras mais utilizada pela Santa para cobrar suas *promessas*, é através do sonho, o modo mais recorrente que pude apurar em minhas muitas conversas com as pessoas da comunidade sobre como que a Santa cobra suas *promessas*. Segundo os moradores, quando a Santa não se agrada da forma como a *promessa* foi paga, ou seja, se sente lesada no pagamento ou quando o promesseiro age de má fé com ela, o autor da *promessa* começa ter sucessivos sonhos com ela, cobrando o cumprimento do compromisso combinado.

Durante a estada no povoado, tive acesso os vários relatos feitos pelas pessoas que vivenciaram a experiência envolvendo o pagamento de *promessa* à Santa. Mas, os relatos relacionados são tratados como de domínio público, sendo contadas abertamente e servem para confirmar o valor e o respeito pela Santa.

Uma dessas histórias foi-me confiada por uma pessoa bem próxima de mim, quando ela era mocinha com aproximadamente 15 anos, a mãe fez uma *promessa* para ela carregar Santa Teresa durante um dia inteiro, enquanto ela fosse casta, ela carregou a Santa durante dois anos, no terceiro ela já tinha mudado para São Luís, mas quando chegou a proximidade dos festejos a mãe mandou avisá-la que teria que voltar para cumprir a *promessa*, quando aproximou a data da volta ela começou a sonhar com a Santa dizendo que sua dívida já estava paga e que ela não poderia mais carregá-la. Não houve outro jeito ela teve que contar a mãe que a santa havia desobrigada do compromisso, visto que, ela não poderia mais honrar o contrato como sua mãe havia firmado.

No caso acima acontece algo fora do convencional, a santa usa os sonhos desobrigar sua devota da *promessa*. Para a Santa o pacto está encerrado a partir do momento que a sua devota deixa de ser casta. Embora possa parecer, atitude da santa não pode ser interpretada enquanto punição porque o trato foi cumprido e o contrato era claro. Agora se a moça ficar em situação embaraçosa diante da mãe ou do povoado, isso foi causado pelo tipo de contrato, se alguém premeditou, foi que propôs o contrato.

Outro caso de cobrança feita pela Santa, envolvendo minha família, no ano 1984, meu terceiro irmão adoeceu, como de praxe minha mãe se apegou com Santa Teresa. Ela foi até a igreja e fez uma *promessa* dizendo se ele se recuperasse no ano seguinte ela o levaria vestido de anjo para sair na procissão do dia da festa em homenagem a Santa. Muito preocupada minha mãe tratou cedo de comprar os aparatos necessários. Falou com uma tia que é costureira fazer a roupa de anjo do meu irmão.

Como morávamos um pouco afastados do *sítio*, onde ocorria a festa., minha mãe e meu irmão acabaram por se atrasar, quando chegaram na igreja a procissão já estava recolhendo para a igreja, mesmo assim ela levou o menino e terminou de acompanhar procissão. Ela pensou então que a *promessa* estava paga. Mas no ano seguinte, faltando exatos três meses antes do dia da procissão do dia da festa, minha mãe começou a sonhar com a Santa seguidamente com ela. Um determinado dia ela resolveu ir a até a igreja e ter uma conversa com a Santa, nessa mesma noite ela sonhou com a Santa falando “arrume teu filho, pois o nosso contrato foi acompanhar a procissão da saída da igreja e não do meio da procissão” assim ela fez e chegou uma hora antes do início da procissão a partir desse dia as cobranças cessaram.

Nessa situação não há uma punição, a santa usa o sonho para reclamar o devido o não cumprimento de forma plena o contrato, ela pediu que o pagamento fosse refeito a partir do momento em que a *promessa* foi cumprida as cobranças elas cessam.

O tempo de pagar a *promessa* logicamente depende do contrato, mas pode ser negociado, o prazo podendo até alargado. Depende do *promesseiro* se dele se aprontar a tempo, ele demorar tempo que ele se achar economicamente pronto para cumprir seu contrato, nesse período se ele vier a morrer antes do pagamento, a dívida é extensiva à família que assume o compromisso do morto sob pena do autor da *promessa* ser

penalizado e completar sua passagem espiritual até a *promessa* ser paga. Como apontam os estudos de Regina Prado

Será, portanto, durante a vida que o indivíduo deverá se empenhar para pagar sua promessa, se quiser encontrar sossego após o falecimento. Em caso de não cumprimento ele será punido, transformando-se em “vagante” ou numa alma sem repouso que importunará, sem cessar, os vivos, até que um deles lhe assumirá os encargos até então preteridos. Mais de que qualquer prova este fato aponta, de um lado, para o caráter inquebrantável da promessa que não se rompe nem mesmo com a morte (PRADO, 2006. p. 57-8)

Quando o indivíduo morre e leva a *promessa* em segredo, ele costuma fazer o pedido à família através do sonho, por vezes ele elege um parente específico que assume o pagamento, mas o compromisso também pode ser assumido de forma coletiva pela família. Muitas das vezes essas *promessas* de morto acabam por se transformar em um acontecimento realizado periodicamente pela família.

Cabe explicar que nesse caso as relações nem sempre dependem de *promessas*, ela já existe antes. Entretanto, na maioria das vezes ela acaba se revelando nas *promessas*, mas existem várias maneiras dessa relação serem explicitada. A santa parece uma espécie de conselheira coletiva. Pois nesses casos as relações podem ser tanto individuais, familiares ou coletivas.

Sem exagero é possível afirmar que entre os mais velhos todos conhecem ou se envolveu pelo menos em uma história que expresse essa relação, entre as famílias dificilmente vamos encontrar uma que não tenham seus acontecimentos particulares, ou da vida privada envolvendo a santa. Ainda que seja uma *promessa* apenas. Percebi que as relações construídas com a santa podem ser coletivas ou individuais.

As relações coletivas envolvem um grupo familiar do povoado ou dos povoados circunvizinhos ou mesmos de fora do território físico, que firmam uma *promessa* com a santa, podem ser grupos de pessoas que não sejam necessariamente parentes, podem ser

moradores de um determinado povoado de dentro ou de fora como foi o caso de Frechal<sup>92</sup> em 1992. Como pode ser um promesseiro individual.

O contrato vai depender da necessidade e da imaginação de cada um, no momento que procura a santa, uma vez que as pessoas tem necessidades diferentes e suas relações vão variar também dependendo do que se que alcançar, cada pessoa tem seu modo particular de cuida e expressar suas relações com Santa Teresa.

### 3.8 Ladainhas à Santa Teresa

A ladainha, também conhecida como litania pelos católicos, é uma oração breve e insistente em forma de responsório, na qual o povo responde a invocações do ministro ou animador com uma aclamação: geralmente rogai por nós. O “rogai por nós”, repetido inúmeras vezes nas ladainhas é dito em tom de invocação, ou seja, rezando estamos trazendo para perto de nós a lembrança de alguém que nós amamos, que foi importante ou que alcançou a graça da santidade:

#### Fragmentos da Ladainha de Santa Teresa

Senhor, tende piedade de nós.  
Jesus Cristo, tende piedade de nós.  
Senhor, tende piedade de nós.  
Jesus Cristo, ouvi-nos.  
Jesus Cristo, atendei-nos.  
Deus, Pai do Céu, tende piedade de nós.  
Deus, Espírito Santo, tende piedade de nós.  
Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.  
Nossa Sra. do Carmo, rogai por nós.  
São José, rogai por nós.  
Santa Teresa de Ávila, rogai por nós.  
São João da Cruz, rogai por nós.  
São Rafael Kalinowski, rogai por nós.  
Santa Elisabeth da Trindade, rogai por nós.  
Santa Teresa dos Andes, rogai por nós.  
Santa Teresa Margaret Redi, rogai por nós.

No caso das *ladainhas* de Santa Teresa, têm os denominados *rezadores*<sup>93</sup>, que possuem a responsabilidade de conduzem as *ladainhas*. Algumas partes dos rituais são

---

<sup>92</sup> Quando a comunidade travava a luta pela posse de suas terras no início dos anos de 1990, alguém fez uma promessa para santa Tereza quando saiu o título a comunidade foi até Itamatatuiua com o tambor de são Benedito para agradecer a benção.

<sup>93</sup> São agentes sociais locais que detém o saber das rezas para as divindades

realizadas apenas pelo *rezador*, outras pela *assembleia*<sup>94</sup> e parte que são coletivas, entretanto, na *ladainha* rezada em Itamatatua observamos que tem determinadas partes que são tocadas e cantadas especificamente pelas caixeiras.

Mandar rezar *ladainhas* para Santa Teresa é uma das formas mais usadas pelos fieis para agradecer uma graça alcançada. As *ladainhas* têm importância ritual muito grande na estrutura social, elas fazem parte da relação cotidiana que envolve a Santa e seus *devotos*.

Os *devotos* fazem oferecem *ladainhas* quando fazem festa privada para a Santa, ela pode servir como pagamento de promessas, como *jóia* oferecida a Santa, podendo se mandada rezar a qualquer época do ano por um *devoto* ou qualquer pessoa que queira mandar rezar. A *ladainha* é um dos elementos centrais da festa em homenagem a Santa Teresa, uma vez que, no período da festa compreendido entre o *levantamento do mastro* e o *lava pratos* esse rito é realizado todos os dias.

As *ladainhas* são acompanhadas de dos *benditos*, que são tipos de cantos entoados em um tipo de Latim muito próprio da baixada maranhense. O *bendito* de Santa Teresa é cantado em grande parte das cerimônias, que ela participa, mas principalmente nos momentos das comemorações tanto nas públicas, quanto nas privadas, ele faz parte do imaginário dos grupos familiares que se relacionam com a Santa e com o território, sobre isso Sá Junior escreve:

Observando as recolhas da pesquisa de campo e as entrevistas por mim realizadas é possível afirmar que o canto em latim denominado 'bendito' revela dentro da sociedade em que toma parte o caráter mítico-poético, no plano do agir coletivamente. Com o canto religioso se realizam muitas tarefas diferentes. O canto é, pois, uma ferramenta linguística, concebida e procurada na medida em que os indivíduos põem em prática o imaginário social. Neste sentido, o objetivo é mostrar que, enquanto representação social e manifestação discursiva, a prática ritual dos *benditos* está indissociavelmente ligada às tradições culturais que culminam em construções indenitárias. (SÁ JUNIOR, 2010. p.74)

Como já afirmado, o canto do *bendito* é cantado um "latim" bem específico, apontado para um processo onde os agentes sociais foram ressignificando esse cântico de acordo com sua realidade, a realização de uma espécie de costura entre posições e domínios, Gennep (1960). Os rezadores exercem papel importante de guardiões e

---

<sup>94</sup> Termo usado pela igreja católica para se referir aos fieis que assistem as celebrações

reprodutores desse saber, que foi sendo incorporada a própria identidade dos grupos, uma vez que, influencia nas suas praticas sociais coletivas das pessoas, nas mobilizações e na coesão social dos agentes sociais, mas acima de tudo expressa a confiança na divindade:

*Kyrie, eleison.  
Christe, eleison.  
Kyrie, eleison.  
Christe, audi nos  
Christe, exaudi nos  
Pater de caelis Deus, miserere nobis.  
Fili redemptor mundi, Deus,  
Spiritus Sancte, Deus,  
Sancta Maria,  
Sancta Dei genitrix,  
Sancta Virgo Vigenum, ora pro nobis  
Mater Christi, ora pro nobis, ora pro nobis  
Mater divinae gratiae,  
Mater purrissima,  
Mater castissima, ora pro nobis  
Mater inviolata, ora pro nobis  
Mater intemerata,  
Mater amabilis,  
Mater admirabilis, ora pro nobis  
Mater boni consilii, ora pro nobis  
Mater creatoris,  
Mater salvatoris,  
Virgo pridentissima, ora pro nobis  
Virgo veneranda, ora pro nobis  
Virgo predicanda,  
Virgo potens,  
Virgo clemens, ora pro nobis  
Virgo Fidelis, ora pro nobis  
Speculum justitiae,  
Sedes sapietae,  
Vas spirituale, ora pro nobis  
Vas honorabile, ora pro nobis  
Vas insigne devotionis  
(SÁ JUNIOR, 210.p .78)*

Nos rituais realizados em Itamatatua onde o bendito de Santa Teresa é cantado o fragmento acima é muito utilizado. Isto revela o zelo dos rezadores quando fazem o processo de ressignificação dos benditos a sua realidade. Segundo Sá Junior (2010) esse latim, na configuração do catolicismo popular, se gera nos trabalhadores, donas de casa, agricultores, pescadores, constituindo seu modo de se situar no mundo e fazê-lo, numa consciência *cosmogônica* do tudo de si mesmo.

### 3.9 As festas

Devido as fortes relações sócias existentes entre Santa Teresa e seus devotos, a Santa receber uma grande quantidade de rituais em sua homenagem. Esses rituais exigem a presença da Santa e do seu *batuque*. *Batuque* é como se denomina o grupo de pessoas que acompanha a Santa Teresa nas mais diversas ocasiões, bem como: *jóia*, rituais fora da comunidade ou em outro município, recebimento de promessa e outros.

O *batuque* é composto por quatro caixeiras: são mulheres que tocam um tambor pequeno feito de madeira e coberto de couro de animal nas duas extremidades denominado como caixa. Quatro *bandeiras* meninas entre 10 e 14 anos e que ainda não tenham iniciada a vida sexual. Uma *carregadeira*<sup>95</sup> de Santa, um(a) *encarregada*<sup>96</sup> do batuque, um *guia*<sup>97</sup> e um homem ou dois para acompanhar, para trazer as coisas. Nas incursões de *jóias*, há um revezamento do *batuque*, parte sai para acompanhar a Santa e outra parte permanece no povoado para o ritual de chegada. Nessa etapa, a Santa só pode ser carregada por mulheres. A única exceção é quando algum homem tem como promessa carregar a Santa durante o período de esmola.

Atualmente a formação do batuque está cada dia mais difícil devido a dificuldade de reprodução das caixeiras devido ao grande contingente migração para São Luís. A maioria das que permanecem no povoado tem seus afazeres domésticos o que dificulta sua saída para passar grandes intervalos de tempo como exige alguns períodos da joia, outra tem dificuldade de deslocamento devido à idade.

No caso das bandeiras, elas estão em idade escolar e como o período da festa coincide com período escolar. Como algumas saídas para joia exige até duas semanas fora do povoado fica complicado a menina se comprometer com o festeiro, o jeito é ele usar das suas relações e negociar na escola e com a família. Quando tem alguém que tem promessa a ser paga como caixeira ou bandeira a vida dos juízes é facilitada. Sobre essa questão esta uma das principais queixas de Neide de Jesus a encarregada da Santa:

---

<sup>95</sup> Uma mulher da comunidade convidada pela encarregada ou que se disponha voluntariamente

<sup>96</sup> Pessoa que fica responsável pela comitiva, pode ser a própria encarregada da santa ou alguém que ela encarregue da tarefa.

<sup>97</sup> Um homem da comunidade que conheça bem toda a região de jóia, que tenha um capital de relações sociais muito bem articulado e que domine toda rota de jóias e os lugares de hospedagens da Santa. Sem o guia o trabalho fica praticamente impossível.

Essas ai já estão, difícil a gente estava até pensando em um curso com as meninas novas para ensinar elas a tocar caixa, porque as mais velhas já não estão dando conta e as mais novas estão indo toda embora, ai vão saindo tudinho ai já não tem mais quem toque caixa, e outra coisa também as bandeiras por causa do colégio elas não querem mais deixar ir servi por causa do colégio ai vai perdendo a tradição, a escola não libera, ano passado a gente não foi com batuque, mais cai a festa de mais, porque ai os devotos não ficam sabendo. Porque os devotos só sabem se ela for visitar. Porque a tradição é assim quando ela não vai visitar eles dizem logo assim, não vai ter a festa, só o festejo e quando ela vai visitar eles digam assim vai ter a festa.

Cabe ao festeiro cumpri com a tradição. Segundo Neide de Jesus a tradição manda que no dia primeiro de maio deve ser realizado o primeiro ensaio, depois se escolhe um sábado parta fazer outro ensaio, pode ser qualquer sábado que os festeiro queira, ai não tem problema, o terceiro é pelo espírito, o quarto é pela ascensão e o ultimo é entre véspera de Carmo dia 14 de julho, e ai quando sai pra esmolar, visitar. Os festeiros, tem que seguir esse calendário.

Cabe aqui fazer uma breve distinção sobre os tipos festas que são realizadas em homenagem a Santa Teresa, existem as de caráter mais familiar que contam com a participação de pessoas do circulo social de quem faz e a festa publica que é a principal festa do povoado de Itamatatiua que o auge cerimonial é em outubro e envolve toda rede de relações da Santa é uma festa que envolve todos o fieis, devotos, afilhados, compadres, moradores dos povoados e das localidades vizinhas.

### **3.9.1 As festas domésticas**

As festas privadas ou domesticas são aquelas em que o *devoto* oferece para a santa em sua casa. Esses rituais são resultantes do pagamento de *promessas*. O *promesseiro* então vai até Itamatatiua falar com a encarregada a quem ele faz o convite para que a Santa vá até a sua casa para receber a *promessa* na ocasião ele aproveita para combinar a data. Na data combinada o dono da *promessa* manda buscar<sup>98</sup> a Santa que vem acompanhada por parte do *batuque*.

Esses rituais ocorrem na esfera domestica nesse caso a rede de relações que é acionada é do *promesseiro* e não a da Santa. Festas privadas é uma regra em meio aos devotos de Santa Teresa. As festas domesticas elas não possuem uma data fixa para

---

<sup>98</sup> Cabe ao dono da promessa arcar com as despesas referentes ao transporte e alimentação dos acompanhantes da Santa



ocorrer, elas são de inteira responsabilidade do *devoto*, não ocorrem anualmente, todos os custos são arcados por quem faz festa. Nessa ocasião é rezada uma *ladainha* em homenagem a Santa e depois as caixeiras tocam, cantam e dançam.

Por não ser uma festa pública cabe ao *promesseiro* definir a programação, os convidados, o tempo de duração. A festa pode ser feita na casa do *promesseiro* ou na igreja da santa, vai depender do contrato, assim como ele pode levar a Santa e o *batuque* ele pode vir com todos os seus convidados e fazer a sua celebração na igreja da Santa.

### 3.9.2 A Festa de Santa Teresa

A festa em homenagem a Santa Teresa é uma festa pública e se constitui no principal acontecimento social, cerimonial e ritual realizado dentro do território. A festa figura também entre as principais da região<sup>99</sup> entre São Bento e Alcântara. É o momento de encontro das pessoas com a santa, é o momento de vir retribuir a visitar da santa, é um momento de agradecer uma graça, de pagar ou fazer uma *promessa*.

A festa é um momento crucial para se perceber os diversos tipos de relações existentes entre as pessoas e a santa. É o momento também para tentar se compreender a dimensão das relações e da devoção das pessoas para com a santa. O povoado de Itamatatiua fica “pequeno” diante de tanta gente. Para a comunidade é um momento especial, um momento de acolhida, isso significa dizer que pessoas que vão chegando e precisam de um abrigo certamente encontraram.

A grande maioria dos *devotos* constroem relações com moradores de Itamatatiua ao longo do tempo, quando chega ao período da festa, tem lugar para se acomodar. Pessoas que não tem conhecidos na comunidade e vão pela primeira vez podem ficar na pousada comunitária ou na casa de cerâmica ou mesmo pode firmar relações durante a festa e ficar na casa de alguém.

---

<sup>99</sup> Nessa região também são realizadas anualmente outras festas de santo bem famosa com proporção parecida com santa Tereza bem com: Nossa Senhora dos Remédios ou Remedinho em São Bento, São Sebastião em Areal, Mojó Barroso Bequimão, sendo que os dois últimos estão localizados dentro do território de santa Tereza, São Bendito festejado em todo Município de Alcântara inclusive na comunidade de Mocajituba II com a maciça participação das pessoas de Itamatatiua, festa de Santa Terezinha em Jacaré também dentro das terras de santa Tereza e a festa do Divino Espírito Santo, principal festa do Município de Alcântara que conta com participação do tambor de crioulas e de Caixeiras de Santa Tereza.

As pessoas que tem um capital de relações maior, principalmente por exercerem cargos ou funções de lideranças, ou ainda aqueles indivíduos que são conhecidos por zelarem pelos bens da santa, tendem a terem suas casas transformadas em moradias coletivas durante os últimos dias da festa, seja por *devotos*, parentes ou pesquisadores.

Certo é que ninguém fica sem abrigo na comunidade nesse período, pois grande parte das famílias já se prepara para o momento, marcado pela visita de familiares e amigos estabelecidos em outros lugares como São Luís e aproveitam o período de festividades para reforçarem os laços com a comunidade.

### 3.9.3 Os Festeiros

Quem chega a comunidade nos últimos dias da festa pode ficar impressionado com a quantidade de pessoas trabalhando de forma coletiva em atividades ligadas a festa. A primeira impressão é que se está em meio a uma única família com trabalhos coordenados. Mas esse é um momento de se deve relativizar, pois de certa forma essas pessoas formam uma grande família, ligadas por uma complexa rede de relações que leva a formação de laços de solidariedades cujo tamanho e abrangência vai depender de quem sejam os *festeiros*<sup>100</sup> ou *encarregados da festa*.

Esse período é fortemente marcado pelas redes de relações sociais consolidadas. O sucesso ou o fracasso do empreendimento depende muito das redes de relações, principalmente dos *festeiros*, cabe a ele fomentar da melhor maneira possível suas relações em seu próprio benefício, assim como cabe a ele cativar da melhor maneira possível à rede de relações da santa.

Os *festeiros* precisam gozar de habilidade política para escolher o *Batuque* da festa, por vezes tem que negociar muito bem para ter *caixeiras* e *bandeiras*, *carregadores*, *guia* e *encarregados* para ajuda-lo no período de joia, um *batuque* dedicado e um bom *guia* ajudam muito nesse momento.

---

<sup>100</sup> Festeiros ou Juizes da festa; para que a festa aconteça são escolhidos um casal para organizar a festa, são os juizes da festa ou festeiros, ele podem ser da mesma família ou de famílias deferente. Também podem ser ou não da comunidade. Os festeiros assumem toda responsabilidade pela festa de organizar ensaio escolher quem faz parte do batuque, o guia, bandeiras, encarregado pela joia, ou seja, todo o empreendimento é de responsabilidades deles, inclusive a tarefa de escolher junto com a encarregada os próximos festeiros. Existem dois tipos de festeiros o escolhido pela encarregada e o festeiro promesseiro que pede a festa para santa como o pagamento de uma promessa.

O *guia* ele é fundamental, pois além de conhecer os locais de joia e manter um imenso capital de relações na região, é ele que sabe as casas onde a santa dorme, no seio dessas suas relações ele sabe onde tem as joias com o maior valor econômico. Ou seja, se o *festeiro* tiver habilidades na condução da sua rede de relação e para aproveitar-se o máximo possível da complexa rede de relação da santa as possibilidades de fazer um bom papel como *festeiro* é muito grande.

A escolha de um *festeiro* é feita na maioria das vezes pela pessoa que fez a última festa em comum acordo com a *encarregada* da Santa, ou através de pedido a *encarregada* da Santa com a finalidade de pagamento de uma *promessa*. Em alguns casos, a própria Santa indica alguém para a *encarregada* através do sonho. No caso específico de quando a escolha é feita pela santa através de sonhos, cabe à *encarregada* transmitir o recado.

Segundo moradores, a Santa escolhe o *festeiro* quando os últimos *festeiros* e *encarregado* não chegam a um acordo para formar o par que realizará a festa seguinte e acaba escolhendo só um lado ou quando a santa não sente tanta confiança em um dos juizes e escolhe outro capaz de assumir a responsabilidade de conduzir a cerimônia.

Na mesma ocasião que são escolhidos o casal de *festeiros*, são escolhidos também, um casal de *juizes do mastro*, sete *mordomos comuns*<sup>101</sup> e um *mordomo régio* ou *novenários* que serão responsáveis pela organização das *novenas* no intervalo entre o levantamento do *mastro* e a festa. Os *novenários* são sempre quatro pessoas do sexo masculino e quatro do sexo feminino.

A cada ano há uma mudança de ordem dos gêneros na feitura da *novena*. No ano da pesquisa a primeira *novena* foi de um homem e a *novena régia*<sup>102</sup> foi de uma mulher, no ano seguinte essa ordem ele se inverte. Os nomes são anunciados no dia da festa, os escolhidos terão que se preparar para realizar a festa no próximo ano.

---

<sup>101</sup> Soa celebrações noturnas que antecedem auge do cerimonial que são os últimos três dias de festa, nelas são celebradas as ladainhas.

<sup>102</sup> A *novena régia* é uma *novena* especial e muito disputada é a que antecede os últimos dias de rituais, quanto maior forem às relações sociais do morador maior a chance dele ser agraciado com a *novena régia*. A *novena régia* é a preferida dos promesseiros.

### 3.10 O Mastro



Mastro fincado em frente igreja de Santa Teresa

No caso da festa de Santa Teresa, uma casal é escolhido para ser responsável pelo *levantamento* do mastro. Quanto à escolha do casal, ela pode ser feita pelo dono da última festa, pela *encarregada* em alguns casos pela Santa<sup>1</sup> ou pode ser de *promessa*.

Na maioria das vezes os juízes são escolhidos dependendo de suas relações com o *festeiro* anterior necessariamente não precisa ser uma pessoa da comunidade de Itamatatua.

Quando se trata de juízes de *promessas* ele não é escolhido à ação parte dele, é o autor da *promessa* que procura a encarregada da Santa para pedir o mastro. O pedido tem que ser feito com antecedência para a encarregada avisar o *festeiro*, pelo que pode perceber, há certa prioridade para as pessoas que tem *promessa* na hora de distribuir as funções sociais da próxima festa.

Cabe ao casal escolhido é responsável pela derrubada do mastro anterior, a partir desse momento ele tem um ano para organizar a cerimônia de *levantamento* do próximo mastro. Deferente do promesseiro que o ano de levantamento do mastro vai depender do contrato com a santa, sendo assim ele pode se preparar a contento, além disso, esse prazo é negociável com a santa ele só não pode deixar de cumprir.

Os juízes do mastro em comum acordo “contratam” uma pessoa para ser o *encarregado do mastro*, é essa pessoa que fica responsável por escolher o pau que

servirá de mastro, por reunir pessoas para tirar, pelo cortejo que vai buscar o pau na mata e pelo levantamento no dia determinado<sup>103</sup>.

Os juízes cuidam das outras coisas, como a contratação de uma orquestra para animar o cortejo, da cachaça para animar os *carregadores do mastro*<sup>104</sup>, a feitura de bolo para ser distribuído depois do levantamento, compra de foguetes, ajudar na ornamentação do mastro. Ou seja, os juízes ficam responsáveis por subsidiar economicamente a cerimônia e receber seus convidados.

### 3.10.1 A busca do mastro na mata

No dia do levantamento do mastro as atividade iniciam bem cedo, por volta das 05:30 (cinco e trinta da manhã), com foguetes e o toque alvorada. A *turma*<sup>105</sup> se reúne na igreja para sai em busca do mastro, equipados com machados e facões<sup>106</sup> eles partem rumo ao local onde se encontra a árvore<sup>107</sup>, previamente escolhida pelo *encarregado do mastro*<sup>108</sup>, a ser derrubado para servir como mastro.

Ao chegar ao local os homens limpam em redor da arvore e em seguida inicia-se a derrubada utilizando machados afiados, regado à cachaça e entoando algumas toadas de conhecimento local ou mesmo feitas na hora para desafia um dos colegas presente, que tem o direito da resposta, muito parecido como eles fazem no tambor de crioulas.

Enquanto a *turma* está para o mato, o *batuque* fica no povoado esperando o momento para ir ao encontro da turma que traz o cortejo do mastro sinalizado com

---

<sup>103</sup> Atualmente os festeiros optaram por realizarem a festa sempre em fins de semana, para possibilitar a maior participação das pessoas que vem de fora tanto dos devotos quantos de pessoas da localidade que moram ou trabalham em São Luis, por esse motivo a dia exato do levantamento do mastro assim como a da festa variam de acordo com o fim de semana mais próximo do dia 15 de outubro data de aniversario de morte de santa Tereza D'avilla. Antes dessa adequação o levantamento do mastro ocorria dia 06 de outubro e a festa, 14, 15 e 16 do mesmo mês.

<sup>104</sup> São os homens de Itamatatiua e povoados vizinhos que são convidados para a cerimonia, pelo encarregado do mastro, pelos juízes e outros que participam espontaneamente.

<sup>105</sup> A Turma é formada por homens de Itamatatiua e das comunidades próximas, são em sua grande maioria lavradores que deixam seu dia de trabalho na roça para participarem do cortejo do mastro de santa Tereza. Eles dedicam o dia inteiro a essa atividade, é como se fosse um dia de feriado ou ponto facultativo em Itamatatiua e comunidades vizinhas.

<sup>106</sup> Os Machados e Facões utilizados pelos homens são instrumentos de trabalhos usados no diário desses trabalhadores.

<sup>107</sup> A arvore, quando escolhida para servir de mastro recebe uma marcação para evitar que seja cortada para outra finalidade.

<sup>108</sup> Pessoa escolhida pelos juízes do mastro para organizar toda cerimonia do mastro um homem da localidade que possua experiência na condução da cerimonia.

foguetes. Enquanto esperam elas ficam cantando coma às *caixeiros*, *bandeiras* e a orquestra na casa da Santa onde é servido café com *bolo de tapioca*<sup>109</sup>.

A casa da Santa é o local onde são desenvolvidas varias atividades nesse dia bem como a feitura de comida para ser distribuída para as pessoas que estão acompanhando o mastro. A casa e a igreja são os locais onde as pessoas se aglomeram para esperar a saída da procissão que leva Santa Teresa ao encontro do mastro.

Enquanto isso, a turma depois da derrubada do *mastro*, segue fazendo o processo de *desgalho do mastro* sempre cantando e bebendo cachaça, depois de desgalhado os homens carregam ou arrastam o mastro até um local onde podem forma *dois pelotões*, amarram com *cipó*<sup>110</sup> ou cordas, varias *estacas*<sup>111</sup> transversais para facilitar a divisão do peso.

Tudo pronto, os homens então formam duas fileiras entre ele fica o *pau do mastro*, é hora de começar a carregar. Enquanto alguns homens fazem força nas estacas para levantarem o pau outro ajudam pegando no próprio mastro ao comando do encarregado eles em um esforço coletivo iniciam a caminhada com o *mastro* no ombro em meio a palavras de incentivos, *vambora*, *vambora*, *vambora*. Durante a caminhada os homens se reverbam para conseguirem carregarem, tanto os que estão nas estacas como os que trazem o mastro diretamente no ombro.

Com alegria eles saem cantando toadas, bebendo, atirando foguetes em um esforço e alegrias coletivos. Durante trajeto o cortejo vai parando em casa de conhecidos para descansar em algumas ocasiões o dono da casa fornecem bebidas ao grupo. Nesse ínterim pessoas se juntam ao *cortejo* e a *turma* só aumenta. Juntam-se aos homens, significativo contingente de meninos que costumam como manda a tradição, montarem no mastro enquanto os homens carregam e assim seguem ao encontro da santa e sua procissão.

---

<sup>109</sup> Bolo feita a partir da massa retirada da mandioca.

<sup>110</sup> Espécie de fibra retido no mato nas proximidades onde é retirado o pau do mastro.

<sup>111</sup> São pedaços de madeira de três ou quatro metros retirados nas proximidades onde o mastro foi tirado ou muitas das vezes são feitas dos próprios galhos da arvore usada como mastro.

### 3.10.2 O encontro da Santa com o mastro

No povoado ficam reunidos a orquestra, o *batuque* juntamente com o casal de *juízes da festa* e os *mordomos* esperando o sinal da turma do *mastro* para saírem em *procissão*<sup>112</sup> ao encontro do *cortejo* que carrega o *mastro*. O sinal é dado através dos foguetes, então as pessoas saem em procissão da casa da Santa em direção da igreja, mas antes *batuque* dá três volta no sentido horário ao redor da santa cruz localizada em frente à igreja. Na igreja a *juíza da festa* pega a menor das três imagens da Santa do altar mor, coloca com uma das mãos junto ao peito e com outra mão segura um guarda sol e a procissão segue cantando ao encontro do cortejo que carrega o mastro.

O encontro entre o *cortejo do mastro* e a *procissão* da Santa é marcado por muitos foguetes e cantorias entre as duas partes em seguida a *procissão* da à volta e acompanha o mastro até o povoado. Chegando ao povoado os homens arreiam o *mastro* pela ultima vez agora em frente da igreja ao lado da santa cruz e a santa segue com o *batuque* para sua casa, essas atividades são feitas pela manhã. Após o almoço ser servido na casa da santa, os homens voltam para frente da igreja para ornamentar o mastro.

---

<sup>112</sup> Cabe explicar que no Itamatatiua durante as festas ocorrem vários tipos de procissão ou cortejo. 1. Tem a procissão ou cortejo de joia. 2. Procissão que vai buscar o mastro. 3. Procissão que sai da casa da Santa trazendo a Santa e os festeiros para assistirem o levantamento do mastro e depois retorna a casa da Santa. 4. Nos dias das novenas a Santa Sai em procissão noturna junto com o *batuque* e os festeiros da casa da festa até a igreja para acompanharem a *ladainha* depois a procissão retorna para a casa da festa. 5. Na véspera da festa a noite a Santa também sai junto com a corte da festa em procissão até a igreja, depois da *ladainha* ela segue em procissão noturna recolhendo joia na comunidade de Itamatatiua e só volta para a casa da festa de pois de passa em todas as casas do povoado. 6. Tem a procissão que acontece no dia da festa do *batuque* procurando a santa que foi rouba no dia anterior essa procissão sai da casa da Santa roda o povoado até encontra a Santa voltar para a igreja e depois retorna a casa da Santa. 7. No dia da festa tem uma grande procissão solene onde a imagem media de Santa Teresa é carregada pelos fieis percorrendo as ruas do povoado. A procissão solene é onde os devotos mais participam é nela que as promessas são pagas é o grande momento cerimonial. O povoado fica repleto de devotos e moradores. Cada procissão tem sua função social e obedece a um plano de organização social e cerimonial. As seis primeiras procissões a imagem que é levada é a menor, a media sai apenas do dia da festa, enquanto a imagem menor fica na casa da festa e a imagem em tamanho natural fica o tempo todo na igreja, então ao mesmo tempo em que a Santa ela percorre o povoado, ela guarda a casa da festa e fica na igreja. A procissão assume diferentes significados para um mesmo grupo, para cada parte do ritual existem um tipo de procissão e o grupo faz bem essa distinção.

### 3.10.3 Enfeitando o mastro

Na hora da ornamentação o mastro é colocado sobre duas *tesouras*<sup>113</sup> feitas de estacas, os homens se dividem para cumprir algumas tarefas, enquanto uns se responsabilizam por abrirem o buraco onde o mastro deve ser fincado. Enquanto isso outros cuidam da limpeza do pé do mastro utilizando de facas ou facões tiram toda a casca na medida aproximadamente de um metro, parte que ficará enterrada. Outra turma vai cuidando da parte dos enfeites, usam uma planta comum na localidade popularmente chamada de murta para cobrirem o mastro depois acrescentam alguns litros de bebidas (vários tipos de cachaça e refrigerantes) e frutas com, abacaxi, coco e bananas. As tarefas são realizadas com os homens sempre animados, cantado e bebendo.

Se durante o festejo alguém for flagrado usurpando alguma fruta ou bebida, pode ser “preso”. A prisão também implicará no pagamento de uma espécie de sentença que dependendo da pessoa pode ser de uma simples multa paga ao dono da festa ou a prestação de determinado trabalho durante a festa até o mastro ou uma novena na próxima festa. A prisão faz parte da tradição da festa e ocorrem em vários outros momentos, assim com faz parte as pessoas tentarem levarem as frutas ou bebidas do mastro sem serem flagradas.

### 3.10.4 O Levantamento

Quando o fim da tarde vai se aproximando, a quantidade de pessoas vai aumentando é chagado a hora de levantar o mastro. A procissão sai da casa da santa em direção à igreja sob o toque do sino, nela vem o casal de juízes da festa trazem a bandeira da santa, a juíza do mastro trás a santa, acompanhados pelo som da orquestra e das caixeiras. Ao se aproximarem da santa cruz as caixeiras param enquanto as bandeiras e os *festeiros* dão três voltas no sentido anti-horário ao redor da santa cruz cantando cântico em homenagem a Santa Teresa. Em seguida o batuque e os *festeiros* dão três voltas também no sentido anti-horário agora ao redor do mastro. Ao final da ultima volta o casal de juízes da festa entrega ao *encarregado do mastro* uma bandeira em branco e azul com a imagem da santa para ser colocado no mastro,

---

<sup>113</sup> Tesoura é um tipo de equipamento que auxilia os homens na hora de levantar o mastro, elas são feitas usando duas estacas e uma corda e de tamanhos variados.



Logo após, caixeiros e bandeira sentam-se em frente da igreja juntamente com a orquestra e todos os outros *festeiros*, além das pessoas que vão com objetivo de assistir a cerimônia. Os homens vão cuidadosamente levantando o mastro com a ajuda das tesouras e de algumas cordas com muitas pausas para que nada saia errado, hora sob o som das caixeiros, hora sob o repicar do sino e com muito foguetes.

Todas as ações são coordenadas pelo encarregado do mastro, ao final do levantamento do mastro as tesouras e as cordas são cuidadosamente retiradas e a obrigação do dono do mastro está praticamente terminada a última ação é a distribuição de bolos no pé do mastro, a partir daí a noite fica por conta do primeiro mordomo.

### 3.11 As Novenas

No caso específico dos festejo em homenagem a Santa Teresa reza a tradição à realização de 7 (sete) novenas comuns e uma régia. A nona novena fica a cargo do *dono da festa*, uma vez que, ela é rezada na véspera da festa. As sete primeiras novenas são realizadas nos sete primeiros da parte final da festa, iniciando no dia do mastro. Os novenários ou mordomos como também são chamados os “donos” das noites também são escolhidos pelo último casal de *festeiro* ou pedem como *promessa*.

A novena, período que antecede imediatamente a festa, tinha originalmente a função de preparar espiritualmente os fieis para o culto ao santo. É nessa fase que o “rezador” encontra a ocasião propícia para exercer suas funções de um funcionário religioso específico, sabedor que é de ladainhas e benditos (PRADO, 2006. p. 83)

Os **novenários** se preparam durante todo o ano para fazer o melhor possível na noite em que ele é responsável. Eles criam uma espécie de fundo cerimonial a ser usado no dia de sua novena, eles vão acumulando dinheiro produtos perecíveis a serem utilizados no dia de sua novena. Os novenários contam com a solidariedade de vizinhos amigos e parentes que colaboram na formação do fundo cerimonial ou ajudam prestando serviços durante o período da novena. É bem verdade que as comemorações

das novenas, por serem uma cópia da principal apresentam um esquema bem mais simples (PRADO, 20006. p. 83)

As principais despesas de uma novena recaem na compra de material para a feitura de *bolos*<sup>114</sup>, a aquisição de foguetes e bebidas principalmente refrigerantes e cachaça. No dia da novena o mordomo da noite é responsável por convidar as pessoas para participar da cerimônia. As pessoas se reúnem na casa da santa, todos os *festeiros* como os convidados de lá sobem e procissão até a igreja, a *Juíza* carrega a imagem, enquanto os outros *juízes e mordomos* levam uma vela acesa, ao chegarem perto da *santa cruz* e do *mastro* repetem o ritual três voltas ao redor da santa cruz e três em volta do mastro sempre no sentido anti-horário.

Terminada as orações a procissão volta para a casa da santa onde é oferecida aos mordomos e juízes uma mesa luxuosa e farta com muitos bolos, café, chocolates, refrigerantes e a lembrança da novena. Nessa mesa a estrela principal é o *bolo confeitado*<sup>115</sup>. Há uma clara disputa silenciosa entre os novenários para ver quem faz a melhor novena ou que faz a mesa mais luxuosa e o bolo mais bonito que deu o mais belo enfeite, algumas pessoas vão só para comparar. Logo depois dos mordomos e juízes é a vez da mesa das caixeiros e bandeira, por ultimo é oferecida uma mesa para todos os presentes encerrando a noite.

### **3.11.1 Novena Régia**

A novena régia, ao meu ver, merece um destaque diferenciado das outras novenas. O mordomo régio também é escolhido pelo ultimo *festeiro*, pelo que pude perceber é uma novena especial, ser mordomo régio é ocupar uma posição social na festa de mais destaque e sem duvidas uma condição desejada pela maioria dos moradores. A escolha desse mordomo é um ato de carinho, confiança é especial como se fosse a dádiva da festa, é a novena mais pedida em *promessa* para Santa Teresa.

---

<sup>114</sup> A Feitura de Bolos se da de duas maneiras o bolo de tapioca que exige a participação de uma maior quantidade de pessoas mulheres. A tapioca em sua maioria é produzida pelos próprios novenários quando não é comprada de um conhecido, o mordomos costuma também ganhar ovos e outros produtos, no caso do bolo de trigo é visto como uma atividade mais elaborada. O bolo de trigo confeitado é a principal atração da mesa.

<sup>115</sup> Bolo feito de trigo e ornamentada usado para enfeitar a mesa dos mordomos.

O mordomo régio é escolhido baseado no respeito, no carinho e na sua capilaridade de sua rede de relações sociais principalmente com quem o poder da escolha. Sobre essa noite recaem quase todas as expectativas sobre as novenas e muitas das vezes da própria festa isso dependendo de quem seja o escolhido como o mordomo.

A cerimônia em si das novenas segue o mesmo padrão o que muda no caso da novena régia é o significado a simbologia, o que aumenta as responsabilidades sobre a noite e leva os responsáveis a capricharem o que acaba resultando em novenas com mesas e bolos e lembranças luxuosas.

Quando a novena régia não cumpre sua função social, o mordomo régio acaba de certo modo na *boca do povo*<sup>116</sup>. Durante meu campo percebi que as novenas foram distribuídas entre os moradores de Itamatatua dos povoados<sup>117</sup> mais próximos onde os laços de relações sociais são bem estreitos, mas a novena régia foi de *promessa* feita por uma pessoa distante socialmente da comunidade. As novenas acontecem anualmente, sendo que há um revezamento na feitura da novena régia baseado no gênero, anos ímpares são feitos pelas mulheres e os homens fazem em anos pares.

Um fato que me chamou atenção quanto aos novenários foi que conforme a proximidade social com Santa Teresa e com o povoado de Itamatatua as pessoas pareciam se empenhar o máximo para fazer sua novena assim foram às setes primeiras, bem comentadas e muito parecidas nos esforços de seus “donos”, já a régia muito esperada não chamou tanta atenção pela pompa, mas pela falta de habilidade do responsável em lidar com o momento.

Isso se deve a distância social que ele tem com a comunidade, isso me levou a refletir sobre essa diferença dos significados das coisas entre as pessoas. As pessoas que moram dentro do território de Santa Teresa e acabam por estabelecer relações sociais específicas com a santa, com as pessoas que moram na circunvizinhança e com as próprias coisas da santa ou com aquilo que a envolve.

Para um morador do Território de Santa Teresa ser *mordomo régio* é um privilégio, sinal de prestígio, distinção junto a comunidade, já mais faria uma novena

---

<sup>116</sup> Fica mal falado

<sup>117</sup> Os povoados com laços sociais estreitos com Itamatatua são (os Mocajituba, I, II e III, Jacaré, Tubarão e Boca da Salina)

tem grande significado para a comunidade como uma simples obrigação que tinha que ser cumprido, ou seja, o significado do cerimônia ou da ocasião social para as pessoas de fora são completamente diferente dos moradores do território de Santa Teresa.

### 3.12 Os últimos três dias de festa

O período de dez dias compreendido entre levantamento e o lavra partos da festa, compreende o final do processo ritual da festa, coincidentemente é nessas ultimas duas semana que os rituais se intensificam e que a participação de *devotos* e admiradores é mais forte e mais visto. Esse momento que se pode ter a dimensão da força e influencia que santa Tereza possui dentro do seu território e na circunvizinhança, a participação de grande número de pessoas tanto nas tarefas da festa, quanto na procissão e nos outros espaços mostram isso.

Entretanto a festa não começa no dia do levantamento do mastro, mas tem todo um calendário definido a ser cumprido como manda a tradição. Primeiro passo é a escolha dos juizes da festa, que serão os *festeiros* do próximo ano que é feito pelo *festeiro* anterior em comum acordo com a encarregada da santa para evitar qualquer problema político. O *festeiro* pode resultar de duas maneiras convite publico ou *festeiro* de *promessa*.

Segundo prado ( 2006. p. 72), o *festeiro* não é o resultado de um engajamento direto e privado do individuo, mas uma aquiescência a um convite publicamente formulado por outrem. No caso do promesseiro a iniciativa de assumir essa cerimônia coletiva é individual. A festa também pode ser vista como um empreendimento coletivo fruto de relações coletivas, como no caso de Santa Teresa o cidadão responsável pela festa ele assumir de certa forma uma função em nome do coletivo como aponta Prado no trecho a seguir

As próprias festas de santo podem ser consideradas promessas coletivas com o objetivo do bem estar da comunidade. Acredita-se firmemente que se o povo não cumprir com sua obrigação ao santo, isto é, festejá-lo na época apropriada ele abandonar a proteção que dispensa. (PRADO, 2006. p. 42)

Quando se trata do caso de um *festeiro* comum assumir a feitura da festa, é mais frutos das pressões sociais em sua maioria das vezes motivada pela capilaridade das relações pessoais do sujeito dentro e fora do grupo, via de regra seu compromisso é mais imediato, para o ano seguinte ou no máximo dois anos.

Nesse período o *festeiro* deve se valer de suas boas redes de relações para conseguir montar o *batuque* e uma boa turma que saia em companhia da santa com o objetivo de arrecadar joias para formar um fundo cerimonial para ajudar na feitura da festa.

O *casal de juízes* além de organizar todo processo ritual é responsável diretamente pela organização de todo o conjunto da festa bem como; formação do batuque, ensaio, joia e a organização direta dos três últimos dias da festa, a véspera onde acontece a última novena, o dia da festa que se constitui no ponto alto da cerimônia e o lava pratos encerramento.

O povoado começa a ficar agitado no dia da novena regia que, via regra, quando o mastro é levantado no dia 06 de outubro que manda a tradição cair no dia 13<sup>118</sup> de outubro. É dia é marcado pelos últimos retoques no sítio, feitura de bolos e o banho da Santa. A feitura de bolos de tapioca é uma tarefa coletiva onde os donos da festa convidam várias mulheres e homens para a feitura de bolos.

Há um visível processo que aponta para uma divisão sexual do trabalho relativo às atividades realizadas na comunidade nos últimos momentos que antecedem os três últimos dias de festa. As mulheres ficam responsáveis pela feitura da massa<sup>119</sup>, cuida da feitura de todos os bolos, das comidas, ornamentação da igreja da casa da festa. Os homens socam o coco babaçu para extrair o leite<sup>120</sup>, cuidam da matança dos animais, preparam o forno para assar os bolos.

---

<sup>118</sup> Para efeito de escrito eu vou considerar as datas em que as atividades tradicionalmente são feitas, coincidentemente em 2011, ano do meu campo a festa foi feita nos dias tradicionais, ou seja, o dia da festa coincidiu com o dia da morte de santa Tereza D'avilla dia 15 de outubro. Então minha narrativa se dará considerando as datas tradicionais de cada atividade. Segundo PRADO, 2006. p. 42 Existe um padrão de atitudes e de relações para com os santos que se define sob a legenda de respeito. Compreende as festas realizadas na ocasião devida, o cumprimento das promessas, as ladainhas e novenas e atos como benzer-se diante da imagem.

<sup>119</sup> A massa do bolo é feita usando ovos, a tapioca utilizada na maioria das vezes é produzida nas roças de pessoas da comunidade, manteiga, sal, erva doce e leite de coco. Primeiras às mulheres molham a tapiocas depois acrescentam os ingredientes até a massa ficar no ponto depois elas enrolam partes da massa em forma de roda o bolo está pronto para ir ao forno. São produzidos dois tipos de bolos de tapioca o normal, que a massa fica consistente por dentro e o bolo “fofo”, que um bolo todo mole e mais macio”.

<sup>120</sup> O coco babaçu é socado pilões homens e as vezes mulheres se revezam no processo. Durante esse período são socado grande quantidade de coco babaçu. Essas tarefas são marcadas por serem

Cada agente social cuida dos seus afazeres sem que haja interferência de um no trabalho do outro sob pena de ser considerado como a quebra de uma regra, uma infração, essa ação poderia interferir negativamente no trabalho do outro, incapacitando a ação do outro<sup>121</sup>. Essas atividades ocorrem na casa de farinha da comunidade e são desenvolvidas de forma coletivas. Como observa Regina Prado (2006), Quem chega ao povoado nas vésperas ou durante a realização de uma festa, fica impressionado com fluxo de atividades assumidas coletivamente e com o aspecto que ele adquire de uma só e grande família.

### **3.13.A Véspera;**

O dia 14 véspera da festa é outro dia marcado intensamente pelo trabalho coletivo, a feitura de bolo continua é o dia da matança de animais<sup>122</sup> como; porcos, galinhas, patos, boi para receber as visitas durante os últimos três dias de festa chega-se a ser consumida na comunidade aproximadamente uma tonelada de carne, entre oito e dez fardos de arroz, 10 quilos de macarrão entre outros. A maioria dessas atividades é feitas durante o dia.

#### **3.13.1 O banho da Santa**

No dia 14 pela manhã dia da véspera acontece o banho de Santa Teresa é único dia do ano que a imagem em tamanho natural de Santa Teresa desce do altar mor, alguns homens do povoado retiram a imagem do altar mor e colocam no meio da igreja. As mulheres se encarregam do banho que é feita a base de ervas cheirosas recolhidos dos *girais* nos quintais das casas adicionada algumas gotas de essências. O banho é feito em grandes *aguidais* com água do *chora*<sup>123</sup>. Depois do banho ela volta para seu lugar. Toda

---

tradicionalmente coletivas e envolvem moradores de Itamatatua e comunidades próximas que por solidariedade ao festeiro ou a santa oferecem seus serviços sem cobrar nada.

<sup>121</sup> Aqui permeia a ideia de Panema, descrito por Eduardo Galvão em 1955, Santos e Viagens “uma força mágica, não materializada, que a maneira do mana dos indonésios é capaz infectar criaturas humanas, animais e objetos. Panema, é, porém, um mana negativo. Não empresta força ou poderes extraordinários; ao contrario, incapacita o objeto de sua ação (p.111)

<sup>122</sup> Esses animais que são mortos e usados como alimentos nos últimos três dias da festa são animais que a santa ganha no período de joia ou são adquiridos o com esse o fim específico. O fato da santa ser dona de terras facilita as doações de patos, galinhas, porcos e bois que são mortos e usados para alimentar os visitantes. Esses animais são frutos de doações dos devotos muito em forma de pagamento de promessa.

<sup>123</sup> O poço do chora é um lugar especial, tido com místico e sagrado o pequeno poço de não possui dois palmos de profundidade fica em um pé de morro a aproximadamente 500 metros da comunidade, sempre com água cristalina historicamente foi a principal fonte de água potável usada pela comunidade. Segundo

água que sobra do banho da Santa é levada pelos *devotos* em pequenos vidros e tem validade indefinida, uma vez que, a água do banho de Teresa nunca se estraga sendo considerados pelos devotos como remédios para vários males.

Durante a noite do dia 14, há festa com radiola de regue<sup>124</sup> vindas de São Luís e começa a tocar antes das 20:00 horas até o dia amanhecer, o clube fica ao lado da casa da santa. Enquanto *rola o som* da radiola na *tribuna* as pessoas interessadas na parte religiosa se concentram na casa da santa, aproximadamente 23:00hs, saem em procissão cruzando o sítio até a igreja, sempre com a juíza carregando a imagem da santa e os outros mordomos e juizes com velas acesas ao som do toque das caixas e cânticos em homenagem a Santa Teresa, ao se aproximarem da santa cruz e do mastro dão três voltas em redor da santa cruz e três em volta do mastro sempre no sentido anti-horário.

Ao chegarem na igreja todos tomam seus lugares, a santa no altar mor, o batuque e a “corte” de Santa Teresa em seus devidos lugares, os rezadores tomam seus lugares, sempre em pé em frete ao altar e começam entoar a ladainha, que tem parte acompanhada pela assembleia e partes acompanhadas pelas caixeiras e partes específicas puxadas pelos rezadores.

Ao fim da ladainha a santa deixa a igreja que fica sob guarda da encarregada a noite toda. A ladainha termina um pouco depois da meia noite e a santa sai em procissão recolhendo joias pelas casas dos moradores do povoado. Acabado o recolhimento das

---

moradores o lugar é protegido por vários encantados e mães d'água e é considerado pelo moradores como sagrado, conta a lenda que se alguém da comunidade levar uma pessoa de fora nesse local se ele estiver mal intencionado a água suja, ou mesmo os encantados podem assombrar a pessoa, ou mesmo corre o risco de ser flechada pelas mães d'água. Conta-se também na comunidade que quem bebe água do choro perde a vontade de ir embora. Os moradores de Itamatatua conhecem a água dessa fonte pelo gosto, ao se colocar na boca sabe se a água oferecida é ou não da fonte. O choro é um lugar não muito recomendado para levar pessoas de fora e os moradores não gostam muito de levar estranho pra ver a fonte

<sup>124</sup> O regue é a principal música ouvida em Itamatatua. É praticamente impossível ir à localidade e não se ouvir tocar um regue. As pessoas simplesmente adoram ouvir o ritmo caribenho ou jamaicano, seja no rádio FM, seja em pequenos aparelhos de som doméstico, assistem a programas na TV, DVD, celulares ou pen-drive. Na comunidade os celulares têm um uso bem definido ou de ouvir música, uma vez que a única possibilidade de se comunicar através do aparelho é usando a antena de celular rural. A maioria das pessoas que têm celular usa pra ouvir regue principalmente os mais jovens. Durante as minhas quatro estadas na comunidade na etapa de pesquisa da dissertação em todas as vezes recebi várias vistas de jovens na minha casa para me passar músicas de CDs para cartão de memórias de celulares ou Pen Drive. As vezes eu era para no meio da rua e se tivesse com meu computador fazia o serviço ali mesmo, outros pediam para eu me deslocar até a casa deles. Com eu utilizava net book, já tinha a preocupação de sempre levar a gravadora na bolsa, pois sempre aparecia alguém solicitando esse tipo de favor. Era bem engraçado porque isso facilitava meus contatos com os mais jovens. Alguns me encomendavam músicas para a próxima vez que voltasse pediam pra eu baixar na internet. Sempre que eu ia fazer esse tipo de operação eles quando olhavam minhas pastas de músicas pediam se fosse regue então eu não tinha como negar, o mesmo ocorria com meu colega e auxiliar de pesquisa Tacilvan. A relação deles com o regue é de se impressionar talvez só não seja maior que a relação com a santa.

joias a procissão retorna a casa da Santa ou casa da festa, onde é servida uma mesa fartas com bolos, comidas, bebidas e lembranças para os mordomos, em seguida é servida a mesa das caixeiros.

Como manda a tradição, o *mestre salas*<sup>125</sup> serve as mesas para os *festeiros* e o batuque sob o som da orquestra. Nesse momento da cerimônia qualquer pessoas que adentre a casa para dançar ou simplesmente para olhar pode ser *preso*<sup>126</sup> pelo mestre sala é obrigado a pagar uma prenda ao dono da festa

### **3.13.2 O Roubo da Santa**

Na madrugada da véspera da festa, enquanto a imagem é vigiada por um dos juizes da festa alguém sempre acaba roubando a imagem da santa, é tradição pro mais atento que seja o vigia, o santo sempre acaba roubada qualquer pessoa que se aproxime é suspeita principalmente as pessoas mais próximas, que quando não roubam participam distraindo o vigia.

Pela manhã cabe as caixeiros e bandeiras junto com os juizes saírem pelo povoado em busca da imagem. O cortejo sai de casa em casa procurando pela santa de casa em casa até encontrarem, quando a santa encontrada o autor do delito é preso e tem que pagar uma prenda e a imagem é devolvida para o altar de honra na casa da santa

### **3.14 O dia da santa**

No dia da festa a movimentação no povoado começa cedo, muitos *devotos* chegam logo cedo para homenagear sua santa de devoção, vindos dos povoados mais distantes e principalmente das regiões localizadas fora dos limites físicos do território de santa Tereza. Segundo a encarregada da santa a maior concentração de *devotos* está fora de suas “terras”, por isso há uma grande movimentação de carros e motos em direção ao núcleo do povoado.

---

<sup>125</sup> Pessoa convidada pelos Juizes da festa para ser responsável pela organização da casa da santa durante os três dias de festas e por servir juizes, mordomos e o batuque, ele tem papel importante na festa e é ia de regra uma pessoas de confiança dos festeiros, ele é também por botar versos e animar.

<sup>126</sup> A prisão é um ato tradicional, é um modo de fazer algumas pessoas colaborar com o festeiro, o mestre salas amarra uma fita no braço da pessoa, que no encerramento da noite ele paga a prenda, pode ser um refrigerante, contribuição e dinheiro vai depender do preso.



Santa Tereza tem mais devotos fora do que dentro, em São Bento te muito devoto, dia da festa os carros vem todo mundo vem todo ano. Tem também muitos em Pinheiro! Peri-Mirim vem muita gente também, que vem com frequência para a procissão, para a missa. A igreja é cheia de gente de fora, este ano a igreja não aguentou, era muita gente, ele vem chega pela madrugada vão embora chega a noite tornam voltar, tem muito que vem mais dia de festa para a procissão (NEIDE DE JESUS, 20011)

A primeira atividade realizada pela manhã no dia da festa no povoado é religiosa, quando os padres não se recusam a celebra a missa sob a justificativa de que tem muitas pessoas embriagadas para atrapalhar, logo cedo é realizada a missa e as vezes os batizados quando o padre não aparece é feita uma celebração por pessoas ligadas a igreja católica.

No dia da festa a igreja ficar super lotada, na maiorias das vezes não cabe todo mundo que vem presta homenagem a santa. A igreja de santa Tereza é pequena, aproximadamente 20 metro de comprimento por 8 largura, é coberta de telhas de barro, possui 3 portas em cada lateral, uma sacristia, um quarto de ex-votos, o coro, três portas na frente, piso em cerâmica, bancos de madeira, dispostos nas duas laterais formando um corredor no meio, um sino grande uma, um Altar mor pintando em ouro com detalhes brancos, com três imagem da santa um em tamanho natural, outra com cerca de oitenta centímetro e uma pequena e varias imagens de outros santos.

A igreja existente em Itamatatiua foi construída na década de 50, do século passado, depois que a antiga igreja feita de madeira, que os Carmelitas deixaram, desabou. Segundo relatos dos moradores a Igreja atual foi construída graças às doações dos fieis ou *devotos* da santa e a arrecadação<sup>127</sup> de joias nos povoados como narra a saudosa Zuleide de Jesus

---

<sup>127</sup>Zuleide de Jesus, relembra todo o processo de construção da nova igreja de santa Tereza que teve ela como principal fomentadora. “O velho Crispim não queria mais fazer outra igreja eu disse não o povo já falou demais, que a gente era só come extraviar, uma santa rica dessa para ta em uma nojura daquela, mais quando eu me meti, me meti mesmo, mas eles disseram que não ia fazer, eu debati muito porque diziam que a gente só faziam só comer e estragar, teve duas pessoas que mi disseram isso de testa, eu disse eu não vivo só disso, eu trabalho muito para santa Tereza, eu tinha prazer mesmo em trabalhar para santa Tereza. Eu mandei chamar os pedreiros seu Guilherme, seu bambino, Zé domingos, Paulo chuteira, Roque que trabalhava com Crispim chegou ei Dano zuleide, ei Dona Zuleide, seu Crispim vai mandar manda voltar os pedreiros, que não tem condição, que o dinheiro dessa igreja gastaram tudinho, foi gasto todinho, eu tive assim baixado a cabeça e disse não volte que eu vou botar ela na rua, ai eu garei, João Muela e Maximiano de um garoto e ganhamos ai o mundo nós fomos para o porto de Cabloco, de lá eu fui para Guaíba de lé eu atravessei para Alcântara chegou lá dei com um parente da velha Luzia Antonio

Essa igreja ai é de 56, a que as carmelitas deixaram caiu e a gente fez outra, só que ninguém sabe! Porque quando fomos derrubar a outra, eu fui com o finado Tolentino ao departamento de União, foi lá e eles disseram que não podei desmanchar, porque era histórico essa igreja. Agora de taipa! Só se fosse metendo pau toda vez! A primeira que caiu foi em 54, mais santa Tereza é safada como que, eles fizeram de luxo e muito grande, tinha duas sacristias uma na frente e outra atrás, foi o padre do Carmo que deu essa planta o padre Popi, ai um dia eu sentei com ele na igreja e disse padre venha celebrar uma missa aqui, ele disse eu nem por 1000 cruzeiro não venho celebrar uma missa aqui dia da festa porque é só bêbado, eu disse o que, não senhor, bêbado não. ele ficou sem um tustão, (ZULEIDE DE JESUS, 2009)

Durante o dia da festa observei e foi possível constatar pelos diferentes narrativas a anos anteriores que as pessoas que lotam a igreja são praticamente todas de fora a comunidade esta ocupada empenhando-se em recebe os visitantes. Durante a estada na igreja as pessoas costumam adentrar, beijar as fitas da santa em sinal de reverencia e agradecimento depois se postam de joelho e ficam durante alguns minutos de olhos fechado fazendo suas orações, essa movimentação de *devotos* ocorre durante o dia todo, muito *devotos* aproveitam acendem velas, tocam foguetes e fazer pedidos.

Depois das primeiras celebrações religiosas do dia, *coureiras*<sup>128</sup> e tocadores trazem a *parelha*<sup>129</sup> de *tambor de crioula*<sup>130</sup> começam a se reunir em frente da igreja para cantar e dança em homenagem a santa Tereza. A imagem é trazida para frente da igreja e posta em posição de honra. Primeiro os homens fazem uma fogueira e colocam a parelha para esquentar em seguida formam a roda, três homens assumem a tarefa de tocar os tambores, o restante da turma se aglomera ao redor do mestre ou cantor, o

---

Clarinho e essa dona Isabel, tu ta em casa agora tu anda e depois tu vai anda, mais eu andei muito para fazer essa igreja....fui no rio grande com pouca fui lá no alegre, ladeira da ladeira foi em Marmorana, de lá fui para Janã, quando eu cheguei foi com 500 mil réis, eu sair três vezes para fazer esse igreja. Fui aqui para Bequimão e foi com batuque que eu disse que eu não ia mais de escoteiro, ai fui em Bequimão, eu trouxe 2500, a meu bem, quando cheguei foi outros quinhentos rrsr, eu disse para meu padrinho que não dava para a gente fazer a festa em outubro este ano e era para deixa pra fazer em dezembro, e quando terminasse a festa eu ia tirar jóia novamente para terminar porque faltou a torre e o couro, e fui trabalhar ainda para fazer” (ZULEIDE DE JESUS, 2009)

<sup>128</sup> A coureira é como são chamadas as mulheres que dançam o tambor de crioula

<sup>129</sup> A Parelha é formado por três tambores feito de madeira, um chamado de tambor grande que o tocador monta encima e fica de pé meio inclinado, um médio chamado de socador, onde o batedor fica montado agachado é esse tambor que começa a festa, um pequeno chamado de crivador, e um maracá feito com dois pedaços de paus que um quarto homem usa para fazer a harmonia entre os tambores.

<sup>130</sup> O Tambor de Crioula, é originário dos quilombos do maranhão, é uma forma dos ex-escravos celebrarem a liberdade sua liberdade nas noite dos quilombos e homenagear seu santo protetor. Hoje o tambor de crioula do Maranhão, figura como patrimônio da cultural imaterial do Brasil. As festas de Tambor de Crioulas acontecem com bastante frequência Itamatatua e comunidades circunvizinhas, é considerados uns dos melhores do País.

homem que puxa as toadas e outros fazem o couro, e as mulheres vestidas de coureiras completam a roda e começa a dançar e cantar.

A roda de *tambor de crioula* leva o resto da manhã e é bem democrática, qualquer pessoa que souber tocar, cantar ou dançar pode se habilitar. As *coureiras* são um show a parte, levada pelo som contagiante tirado do *tambor* que chaga a estreme o corpo de que escuta principalmente na hora da *pungada*<sup>131</sup>, movimento próprio do *tambor de crioulas*. Durante a roda algumas mulheres pegam a imagem da santa e levam para dançar na roda, as mulheres tem a tradição de dançarem a imagem de São Benedito durante as festa em homenagem ao santo. Entretanto no dia da festa de Santa Teresa elas costumam repetir o ato substituindo a imagem de Benedito pela de Teresa.

Os *devotos* chegam a toda hora e vão repetindo um gesto quando adentram a igreja que chama atenção. Eles vão até o altar mor da igreja, se ajoelham o se curvam em reverencia e beijam a as fitas que é que envolve a imagem, o gesto é repetido por quase todos os fieis é como se todos pedissem a benção para a santa. Durante toda tarde as pessoas vão chegando, quando mais se aproxima o horário da procissão o fluxo de pessoas na localidade aumenta consideravelmente.

Enquanto isso outro *devotos* preparam a santa para a procissão, este ano, 2011. Ano da pesquisa uma devota muito conhecida da comunidade trouxe um “especialista” de São Bento para enfeitar o *andor*<sup>132</sup> da santa, o mesmo responsável por ornamentar o andor de nossa Senhora dos Remédios e de São Roque<sup>133</sup> festa religiosas muito populares da região.

Ao se aproximar das 17:00hs, hora da saída da procissão é possível perceber muitas pessoas se preparam para pagar *promessas*, são adulto e crianças algumas vestidas de anjo, ou carregando ex-votos simbolizando cura de enfermidades de parte do corpo, ou mesmo carregando velas do tamanho natural, reunidas na igreja em muitas das ocasiões na porta devido capacidade bem limitada da igreja.

---

<sup>131</sup> Uma forma de comunicação e cumprimento das coureiras quando estão na roda de tambor de crioula.

<sup>132</sup> É um objeto construído em madeira para o santo ser carregado na hora da procissão

<sup>133</sup> Nossa Senhora dos Remédios e São Roque são santos muito festejados no município de São Bento, município da baixada maranhense onde Santa Tereza possui muitos devotos.

### 3.15 Procissão Solene



Por volta das três da tarde, com a santa pronta para deixar a igreja e seguir em procissão pelo povoado, o responsável pela celebração começa ensaiar na igreja lotada cânticos católicos, benditos e orações. Procissão Solene de Santa Teresa: Foto Cintia Muller/2007

*festeiros* se preparam para subir para a igreja para se juntar ao povo e a santa que esperam na igreja. A parte da procissão que esta na casa da santa ao irem em direção a igreja repetem um rito cerimonial comum durante a saída da santa para a joia e durante a festa, eles dão três vota em torno do mastro e três em trono do pé da santa cruz no sentido anti-horário depois se juntam a multidão na igreja, onde a primeira parte dos ritos religiosos é celebrado, esses ritos consiste em orações e cânticos católicos.

Acabados esses primeiros o responsável pela procissão convida as pessoas que queiram carregar a o andor da santa. As pessoas que *promessas* com a santa para carregar a imagem durante a procissão tem prioridade. O batuque sai na frente cantado e de frente para a santa e de costas para a rua. Ao sai da igreja o batuque, os *festeiros*, os pagadores de *promessa* e as pessoas que carregam a santa dão três vota em volta do mastro e três em volta da santa cruz no sentido anti-horário e depois segue pela rua do lado direito do povoado em procissão cantada e rezada.

Durante a procissão a Santa faz varias paradas, a primeira é na pousada, a segunda parada é feita frente casa da santa, nesse momento a imagem média que sai em procissão em cumprimentada pela imagem menor, que fica durante os dias da festa no altar de honra da casa da santa. A imagem é trazida até a porta para fazer o cumprimento, só então a procissão para em seguida fazer terceira para, na antiga casa de dona Zuleide.

Alguns minutos depois a procissão deixa o “*sítio do Itamatatiua*”, que corresponde ao centro do povoado, e segue pela rua de Itamatatiua a quarta para em frente do casal de juizes da festa, a quinta parada a casa da encarregada da santa, essa seria a ultima parada, entretanto a procissão até o fim da rua para visitar um enfermo, gente de pessoas muito ligadas a santa, lá o cortejo para e a santa entra e a multidão espera na porta da rua. Minutos depois a santa volta e a procissão retorna pelas ruas do povoado até a igreja, mas antes de entrar repetem o ritual e dão três volta em torno do mastro e três em volta da santa cruz, sempre no sentido anti-horário, a procissão encera quando devolve a imagem da santa a igreja.

Depois dos ritos religiosos as pessoas seguem para a casa da santa onde o mestre salas organiza a mesa dos *festeiros*. A mesa é pomposa muito bem ornamentada localizada em frente do altar de honra da santa, onde são servidos belos pratos contendo, comidas, bolos, bebidas e lembranças para os mordomos e juizes a animação também fica por conta do *mestre sala*. Depois da mesa dos *festeiros* o mestre salas serve o batuque, enquanto a celebração na casa da Santa vai chagando ao fim a maioria das pessoas se diverte dançando ao som de uma radiola de regue na tribuna ao lado da casa.

Tantos agentes sociais reunidos evidenciam como a Santa é importante para manter o equilíbrio e até de certa forma o controle da vida social dentro do seu território, só ela é capaz de dissipar as tensões sociais que venham a existir. Contribuir também para o reforço da ideia de território e aponta uma ideia especifica de comunidade formada pelos agentes sociais tanto de dentro do território físico como de fora dele, apontando também para uma outra forma de se pensar esse território. Entretanto esse movimento é uma forma de mobilização social que leva a consolidação de uma noção especifica de território e de fortalecimento político dos agentes sociais enquanto sujeitos de direitos coletivos em que se transformara

## 4 Capítulo Terceiro

### 4.1 Os Filhos da Santa: os herdeiros e reivindicação do território como quilombola

O município de Alcântara possui oficialmente, consoante o IBGE, 114 mil hectares de terras. Pelos critérios de certificação da Fundação Cultural Palmares o município está subdividido em três grandes territórios quilombolas, devidamente reconhecidos e com certificação emitida pela instituição. São eles; O território dos Atingidos pela Base Espacial de Alcântara<sup>134</sup>, Ilha do Cajual<sup>135</sup> e as Terras de Santa Teresa ou Itamatiua<sup>136</sup> além de três assentamentos<sup>137</sup> do INCRA.

A atual configuração do município aponta, para uma particularidade que não poderíamos deixar passar, o processo de aquilombamento ocorreu de forma intensa por todo território alcantareense, inclusive própria sede município, antes berço da Fidalguia maranhense, ou “nobreza da terra”. O aquilombamento da sede fato se deve particularmente, à usurpação de parte dos territórios dos remanescentes de quilombo pelo Estado brasileiro, para implantação de um projeto espacial, com o estabelecimento da base de lançamento de foguetes. Para tanto o Estado procedeu retirada das pessoas de forma compulsória para as precárias e improdutivas agrovilas, entretanto, como a devida atenção e nem o processo indenizatório nunca atenderam as expectativas e os direitos das pessoas, elas acabaram por migrarem para a periferia de São Luís Capital do Estado e para a cercania da cidade de Alcântara, mesmo tempo, que provocou conflitos sociais levando as comunidades a resistirem.

Como já mencionado durante grande parte do período colonial a cidade fora o principal reduto de nascimento da aristocracia do Maranhão. Segundo Jerônimo Viveiros (1977), a cidade foi berço de 4 senadores do império, 4 barões e uma

---

<sup>134</sup> No caso do território dos atingidos pela base de espacial, os procedimentos necessários à titulação, de acordo com o que rege o artigo 4.887/2003, já foram realizados. O território já possui laudo antropológico desde 2003, o RTID foi publicado oficialmente no dia 04 de novembro de 2008, através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), nas paginas 110 e 111 da secção 03 do Diário Oficial da União n 214. O território é formado por aproximadamente 159 comunidades e ocupa uma área de 85.000.00 hectares, faltando somente a vontade política por parte do poder executivo para a devida assinatura do decreto.

<sup>135</sup> Os povoados localizados na Ilha do Cajual estão contemplados em uma certidão de reconhecimento emitida pela Fundação Cultural Palmares datada de 25 de Janeiro de 2006.

<sup>136</sup> A certificação deste território foi emitida pela Fundação Cultural Palmares de 05 de maio de 2006 e esta devidamente registrada no livro de cadastro geral n 0006, registro n, 553, folha 62. Trata-se do processo n, 01420.000040/1998/88 referente a aproximadamente 40 povoados localizados nos municípios de Alcântara e Bequimão.

<sup>137</sup><sup>137</sup> Os assentamentos são Ibituba e Portugal, que ficam no extremo sul do município, e São Pedro que incide nas terras de Santa Teresa.

infinidade de “intelectuais”, políticos, médicos, militares entre outros, formados nas melhores instituições de ensino da Europa. Entretanto, não é dito que essa elite resultante do poder colonial alcantarense construiu fortuna, status social e poder político com plantação de algodão e cana-de-açúcar baseados no trabalho escravo. Para algumas famílias beneficiárias da escravidão, a fortuna, o prestígio social e poder político permanece até os dias atuais, mais de um século após a abolição.

Os territórios quilombolas foram formados, por um conglomerado de situações sociais, que refletem uma multiplicidade de autodesignações, e de processos diferenciados de territorialização, locais que expressam a forma pela qual agentes sociais, se relacionam com a terra, denominadas analiticamente por Almeida (2006) como territorialidades específicas.

As territorialidades específicas, foram tramadas historicamente pelos antepassados destes agentes sociais, que hoje estão legitimados como donos desses territórios. O longo do tempo de permanência na terra e a persistência na afirmação da autonomia funcionam, como legitimadoras. Os agentes sociais resignificaram a forma de uso da terra, substituindo o modelo escravista que se baseava na grande unidade produtiva monocultora voltada para atender o mercado externo, por um sistema produtivo autônomo que tem como eixo central no uso comum das terras e dos recursos naturais existentes. O sistema produtivo passou a ser organizado, contando com o trabalho livre das unidades familiares, entrelaçando diferentes grupos domésticos que originaram diversos sítios e povoados.

Para Almeida (2006), nessa área de colonização antiga, após a desagregação das grandes propriedades de ordens religiosas ou de particulares, ex-escravos e libertos mantiveram-se nessas terras, quer por meio de doação, aquisições, ou pelo apossamento face ao seu abandono pelos sesmeiros. Essas situações diversas, que envolvem os agentes sociais e as terras por eles ocupadas resultam, em diferentes situações sociais que envolvem distintas modalidades de apropriação comum relacionado ao uso efetivo da terra e dos recursos naturais.

Dentre elas destacam-se as situações sociais identificadas como sendo; **terras de preto, terras de santo, terras de índio, terras de parente, terras de ausente, terras de Santa, terras de santíssima e terras de pobreza**. As formas de classificação descritas partem do próprio grupo e, embora se caracterizem pelo uso comum da terra e

dos recursos naturais, cada uma dessas territorialidades é constituída por processos históricos específicos, que as distinguem.

A construção das territorialidades específicas em Alcântara, aponta para um processo de alteridade vivenciado por esses agentes sociais, em relação a sociedade colonial. Isto explica o fato, desses grupos, reproduzirem sua memória social coletiva, a partir, do momento que alcançam sua autonomia em detrimento de memória do cativo, que passa ser por vezes apenas residual.

No caso de Itamatatiua, não se tem a data exata em que a ordem abandona a propriedade, mas pelo que pude encontrar em pesquisa bibliográfica realizada, os moradores do povoado alcançam a autonomia, sobre as terras, pelo menos 20 anos antes da lei de terras de 1850. Segundo Almeida, (2006. p 78) a ordem Carmelitana de Alcântara, em 1835, quando já não mais controlava efetivamente suas fazendas, todas elas pontilhadas de povoados, doou seus bens ao governo da província do Maranhão, conforme. Anais da Assembleia Legislativa do Maranhão em sessão de 23 de março de 1835.

Entretanto, para os grupos sociais, fixados dentro do território de Santa Teresa, que corresponde às terras da antiga ordem, o que tem validade é a doação das terras feitas à Santa, uma vez que a Santa não delegou a ninguém poderes para doações posteriores. Cabe, apenas aos moradores dos povoados o direito coletivo de escolher um *encarregado(a)* para administrar os bens em comum acordo com a Santa, essa escolha tem recaído sobre os moradores de Itamatatiua onde fica a igreja, a Santa e a *pedra-documento*.

Para, além disso, com a saída da Ordem do Carmo, os grupos conseguiram estabelecer e manter o controle praticamente de forma integral das ditas terras de Santa Teresa. Os agentes sociais referidos as Terras de Santa Teresa, instituíram uma forma própria de usar as terras e os recursos naturais e através de contratos tácitos construíram e mantiveram a estrutura básica para gerir o enorme território que garantiu aos diferentes grupos sua reprodução, social, religiosa, física e cultural. A citação da pesquisa sobre esta questão assinala o seguinte!



Com a saída das carmelitas e mesmo ainda sob o domínio da ordem, pelas narrativas locais é possível aferir a comunidade uma estrutura organizada de forma autônoma, que contribuiu para as construções de cumplicidades por gerações, resultando nas relações existentes hoje (REIS, 2010. p .41)

Mais do que controle do território, os moradores desenvolveram estreitas relações sociais com a Santa. São relações bem características e semelhantes àquelas desenvolvidas pelos diversos grupos que dominam outras territorialidades específicas em Alcântara; como aponta Almeida (2006. p. 149). Os povoados enquanto “unidades afetivas,” como domínios reconfirmados por aquelas formas de acesso mencionadas (doação, aquisição, ocupação, sucessão), deixam entrever que o sistema de parentesco pode ser traduzido em termos de representações espaciais. Tais unidades, entretanto, se converteram em “unidades de mobilização” transcendendo os limites colocados pelos laços de parentesco.

No caso de Itamatatiua, a relação dos moradores com a Santa e com a terra resultou em uma situação social específica de herdeiros de Santa Teresa. Ainda que pese que todos os moradores das “terras” de Santa Teresa tenham uma relação de proximidade e intimidade com a padroeira, nenhum conseguiu estabelecer laços quanto aos moradores de Itamatatiua e pode-se afirmar que a recíproca é verdadeira. Ao analisar um razoável conjunto de relatos históricos presente no capítulo anterior, recolhidos juntos aos moradores da região podemos perceber que a Santa sempre intercede em favor dos moradores de Itamatatiua.

As relações com a Santa levaram as pessoas a construírem as mais diversas narrativas, como a que afirma que umas das imagens do altar mor da igreja, teria sido encontrada na comunidade de Itamatatiua, em um lugar extremamente místico e simbólico para os moradores, o denominado *poço do chora*. Os moradores, também costumam atribuir características antropomórficas a ela. Para os entrevistados, a Santa é viva, costuma com frequência percorrer os limites de suas terras, defendendo-a dos invasores, predadores e cuidando pessoalmente das pessoas.

Os moradores dos outros povoados, em suas narrativas, deixam escapar essa relação de proteção aos moradores de Itamatatiua. A relação é comparada à ideia de maternidade, no tratar, é como se Santa Teresa fosse uma a grande “matriarca” dos negros de Itamatatiua. Entretanto, os moradores relatam que o fato das pessoas do povoado terem estabelecidos esses laços de maior proximidade com a divindade não

significa que ela não proteja com afinco os moradores das outras localidades, mas, Itamatatiua teria sido o local escolhido por ela como moradia.

O fato pode ser explicado devido os negros, especificamente de Itamatatiua, ao alcançarem a sua autonomia, terem adotado o sobrenome “de JESUS”, em uma clara menção simbólica ao sobrenome escolhido pela então monja carmelitana, Teresa de Ávila, quando decidiu seguir a vida religiosa no século XVI. Segundo, (POIROT, 2008). Para quem, é assíduo à leitura de seus escritos, Teresa de Ávila, se chama Teresa de Jesus. Criou-se o hábito de chamar Teresa de Ávila, aquela que, para Cristo e para toda a Igreja, se chama verdadeiramente Teresa de Jesus.

Como consta na narrativa local, os moradores da fazenda Itamatatiua e, por conseguinte, o do povoado que mantem o mesmo nome da fazenda: a povoação da teve como precursores um casal de negros escravos doados a Santa por uma devota, narrativa propagada pelos moradores; como mostra documento do IPHAN;

A povoação desta fazenda teve principio de um casal de escravo que deixou ao convento em verba de seu testamento Dona Margarida Pestana, de esmola e sem pensão algum, e os mais escravos que não descendem desse casal foram comprado pelo decurso do tempo, por vários prelados que tem havido no dito convento. (IPHAN, 1997. p. 10)

Para, além disto, o fato de descenderem de um casal de escravos doados à Santa, os habitantes do local, ao adotarem o sobrenome que a própria Santa adotou, deve ser visto, como meio de reforçar os laços sociais com a Santa e com a terra além de ser um fator indenitário. Tal estratégia pode ser analisada, como uma maneira encontrada por parte do grupo para marcar também a diferença com relação aos s moradores dos outros povoados situados dentro das terras de Santa Teresa.

O grupo construiu, a partir do momento da doação do casal de escravo a Santa, sua história social, tendo no ato da doação, um momento especial, um momento de passagem para a liberdade. A afinal, a relação com a Santa é tida como diferente da relação com a Ordem e seus padres. Enquanto a Santa significa a liberdade do grupo, à ordem claramente sempre fez uso da exploração do trabalho escravo, inclusive na fazenda de Itamatatiua. Conforme os documentos históricos sobre a escravidão, que são bem claros, quanto ao uso do trabalho escravo pelas ordens religiosas que atuaram na

região e em todo território do Brasil colônia. Há menção da quantidade de escravos da ordem do Carmo na fazenda de Itamatatiua; como na passagem seguir;

No mesmo ano de 1797, o Reverendo Prior João Alves Serão em seu inventário - declaração dos bens pertencentes ao Convento do Carmo em Alcântara fazia referencia a uma fazenda dedicada a Santa Thereza, com 135 escravos entre homens e mulheres, capazes de serviços 63, doentes e velhos 23, e menores 49 (IFHAN, 1997. p. 10)

A doação pode ser interpretada como a passagem a autonomia pelo grupo, uma vez que, a Santa nunca foi acusada de ser senhora de escravos, diferentemente das ordens religiosas, que como mostrado, participaram do processo de ocupação do território brasileiro tendo no trabalho escravo seu principal suporte.

Entretanto, a memória social construída pelo grupo, privilegia a sua relação com a Santa, a partir, da doação. Esse é um momento simbólico, guardado na memória coletiva do grupo. A doação do casal de escravos a Santa Teresa, é vista como a “páscoa” dos antepassados dos moradores de Itamatatiua, um momento de passagem do cativo a liberdade, em que passam a se autodesignarem como “pretos de Santa Teresa;”

Reconhecem-se como originários dos **pretos** que foram dados à Santa, na época da escravidão, sem que isso signifique terem sido escravos. Constroem sua história, conforme depoimento de Pedro Oliveira, afirmando que os **pretos de Santa Teresa** não foram escravos, sempre foram livres. A escravidão é uma marca já há muito afastada da memória social ali produzida. A memória social remete sempre à autonomia que tem se constituído na marca da reprodução social desse grupo que percebe o passado dos que ali os antecederam como o seu passado (CANTANHEDE FILHO, 1999. p.13)

Os moradores não reconhecem outros antepassados, que não sejam do casal de negros doado à padroeira que segundo o grupo não eram escravos. Em virtude disso, o grupo não faz qualquer menção a nenhum outro mito de origem. O ponto de partida de construção da sua história social, passa a ser o momento em que o grupo adquire sua autonomia.

Isto concerne para explicar o porquê de, na memória coletiva narrada pelos moradores de Itamatatiua, eles não fazerem menção ao quilombo histórico<sup>138</sup>. Essa memória foi suprimida juntamente com o próprio tempo do cativo. Nesse sentido, podemos afirmar que a percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação social, Bourdieu, (1988). Sendo assim, o quilombo vivenciado pelos agentes sociais, remete a resistência enquanto grupo e a própria luta pela terra. Em outras palavras, significa dizer, que os moradores de Itamatatiua, entendem o quilombo enquanto uma forma de se organizar na sua autonomia.

A adoção do sobrenome “externo” é uma estratégia usada em todo território quilombola de Alcântara. Conforme apontam a literatura sobre a região, os negros adotaram os sobrenomes da aristocracia alcantareense dona das terras em que estão estabelecidos. Essa é uma estratégia utilizada por todos os grupos que participaram do processo de reconfiguração da ocupação da terra e do território quilombola de Alcântara. No caso de Itamatatiua, os agentes sociais passam a reivindicar a condição de legítimos herdeiros da Santa, uma vez que, além do grupo carregar seu sobrenome é responsável desde a saída da ordem do Carmo, pela administração de todos os bens da Santa. Para além, esses agentes sociais são reconhecidos pelos seus pares como legítimos representantes da Santa.

O uso do sobrenome das famílias pelos grupos é uma forma de legitimar-se enquanto donos da terra, justificando a forma como foi estabelecido o domínio sobre suas terras. O nome consolidava a qualidade de herdeiros dos grupos sem obviamente ser um fator limitação. Cada grupo domina uma territorialidade específica, no caso de Itamatatiua o sobrenome adotado não foi o da aristocracia, mas também foi tomado junto àquela que eles definem como legítima donas das terras. Na prática, eles adotam a mesma postura dos diversos grupos localizados nas diversas territorialidades específicas da região. O sobrenome “de Jesus” remete a divindade, enquanto aqueles das demais fazendas aos sobrenomes aristocráticos.

Os nomes de família, legitimamente conquistados junto com a terra, distribuem-se pelas territorialidades específicas e pelos povoados tal como as famílias aristocráticas, distribuem-se pelas sesmarias, sem

---

<sup>138</sup> Pesquisadores em diferentes momentos chamam atenção para a existência de quilombos na região da Fazenda Itamatatiua, fazendo menção principalmente a documentos que podem ser encontrados no Arquivo do Estado do Maranhão; bem como: Almeida (1989), Cantanhede Filho (1999), Mathias Rhorig (1996) e Araújo (2002).

que as territorialidades, todavia, se limitem necessariamente aos marcos divisórios das sesmarias (ALMEIDA, 2006. p. 149)

O sobrenome usado pela Santa, não é ligado à aristocracia muito pelo contrario, ela abandona o sobrenome da nobreza espanhola e adota o “de Jesus”, como sinal de conversão a vida religiosa. A atitude dos moradores de Itamatatiua, em adotar o mesmo sobrenome é uma forma particular que esses agentes sociais encontraram para estabelecer uma nova situação social, onde todos são igualados pelo sobrenome da Santa. Significa dizer que não há mais senhores e nem servos; as terras de Santa Teresa se tornou um lugar onde prevalecia idealmente uma “comunidade de iguais”.

Tais terras passam a ser um local onde todos gozam de uma igualdade social, ou seja, a hierarquia social perde sua força de explicação, outras solidariedades têm sido construídas. Com o decorrer do tempo e o processo de ampliação dos laços sociais e de reciprocidades positivas, foi ocorrendo impulsionado pela dinâmica defensiva dos grupos localizados nos diversos povoados.

Fatores como; casamentos, principalmente com pessoas de famílias localizadas em povoados vizinhos, os laços de compadrios gerados, a construções de moradia por pessoas de localidades vizinhas, no povoado vai possibilitar a ampliação do uso do sobrenome da Santa, ao mesmo tempo em que, essas relações permitiram o aparecimento de novas combinações de sobrenomes. Na sua grande maioria, as combinações envolveram o “de Jesus”. Esse processo de reprodução ocorre entre os diversos grupos que ocupam as terras de Santa Teresa.

#### **4.2 Ameaça ao Território: rememorando os conflitos e a luta pela terra.**

Ainda no meu tempo de menino morador de Itamatatiua, lembro-me de algumas ocasiões, em que, eu, estava sentado na porta da minha casa e passava aquele “monte de homens” vindo dos trabalhos de limpeza do *rumo*<sup>139</sup> das terras de Santa Teresa. Lembro que, meu avô, e meu pai deixavam seu trabalho na roça, para ajudar na limpeza do *rumo*

---

<sup>139</sup> Rumo é como os moradores denominam os limites, eles limpam e com se fosse um caminho de servidão publica que rodeia toda a parte de terra das propriedades é no rumo que são colocadas as pedra de rumo que dão a direção dos limites da terra, é um modo de cerca sem o usar arame e nem estaca. Em outras palavras o rumo é o marco que delimita o território físico, é ele que impõe os limites físicos das terras, o fato de não existir cerca, nem arame possibilita o livre fluxo de pessoas que utiliza as terras, o limite de certa forma é tacito e vigiado por moradores de ambos os lados.

da terra, isso me marcou muito, porque essa era a principal forma de proteger nossas terras ou as terras da Santa de eventuais antagonistas que pretendiam intruza-las.

Em relação aos antagonistas, naquele tempo narrado pelo meu pai, o *rumo* era literalmente o limite de tolerância, se caso eles ousassem ultrapassar, e não recuassem; o conflito estava deflagrado. Os homens estavam sempre dispostos a tudo, a “matar ou morrer,” para defender o território, que se confunde com da Santa. Viviam esta defesa de território como o único meio de garantir a reprodução física, cultural, social e religiosa dos grupos, partindo para o enfrentamento direto caso se fizesse necessário.

Diante de qualquer movimentação ou ameaça, a primeira providência tomada pelo *encarregado*, era reunir com os homens das comunidades mais próximas, e mobilizar os homens das mais distantes, e a primeira atitude a ser tomada, era verificar e limpar o *rumo*. A dinâmica utilizada consistia no seguinte: os homens se deslocavam para fazerem a limpeza do rumo nas localidades mais próximas aos seus povoados, até um determinado lugar, previamente combinado, assim em dois ou três dias, eles conseguiam fazer a limpeza das picadas definidoras do perímetro.

Naquele tempo, esses homens já eram chamados ou mesmo se autodesignavam, soldados<sup>140</sup> de Santa Teresa, ou “homens de Santa Teresa.” A mobilização e a forma como partiam para verificar os *rumos* da terra, lembrava muito a movimentação de tropas militares. Guardadas certas proporções obviamente, eles usavam na limpeza seus instrumentos de trabalho na roça: foices, facões, machados e alguns homens carregavam também suas *espingardas* “*bate bucha*,”<sup>141</sup> usadas para caçar. A maior arma sempre foi, entretanto, à fé na condição da Santa, enquanto proprietária e o próprio sentimento de herdeiros legítimos dela.

As ditas terras de Santa Teresa, sempre foram muito cobiçadas por políticos da região, tanto das elites dominantes de Alcântara, quanto de Bequimão. Pelas narrativas dos moradores era costumeiro, eles, enfrentarem enquanto antagonistas ora o prefeito de Alcântara, ora o de Bequimão quando não os dois;

---

<sup>140</sup> As expressões, “saldado de Santa Teresa” e “Exercito de Santa Teresa” me chamaram muito atenção desde 2008, quando Eu na companhia de Claiton de Jesus e o senhor Francisco Noé de Jesus, íamos até o Engenho Velho no município de Bequimão com o objetivo de chegar em um dos limites das terras de Santa Teresa, depois de marcar o ponto de GPS e encontra os limites das terras de Santa Teresa e Nossa senhora de Santana. Conversávamos os três na cabine do caminhão quando o Claiton olhou e viu um monte de homens a beira do ramal nos esperando para nos acompanhar até o próximo ponto a divisa com a antiga fazenda gerijó nas três irmãs, o caminhão ficou tomando ele repetiu expressão “tu ta vendo esse é o exercito de Santa Teresa tem mais de mil homens”

<sup>141</sup> Arma de fogo a base de chumbo e pólvora muito comum na região, usada principalmente na caçada de pequenos animais e aves.

Leitão que queria vender essa terra! Essa aqui ta vendida só falta seu Eurico se assinar, mas o velho não assinou – Zuleide veio chorando dizendo titio Eurico nós perdimos a terra já estão vendidas só falta o senhor se assinar, ele disse porque – eu não sei mas só falta o senhor assinar e ai ele disse eu não me assino, eu não me assino, eu não me assino e não tem quem faça eu me assinar, ai eles vieram que era pra velho assinar ele disse eu não assino (Francisco Noel, 2011 )

O principal conflito em que os moradores das terras de Santa Teresa se envolveram, foi fomentado pelo próprio Estado, até então, as pressões sobre a qual o território fora submetido eram localizadas. Entretanto, com a Lei de terras 2.970, do Estado do Maranhão de 17 de julho 1969, também conhecida como “lei de terras Sarney,” as pressões institucionais aumentaram. Esta lei tinha o objetivo de reestruturar o mercado formal de terras, através da venda pelo estado das terras públicas para grandes projetos. Na pratica o governo estadual expropria as terras sem o devido registro formal, ficando com o controle de todas as terras não registradas e as disporia ao mercado formal.

A denominada “lei de terras Sarney”, desestruturou toda uma dinâmica social do campo maranhense, usurpando as terras tradicionalmente ocupadas e tendo como consequência o acirramento dos conflitos agrários no Estado. A lei suprimiu direitos territoriais de povos e comunidades tradicionais, levando a expulsão de milhares de maranhense do campo para trabalharem em situação análoga a escrava, em garimpos e fazendas no estado do Pará, Mato Grosso e Goiás. Alem disso, provocou a migração em massa para a capital do Estado, causando uma explosão urbana e a proliferação dos adensados bairros periféricos em São Luis.

Pela lei de terras de 1969, as terras como as de Santa Teresa foram consideradas como terras devolutas. Ou seja, terras sem donos e sem registro que retornaram formalmente ao estado, podendo então, ao estado dispô-las ao mercado. Entretanto, os moradores não reconhecem a categoria “terras devolutas”, enquanto situação social que envolve a terra ou o acesso a terra. No modo de ver desses agentes sociais, as terras tem dono e ela tem nome, endereço, *encarregado* e herdeiros. Segundo Prado (2007. p. 62) no entender dos moradores, o espaço territorial se dividia em duas espécies de terras: “as de Santos” e “as de Donos”. Portanto, para os moradores das comunidades a terceira qualidade, as devolutas é inexistente.

Segundo Shiraishi Neto (1998), pelo Artigo 3 a Lei de terras do Estado do Maranhão de 1969 considera terras devolutas como sendo;

I – as que não estiverem aplicadas em qualquer uso publico federal, estadual ou municipal

II – as que não estiverem no domínio particular por títulos legítimos e regulares

III – as que não estiverem fundadas em títulos de legitimação ou revalidação

VI – as áreas dos extintos aldeamentos dos silvícolas

Com a lei de terras Sarney<sup>142</sup>, o território começou a sofrer pressões maiores principalmente na parte que esta localizada dentro do município de Bequimão. Depois de mais de cem anos de autonomia os moradores nunca haviam enfrentado conflitos como o que agora se apresentava como aponta Almeida;

Durante quase dois séculos esse sistema de uso comum e as respectivas territorialidades especificas não conheceram maiores pressões de novos grupos interessados nas terras. As ocorrências de antagonismos e tensões sociais foram sempre localizadas e de curta duração. As iniciativas de colonização do governo estadual em 1975-76, insistindo no desmembramento das territorialidades especificas consideradas como terras devolutas e disponíveis e as tentativas de grilagem em 1978-79, das terras de Santa Teresa foram episódios que se esgotam na própria circunstancia. (ALMEIDA, 2006. p. 53)

O conflito ocorrido foi motivado pela intervenção direta do governo estadual, resulta da disputa pelas terras de Santa Teresa, entre político grileiros legitimado de certa forma pela lei de terras e a Santa e seus herdeiros. Nesse sentido, podemos afirmar que, tal conflito foi instituído pelo próprio Estado. Ele resulta de uma ação deliberada do governo estadual, que provocou a reação dos agentes sociais. Enquanto os grileiros fraudadores de títulos levantavam cercas de arame farpado nos limites dos municípios de Bequimão e Alcântara, fato imediato que deflagrou o conflito entre comunitários e grileiros exigiu uma intensa mobilização das comunidades, sobre isto Almeida escreve, o seguinte:

---

<sup>142</sup> Os dos primeiros artigos do capitulo III, que trata da utilização das terras publicas do estado ironicamente falam na não formação de latifúndios, distribuição de riquezas entre seus habitantes e tomar como dever do estado assegurar a utilização de suas terras aos que nelas morram e trabalham; Art. 11. A utilização das terras Fo domínio Estadual visa primordialmente à melhor distribuição de riquezas entre seus habitantes, vedada em qualquer hipótese a formação de latifúndios. Art. 12. É dever do Estado assegurar a utilização de suas terras aos que nelas moram e trabalham, sendo nulos os atos possessórios praticados a revelia do poder publico, em prejuízos dessa utilização



O cercamento de áreas localizadas nas terras de Santa nos confrontantes municipais de Alcântara e Bequimão, foi o estopim para intensas mobilizações, que provocaram a destruição pelos moradores dos povoados de vários quilômetros de cerca de arame farpado ilegalmente construídas (ALMEIDA, 2006. p. 53)

Os moradores dos povoados que só reconhecem a Santa do Itamatatiua como a legítima donas das terras, e a eles próprios enquanto herdeiros, participando festejos em homenagem a Santa conhecendo e zelando pelos seus limites, entraram, em conflito direto com os antagonistas em defesa seu território. Os moradores fizeram uma grande reunião em Itamatatiua com representantes de todos os povoados e se articularam para fazer a retomada do seu território. O primeiro passo foi acabar com as cercas, então munidos de facões, foices e espingardas, partiram para o enfrentamento;

Começou do ramal de formiga, fomos derrubando, derrubamos a de Dr Benedito, só não derrubamos a de Cutrim porque ele veio e pediu, ele disse pessoal não derrubem minha cerca porque eu não tenho terra aqui. To cercando pra fazer o meu trabalho mas, sei que essa terra não é minha! Ai Tolentino disse nós não vamos derrubar a cerca dele, ai a de Zoza nós fomos pra derrubar e tomemos a foice dos trabalhador que estavam metendo rumo ainda quisemos dale no balizeiro, o engenheiro que tava nessa mesma hora pegou o carro e foi embora, derrubamos a de Juca Martins , Juca foi atrás da policia a policia de Pinheiro, o delegado não liberou ai ele foi até São Bento, o delegado não liberou, ai ninguém veio, ai depois que nós derrubemos a cerca ele disse que depois que ele ganhasse pra prefeito ele ia fazer a gente emendar arame com cuspe. (FRANCISCO NOEL, 2011)

O episodio da derrubada das cercas, foi um ato deliberado e é extremamente simbólico por parte dos agentes sociais, uma vez que, desde a autonomia no século XIX, as comunidades optaram pelo livre acesso a terra e aos recursos naturais, adotando o sistema de uso comum. O cercamento é apenas um recurso utilizado temporariamente para proteger a *roça* da entrada dos animais domésticos em áreas próximas às casas e às vezes, para delimitar o que eles chamam de *patrimônio*<sup>143</sup>. Além disso, no caso dos moradores, o cercamento não implica em recursos fechados. O tipo de cercamento feito pelos antagonistas tinha como objetivo cercear o acesso à terra, o que imobilizaria parte do território e aos recursos naturais utilizados pelos agentes sociais, o que entrar em rota

---

<sup>143</sup> Patrimônio é como os moradores chamam o local onde desenvolvem suas atividades domesticas. Consiste no espaço da casa de moradia e o quintal.

de colisão com o modo de uso da terra e dos recursos naturais, tal como vivido e praticado pelos agentes sociais;

Em Tamatatiua o uso das terras e dos recursos naturais é considerado um bem disponível àqueles que concordam em respeitar práticas sociais tidas como propiciadoras de direitos iguais a todos que se utilizam das terras. Dessa forma, critérios de pertencimento e exclusão estão baseados no compartilhamento de valores sociais tidos como consentâneos na utilização dos recursos naturais. É essa noção que evoca a ideia de que atualizam certos critérios ecológicos relacionados por sua vez com a preocupação com a conservação de recursos como reserva de mata e áreas de coleta de palha (CANATNHEDE FILHO, 1999. p.11)

Entretanto, a luta pelo controle das terras de Santa Teresa, acabou por colocar algumas lideranças de dentro do território na condição de criminalizados. Em outras palavras, os agentes sociais estavam defendendo os direitos de preservação sua forma de usar a terra, o direito à reprodução, física, social, cultural e religiosa e do território que historicamente eles compreenderam como sendo da Santa e por extensão seu. Estes foram ainda denunciados e tiveram que ir prestar contas à justiça, sobre o acontecido; como lembra Pedro Oliveira;

Eu fui intimado para Pinheiro eu fui em Pinheiro, eu, Tolintino , Laurintino e finado Senforne, Jose Coubertino só já existe eu. Fui chamado porque eles estavam demarcando as terras e eu convidei o povo ai. ai eles fizeram povo e foram ate Bequimão, a mais não veio ate onde policia veio de lá um bucado mais não veio ate onde nós, porque tinha uma 80 pessoas e tava armado de tudo é quanto é jeito, espingarda, revolver, tudo esperando porque podia a turma vim de lá né também foi guentada o, mas também depois disso as cerca foi derrubada e nunca mais foram levantadas. Eles me intimaram porque eu era um dos cabeças. (PEDRO OLIVEIRA, 2011)

Acima temos o depoimento do pequeno agricultor, comerciante e barqueiro Pedro Oliveira, uns dos citados pela justiça como responsáveis pelo movimento. Além dele foram responsabilizados, o comerciante e pescador Senfrone Maramaldo, o lavrador e filho do encarregado da terra na época Tolintino de Jesus, e os também lavradores, Laurintino de Jesus e José Coubertino dos Santos. A justiça tentou individualizar uma ação coletiva para poder criminalizar os agentes sociais, responsabilizado-os como líderes ou cabeça do movimento.

No depoimento abaixo de seu Francisco Noel, testemunha ocular do caso e um dos guardiões da memória social do conflito, revela que o que garantiu a saída das

lideranças sem punição foi suas relações para fora com um coronel bem influente que por diversas vezes interviu em favor dos moradores;

Ai nós estava despreocupado quando pensou que não chegou um officio, pra Tolentino, Senfrone, José Cubertino e Pedro Oliveira, para ir pra pinheiro, ai nós vamos – ai Tolitino olhou a data e disse é ainda da tempo deu ir na cidade onde o coronel, Tolintino veio e no outro dia nós fomos, quando nós chegamos em Pinheiro o delegado era bravo que vinha da porta da frente a porta dos fundo da delegacia, bravo e bravo muito – ai Tolintino disse ai esse delegado ta bravo que esta escumando – ai ele teve, e ai perguntou vocês são de onde – Ai Tolintino disse – nós somos de Alcântara! O delegado falou – Há vocês que são o pessoal de Alcântara – Somos nós mesmos – eu já volto eu sou vou resolver um problema aqui que eu já venho resolver com vocês – Então vocês que são os derrubador de cerca de Alcântara, nós não quem derrubou foi o povo, não quero saber, não quero saber eu quero saber quem são os Tuchaus, quero saber se vocês que são os Tuchaus, sem demora o telefone tocou ai veio o sargento e disse – Delegado telefone ai pra você e parecer ser com urgência. – Quem ta ligando não sei e não é pessoinha - ai ele foi lá e atendeu – Alô ai e conversou ai ele disse ele disse tão aqui senhor ai não demorou muito ele veio, mansinho e ai perguntou, há ta bom eu vou já atender vocês, ai Tolintino perguntou como é que nós faz vai de um a um ou todo mundo, ele disse todo mundo não tem problema eu vou atender vocês todos de uma só vez – podem entrar chegou lá ele disse é a derrubada de uma cerca, ai Tolintino foi explicar pra ele. Vocês infelizmente estão adquirindo o que é de vocês, essas terras não é de ninguém é de vocês ai vocês tem que brigar pelo que é de vocês e se é de vocês! Vocês tem que brigar como os outros da rua querem tomar e não deixam ninguém tomar, tem que bater contar e vocês ainda tiveram paciência porque tem lugar que da ate morte ai não deu, derrubaram a cerca e não, eu não tenho nada a tratar com vocês pode ir embora e acabar de derrubar o resto! Foi que nós viemos embora então o governo criou uma discriminatória onde ninguém podia mais vender e cercar (FRANCISCO NOEL, 2011)

A luta contra a privatização de suas terras e dos recursos naturais levou os agentes sociais a promoverem a derrubadas de mais de 15 quilômetros de cercas, impondo aos antagonistas além de uma derrota política e moral a supremacia de seu sistema de uso da terra. Recuperaram todo território usurpado e garantiram ainda o direito de todos os moradores a permanecerem fazendo o uso da terra e dos recursos naturais de forma especifica;

A única situação em que se registra um processo de recuperação dos domínios usurpados refere-se às terras de Santa Teresa, em Alcântara, quando nos fins dos anos de 1970-80 os trabalhadores rurais, ocupantes de posse centenária. Destruíram quase 15 km de cercas erguidas ilegitimamente por interesses pecuarista. As mobilizações que configuram uma existência coletiva, tendo por referencia estas denominadas terra de santo, constituem um dos fatores essenciais à identidade destes pequenos produtores agrícola (ALMEIDA, 2003. p. 229)

Além de barrar o cercamento que estava sendo feito pela elite política de Bequimão, os moradores ainda tiveram que enfrentar vários outros tipos de pressões, e ações promovidas por partes dos seus antagonistas que visavam privatizar o território. Entre as estratégias usadas pelos antagonistas houve a expedição de *Cartas de Anuência*, venda de ilhas e de parte das terras com a conveniência de políticos e donos de cartórios;

Depois apareceu um vendimento de terra, ai esse pessoal mesmo ai de Alcântara ai seu João Leitão um tal de Lobão, mais não é esse que é ..., ai vieram ai um dia fizeram uma reunião a noite em Itamatatiua, ai eu disse, é eu não podia comprar, mas se eles iam vender, se eles achassem podiam vender até a quilo, eu é que não podia vender. O certo é que nunca foi vendida essa terra. Santa Teresa sempre foi combatida, mais vencida não. Sempre foi combatida, mais vencida não! (PEDRO OLIVEIRA, 2011)

Para além, de uma reação contra a investida dos invasores o episódio acabou por possibilitar uma ampliação ainda maior dos laços de solidariedades existentes entres os agentes sociais de diferentes comunidades dentro do território. O controle do território assegurou também, a possibilidade de garantir reprodução física, social e cultural dos grupos e a afirmação dos agentes sociais enquanto moradores de terra de santo.

Na medida em que esses agentes sociais se investem de identidades étnicas para categorizarem-se a si mesmo e as terras que

historicamente ocupam, mobilizam-se a si coletivamente para fins de interação e manutenção dos recursos necessários para sua reprodução física e social, eles compõem grupos étnicos no sentido organizacional, que transitam entre diferentes modalidades de domínio e de planos organizativos, construindo coletiva e socialmente o seu território (ALMEIDA. 2006. p. 53)

Os conflitos resultaram em uma ação discriminatória proposta pelos órgãos fundiários do Estado, como forma de resolução dos conflitos. Tal discriminatória existe, mas nunca foi executada. Segundo os moradores de Itamatatiua o Instituto de Terras do Maranhão – ITERMA, chegou a abrir um processo para a titulação, realizando inclusive trabalhos de campo no sentido de fazer a demarcação.

Durante a realização do primeiro Seminário sobre territorialidades ameaçadas e conflitos no Maranhão em 2011, que eu enquanto coordenador geral da Associação dos Pesquisadores da Amazônia (ASPA), e membro do Grupo de Pesquisas Socioeconômico da Amazônia (GESEA) e do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), estive coordenando junto com os integrantes do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN). O advogado da Sociedade Maranhense dos Direitos Humanos (SMDH), Dr. Luiz Antônio Pedrosa, mencionou os conflitos de Itamatatiua, chamando atenção para o envolvimento dos agentes sociais na luta. Segundo Pedrosa as pessoas pediam para suas cicatrizes resultantes dos conflitos entre grileiros e os moradores da terra de Santa Teresa, que culminou na derrubada das cercas dos grileiros fossem colocadas no processo judicial. Para os envolvidos nos conflitos suas cicatrizes representavam uma massa da percepção de seus direitos territoriais;

Nós sabemos que em Alcântara quando foram ajuizadas as chamadas discriminatórias públicas, muitos quilombolas brigaram de facão, não é seu Leonardo, eu encontrei em Itamatatiua, quando eu comecei a viajar para Alcântara por conta dos conflitos de Itamatatiua eu encontrei muitos quilombolas, que exibiam cicatrizes das lutas com facão para poder cortar as cercas dos grileiros, essa ação discriminatória que pega toda área de Itamatatiua, nunca foi para frente por causa desses embates. O poder judiciário engavetou entende? Porque já estava gerando um clima de violência generalizada em Alcântara, a partir do avanço dos grileiros e do movimento de resistência de comunidades quilombolas. (Fala do advogado Luiz Antonio Pedrosa, no seminário territorialidades ameaçadas no Maranhão. 2011)

Entretanto o processo demarcatório que poderia por fim aos conflitos e acabando com qualquer forma de pressão futura sobre o território de Santa Teresa com a

destinação das terras para as comunidades que ocupam secularmente o território e possuem o direito legítimo e incontestável sobre as terras, resultou em uma situação de constrangimento e ou mesmo poderia dizer que é motivo de um mal-estar político entre ITERMA e as comunidades, principalmente a de Itamatatua que não aceita a forma como foi feita a tentativa de demarcação pelo órgão governamental.

Tem um problema com o ITERMA, que tá querendo reconhecer somente 5 mil hectares, nos temos 55 mil então cadê o resto, o ITERMA, vai fazer o que vai vender? Não nós não podemos aceitar, contado que Borges disse que essa documentação que eles fizeram cupim comeu

Davi: quem comeu?

Sr. Francisco: Cupim no canto deve ser o processo do livro!(Francisco Noel, 2011)

Para os moradores o ITERMA, agiu de má fé quando não respeitou a reivindicação dos agentes sociais que garantisse a demarcação continua da terra em forma de território respeitando a forma de uso das terras feitas por eles. Enquanto o instituto de terra tentou destinar um pouco mais de 5.000,00 hec, (cinco mil hectares) de terras apenas para a comunidade de Itamatatua, isso significa menos de 10% do território reivindicado pela comunidade.

Os moradores reclamam a titulação de um território de cerca 55.000,00 hec (cinquenta e dois mil hectares) com aproximadamente 40, povoados, quase integralmente como foi deixado pela Ordem do Carmo. Segundo os moradores suas terras correspondiam a 57.000,00, cinquenta e sete mil hectares, sendo que ao longo do tempo eles acabaram por perder 2.000,00 dois mil hectares.

A ação do ITERMA foi considerada uma afronta a forma das comunidades se pensarem, por não respeitar acordos tácitos dos grupos. Na prática, pode ser interpretado como uma ação por parte do estado com o objetivo de separar o que não uniu, e reflete o despreparo do tanto das agências como dos agentes estatais que não levam em consideração o ponto de vista dos agentes sociais.

No caso do conflito, o que realmente está em jogo é a lógica dos diferentes significados e das respectivas categorias, terra, território e propriedade, para os diferentes grupos sociais. Enquanto para os grileiros e os políticos a terra é vista apenas como um bem econômico, como qualquer outra mercadoria, que deve ser incorporado ao patrimônio pessoal e quando necessário disposto ao mercado. Para esses grupos a ideia

de propriedade esgota na ideia de um bem de caráter privado onde o acesso tanto a terra como aos recursos são limitados e fechados.

Enquanto para os moradores da terra de Santa, a terra, tem claramente um sentido simbólico, que não se esgota em um simples bem econômica, mas aponta para uma relação de identidade dessas com a terra, nessa perspectiva o significado vai muito além do que o sistema jurídico formal estabelece. O território é o local gerador de vida, onde o grupo pode garantir sua reprodução, física, social, cultural e religiosa.

Os agentes sociais também resignificaram a ideia de propriedade, uma vez que a propriedade nesse caso é sempre coletiva, nunca privada, o uso das terras e dos recursos naturais é feita sempre de forma coletiva pelo grupo. Para os agentes sociais, o importante é o sentido social concebido pelo grupo, tanto para terra quanto para propriedade e não o valor econômico que eventualmente ela venha ter. Esses agentes sociais desprezam a lógica onde a terra é pensada enquanto um bem de mercado, ou seja, como mercadoria. Preservar seu território significa preservar sua própria condição de existência e do grupo.

### **4.3 Territorialidade Específica Ameaçada: a Insegurança instalada com a Implantação do centro de lançamento de Alcântara.**

Com o ato autoritário do Governo do Estado do Maranhão, que através do decreto nº 7.820, desapropriando 52, mil hectares de terras quilombolas, para fins de utilidade pública, visando a implantação do Centro de Lançamento de Alcântara, na década de 1980, do século passado, que resultou na retirada de forma compulsória 312, famílias de suas propriedades entre os anos de 1986 e 1987, para as agrovilas<sup>144</sup>, além de ter desestruturado toda uma rede de relações sociais construída ao longo de séculos pelos agentes sociais ali instalados, levou preocupação, insegurança a quilombolas dos três territórios étnicos do município. Uma vez que, o estado não respeitou o direito de seus pares, não há nenhuma garantia que eles também não sejam vítimas do

---

<sup>144</sup> As Agrovilas foram um tipo de Conjuntos Habitacionais, com baixíssima infraestrutura, para onde as famílias foram deslocadas. Foram feitas 7 agrovilas para as 312, famílias dos 32 povoados removidos de forma compulsória. Além disso, alguns moradores teriam o benefícios de lote de terra de 17 hectares os quais os títulos nunca foram emitidos Segundo os moradores os filhos dos moradores das agrovilas não tinham o direito de fazer novas casas nos laçais, quando casavam eram obrigados a saírem, essa atitude por patê do Ministério da Aeronáutica motivou uma serie de conflitos.

autoritarismo do Estado brasileiro, assim como da convivência dos níveis mais altos do judiciário brasileiro.

O deslocamento compulsório resultou na negação de uma série de direitos, aos quilombolas, que tiveram que se adaptar a outra dinâmica de vida, já que ficaram impossibilitados de acessarem o mar para prática da pesca, atividade centenária, além, de não poderem mais colocar roças nos locais de costumes, ficaram também, impedidos de cultivarem seus muros, devido parte do território ter sido retirado permanentemente, abrindo um perigoso precedente na região, sobre isso;

Além destas há uma série de outras atividades que as comunidades ficarão impedidas de praticar, como cerimônias e rituais de sentido religioso, não poderão zelar pelos seus mortos. Os obstáculos à utilização por completo dos recursos naturais dos seus territórios ocupados ao longo de séculos e forjados por muitas lutas e dificuldades colocam em risco a reprodução física, social, cultural e religiosa das comunidades (PEREIRA JUNIOR, 2009. p. 70)

As constantes pressões sobre os territórios, dos atingidos pela Base Espacial, provocou reflexo no modo de pensar e nas atitudes das principais lideranças das terras de Santa Teresa. Temendo serem vítimas de atos autoritários similares aos perpetrados contra seus companheiros de luta, lideranças de diversas comunidades dos territórios passaram a participar sistematicamente de todos os encontros, palestra, reuniões e os eventos envolvendo a questão quilombola realizados pelos movimentos sociais de Alcântara.

A diferença é que agora estas comunidades estão cientes de seus direitos constitucionais e infraconstitucionais e sabem que não poderão continuar a ser molestada e a ter seus territórios intrusados e seus recursos naturais devastados como se não existissem objetivamente, como se suas áreas tradicionalmente ocupadas fossem invisíveis e correspondessem a um “suposto espaço”. A percepção destes direitos é que explica a mobilização permanente pelo reconhecimento jurídico-formal das terras que tradicionalmente ocupam (PEREIRA JUNIOR, 2009. p.104)

As comunidades passaram a se articular mais ainda com os movimentos sociais locais, como o Movimento dos Atingidos Pela Base Espacial (MABE), Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Alcântara (STTR), Fórum em Defesa de



Alcântara (FDA), Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Alcântara (MOMTRA) e Sindicatos dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (SINTRAF).

Essa participação de forma efetiva lhe rendeu articulações e participação em eventos realizados por entidades regionais e nacionais tais quais podemos citar; a Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), a Associação de Comunidades Negras Rurais do Maranhão (ACONERUQ) e o Centro de Cultura Negra do Maranhão, a inserção das comunidades nessa rede aponta para um processo relacional, que leva a autodefinição indenitária enquanto território quilombola. Também pode ser considerado, conforme, Almeida (2006) um ato expresso de defesa e força;

Os grupos que se objetivam em movimentos sociais se estruturam também para além de categorias censitárias oficiais. Importa distinguir a noção de terra daquela de território e assinalar que as categorias imóvel rural usada pelo INCRA, e estabelecimento, acionada pelo IBGE, já não bastam para se compreender a estrutura agrária na Amazônia. Os critérios de propriedade e posse não servem exatamente de medida para configurar os territórios ora em consolidação na Amazônia, (ALMEIDA, 147)

Os laços de solidariedades foram reforçados na região, visando não mais permitir que ações governamentais que os atinjam ao ponto de causar a desarticulação da estrutura dos povoados e do modo de vida dos moradores das comunidades. Mobilizaram-se, face aos graves desequilíbrios sobre os recursos tidos pelos grupos como escassos e contra uma nova pressão demográfica motivada por um eventual deslocamento compulsório em qualquer um dos três territórios étnicos de Alcântara.

#### **4.4 Formação da Identidade Quilombola:**

É preciso chamar atenção, para o fato de como os agentes sociais, que ocupam as ditas terras de Santa Teresa, conseguiram desenvolver uma serie de estratégias que acabaram por contribuir para a formação de um grande território étnico. Os agentes sociais desenvolveram mecanismos próprios como forma de manter a coesão social dos diversos grupos, além de manterem sob seu controle um território que é razoavelmente grande, tudo isso foi possível a partir de seu processo de autonomia, alcançada ainda muito antes do regime escravocrata brasileiro oficialmente chegar ao fim.

A partir, de um conjunto de acontecimentos discutidos anteriormente é que a comunidade passou a se articular mais ainda com entidades do movimento social e com comunidades que vivenciam conflitos semelhantes. Segundo Neide de Jesus, atual encarregada da Santa, a comunidade passou a se relacionar com entidades dos movimentos sociais a partir da atuação do Centro de Cultura Negra do Maranhão, ainda na década de 1980. Foi nos encontros, nas reuniões que agente já fazia uma reunião ou outra, com o CCN, aí foi quando surgiu a associação, que agente começou ir mais ainda aos encontros. (NEIDE de JESUS, 2011)

A liderança lembra ainda, que, a partir, dessa relação com o Centro de Cultura Negra do Maranhão, levou a comunidade a participar do primeiro encontro das comunidades negras rurais do maranhão em 1986. Posteriormente em 1996, a ser uma das comunidades a participar da fundação da Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Estado do Maranhão ACONERUQ.

Embora, na memória coletiva do grupo e mesmo nas narrativas locais eles não costumam se reportarem a principal instrumento utilizados pelos escravos para a subversão ao regime escravista adotado pelo então estado brasileiro, o quilombo, os moradores de Itamatatiua se autodesignam hoje como quilombolas. No caso específico em estudo, o conflito pode ser percebido na relação com o Estado na medida em que este estabelece critérios para o reconhecimento de direito enquanto território quilombola. Ao fazer isso, desconhece as formas de autodesignação utilizadas pelos agentes sociais, homogeneizando uma série de situações sociais diversas sob a égide de um único conceito.

É a partir do contato com outros grupos sociais, que possuem a mesma forma de se relacionar com a terra e com os recursos naturais e que também vivenciam conflitos similares aos seus, que a comunidade de Itamatatiua se autodefine, enquanto, comunidade negra rural quilombola. Passa então a reivindicar as antigas terras de Santa Teresa como território quilombola de Itamatatiua, território dos moradores de terra de Santa ou território de Santa Teresa.

Vale lembrar que, a luta política pela titulação das terras de Santa Teresa, de forma integral, sempre foi uma luta das comunidades e que remonta muitos anos antes da Constituição de 1988 e dos artigos 68 da ADCT carta magna nacional e 229 da constituição do Estado do Maranhão. Para Cantanhede Filho (1999), os grupos sociais

referidos como comunidades negras rurais têm se constituído em formações sociais com especificidades que são pensadas como diferenças em relação a outras populações camponesas, reivindicando a titulação e em consonância com os artigos 68 da CF e 229 da Constituição estadual.

Os moradores nunca concordaram com as várias investidas de políticos locais e donos de cartórios no sentido de parcelar e vender as terras. Eles sempre adotaram posturas conservadoras bem como no caso do cercamentos das terras e em outros vários momentos em que tiveram sob pressão, nem mesmo com a forma como o ITERMA, tentou proceder a titulação de suas terras como exposto a cima. A única forma reivindicada pelos moradores para a titulação da terra é que sejam respeitados seus antigos marcos e suas áreas de preservação, partes sagradas do território e a dinâmica de uso da terra e dos recursos naturais pelos agentes sociais.

As regras de uso da terra e dos recursos naturais, juntamente com rituais como o recolhimento de jóias e a própria feitura de festas em homenagem a Santa, podem ser incluídos em um conjunto de elementos que contribuíram para a emergência da situação social que envolve o acesso ao território\$ denominado de Terra de Santa, uma vez que, levava esses agentes sociais a estabelecerem cada vez mais relações, não permitindo que o grupo sofresse com isso situação do isolamento<sup>145</sup> em uma espécie de gueto que segundo Wacquant (2008) culminaria no enfraquecimento da identidade. Para, além disto, consiste em um modo de marcar diferença.

O processo de territorialização das comunidades remanescentes de quilombo em Alcântara cabe repetir, não pode ser pensado consoante um desenvolvimento linear e cumulativo. Há descontinuidades historicamente determinadas e de sentido aparentemente paradoxal que convergem para a formação de um território étnico. (ALMEIDA, 2006. p. 141)

---

<sup>145</sup> Olavo Correia Lima, 1988, Classificava que chamamos hoje de comunidades negras rurais, ou comunidades quilombolas como sendo Isolados negros; Tiveram de sobreviver com as distorções aculturativas sucedidas na fase escravista. A solução encontrada foi o isolamento (como defesa), que a própria geografia sugeria e a cultura da coivara (como sobrevivência), que já vinha fazendo para o patrão. Porque ainda magoados pelas restrições da escravatura, ficaram os libertos no vazio suspeito de novas dificuldades iminentes. Entre elas o esperado contato como a civilização neobrasileira. Que fatalmente aceleraria a queda aculturativa, aos enzimas da liberdade recém-nascidas (...) No caso dos Isolados Negros Maranhenses já bastavam as distâncias. Tomaram eles, ainda, concretas providências para que o isolamento fosse não só cultural, porém de natureza reprodutiva. Conforme informações de Joel Soeiro, num dos isolados de Codó, não se admitia a entrada de estranhos, havendo apenas o caso de um branco com uma das negras ( p. 60-61)

Os grupos que ocupam as terras da ordem do Carmo se caracterizam por fomentarem suas relações sociais dentro do território, ou seja, entre os próprios agentes se fortalecendo enquanto sujeitos sociais de existência coletiva sejam, para fora ou no âmbito das relações com seus pares. Eles nunca buscaram o “isolamento” como forma de proteção nem de preservação cultural. Esta escolha poderia leva-los a um processo similar àquela da guetização. Segundo BAUMAN, (2003) um gueto não é um viveiro de sentimentos comunitários. É, ao contrario, um laboratório de desintegração social, de atomização e de anomia. A postura relacional dos grupos permitiu que suas relações não ficassem restritas a grupos limitados pelos marcos territoriais. Os moradores de terra de Santa buscam sempre ampliar seu espaço social de atuação e das relações comunitárias, seja com a joia, visitando povoados distantes seja, com as festas ou no conflito e na sua participação intensa nos movimentos sociais a eles referidos. Essa capilaridade reforça a identidade coletiva:

Dito isso, se o mundo social, com suas divisões, é algo que os agentes sociais têm a fazer, a construir, individual e, sobretudo *coletivamente*, na cooperação e no conflito, resta que essas construções não se dão no vazio social, como parecem acreditar alguns etnonmetodólogos: a posição ocupada no espaço social, isto é, na estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital, que também são armas, comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo (BOURDIEU, 1996, p. 26)

Os grupos no período do acirramento do conflito formaram em torno da Santa e das terras uma composta unidade de mobilização<sup>146</sup>, com uma ação coesa objetivando garantir o efetivo controle de domínios representados como territórios fundamentais à sua identidade e, inclusive para alguns deles, à sua afirmação étnica (ALMEIDA, 2011. p.18 ). A divindade funciona como a principal responsável pela coesão social dos grupos, pois a união dos grupos e sua ação conjunta se dão em torno dela e para defesa de suas terras.

Existe um sistema de interação cotidiano que também define as fronteiras dos grupos (BARTH, 1969)<sup>147</sup>. Ao tomarmos como plano de análise o domínio das relações sociais, podemos perceber que as fronteiras geográficas não são suficientes para

---

<sup>146</sup> Entende-se como Unidade de Mobilização, segundo definição de Almeida, (2011. p 27) “ instrumentos ágeis de luta políticas, numa conjuntura de violências sucessivas”.

<sup>147</sup> Barth (1969) se apresenta como instrumento de análise que nos permite deslocar o foco do conteúdo cultural para a fronteira social, de forma a nos permitir perceber que é no âmbito das relações sociais que o pertencimento a um dado grupo social se coloca.

entender esse processo de construção das territorialidades. Ou seja, a história, o processo de constituição dessa territorialidade específica pode nos ajudar a entender como foi possível instituir, manter e reproduzir relações e vínculos sociais que nos ajudam a entender a fronteira social que separa, distingue e demarca essa territorialidade das demais, bem como a identidade coletiva que lhe corresponde.

Um primeiro enfoque refere-se à construção de territorialidade que implica em falar em uma identidade coletiva que é acionada no âmbito de uma relação de conflito (ALMEIDA, 2006). Nesse sentido, as identidades sociais são construídas no âmbito de uma relação para fora. Ou seja, na fronteira. Assim, de forma que a identidade de morador das terras de Santa Teresa, não pode ser pensada como indissociável da relação que os agentes mantêm para fora, notadamente com os códigos legais.

Trata-se de pensar, que a afirmação dessa identidade também se dá no plano de uma construção ou de uma percepção de direito que colide com o sistema jurídico formal. Como mostra Almeida (1995) tal percepção ocorre, não obstante uma representação de direito à terra que considera as chamadas “terras de santo,” como um recurso aberto, que não pode ser apropriado individualmente com a inclusão dos seus tradicionais ocupantes.

Ao longo dos anos, os moradores conseguiram manter o domínio sobre essa imensa quantidade de terra, que tem como fator agregador a Santa e na figura do encarregado a habilidade política de resolução de conflitos.

Os agentes sociais que se autodesignam como moradores de terra de Santa, desenvolveram toda uma lógica própria para o uso dos recursos naturais do território, baseados em contratos tácitos, que mediam a maioria das relações entre as pessoas que moram nos diversos povoados, face aos recursos hídricos e florestais

É possível se perceber laços de solidariedades e relações sociais extremamente complexos entre as unidades familiares dos diversos povoados, baseados em parentesco, consanguinidade, trocas comerciais, relações de trabalho e relação de compadrio dentre outras. Esses planos organizativos das comunidades têm por base, a própria relação que essas comunidades mantêm com a Santa e com a terra, que extrapolando as fronteiras geográficas que delimitou os povoados.

## 5 Considerações Finais

Os moradores que permaneceram nas terras da fazenda Itamatatuiua abandonada pelos padres da Ordem Carmelita, tem reelaborado dinamicamente a forma de se relacionar com a terra e demais recursos naturais. Este processo social possibilitou a formação de uma territorialidade específica que assegura aos membros desta comunidade quilombola autonomia, denominada por eles com sendo “Terras de Santa Teresa”. Tal territorialidade encontra-se fundada no uso comum dos recursos hídricos florestais, seguindo critérios estabelecidos em cada comunidade, consoante a sua localização, beira campo, porto e mata. A territorialidade específica, constituem modalidades de apropriação dos recursos baseadas na memória e nas práticas coletivas que apontam para várias formas de aquisição dos territórios por eles ocupados.

Os moradores das terras de Santa Teresa afirmam, assim, que usam a terra e os recursos naturais “em comum”. A principal atividade produtiva é a agricultura com trabalho fundado nas unidades familiares e naturalizado nos limites da roça. Como atividades complementares à agricultura, realizam a pesca, o extrativismo e a produção de cerâmica do barro extraído dos campos naturais.

Além disto, os moradores das terras de Santa Teresa construíram uma relação com os campos naturais, onde a pequena pecuária e a pesca são praticadas “em comum”, um conjunto formado por igarapés e lagos imprescindível à sua reprodução física e social. Essa região rica em recursos naturais principalmente no que se refere a pesca, é a mesma região onde existem vários registros históricos de quilombos, desde o mocambos<sup>148</sup> do século XVII. Pelas fontes documentais e arquivista os quilombos existem nesta região muito antes das sesmarias.

Os moradores possuem estreitas relações com o Rio Aurá, e com o Igarapé e Lago Mocambo, que aparecem classificados como refúgios de negros escravos em diverso pedidos de concessão<sup>149</sup> de sesmaria. Pela memória coletiva dos agentes sociais

---

<sup>148</sup> Almeida (2006) localiza farta documentação sobre a questão. Estas informações estão presentes no livro “Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara”: laudo antropologia. Brasília MMA. 2006

<sup>149</sup> Segundo Almeida (2006) as referências se encontram nas seguintes cartas de Datta e Sesmarias, passadas a João Alberto da Silva Leitão e ao Capitão Manuel Ferreira dos Santos, ambas datadas de São Luís do Maranhão de 15 de março de 1787. Na de Ignácio Araújo Cerveira com data de São Luís

eles sempre tiveram uma intensa relação com essas localidades, uma vez que, a região sempre foi usada por eles para estabelecerem acampamento de pesca e para a retirada de sal. As salinas as proliferou.

As terras de Santa Teresa são administradas por uma *encarregada*, que é a principal liderança do povoado, ela também circula pelos diversos “cargos públicos” da comunidade. Ela tem um capital político diferenciado sendo vista pelos moradores como a representante da Santa, consiste na principal mediadora dos conflitos internos. Ou intrínsecos à vida comunitária.

Os moradores das terras de Santa Teresa obedecem a regras próprias para localiza as moradias. Possuem também um léxico específico para denominar e distinguir os seus lugares de moradia dentro do povoado. Tal localização, com produto de regras acatadas comunalmente, garante que esses agentes sociais consigam estabelecer um convívio social equilibrado. O respeito a estes acordos tácitos existentes na comunidade, concorrem para fortalecer a visão social do grupo.

A construção social do território de Santa Teresa tem ocorrido consoantes relações sociais dinâmicas, que envolvem uma série de situações específicas, organizados segundo diversos planos de organização social dos grupos ali localizados. Como observado, essas relações com Santa Tereza, não estão limitada aos povoados localizados dentro dos limites de suas terras.

A vida em Itamatatua e dentro do território de Santa Teresa, está estruturada em torno de relações políticas e religiosos estabelecidas entre as famílias e Santa Teresa. Todas as mobilizações são feitas em torno da terra e da Santa, ela é o elemento fundamental para a coesão do sistema de relações sociais. Ela desempenha um destacado papel social e político nessa região, sua importância é reconhecida tanto pelos moradores do seu território como por quem esta na fronteira ou na circunvizinhança.

Os moradores vivem reinventam o tempo todo, suas relações com Santa Teresa reforçados isto esta muito presente no conjunto de relatos históricos que analisei no capítulo segundo. A cada relato de feitos da Santa a relação é reinventada, o punido sempre é aquele que ocupa uma posição assimétrica com relação a maioria dos outros

---

Maranhão de 19 de maio de 1785 e a de João de Carvalho Santos com data de São Luís do Maranhão, 25 abril de 1793

moradores, bem como comerciantes e padres, a santa está sempre defendendo o oprimido de seus antagonistas. A Santa ela não é neutra ela toma posição que é ficar do lado do oprimido.

As lideranças do território jogam muito bem com o poder de arregimentação social de Santa Teresa para manter o controle coletivo sobre as terras e, por conseguinte o que foi fundamental durante séculos para a manutenção da própria autonomia desses agentes sociais.

Os moradores das terras de Santa Tereza, com a saída da Ordem religiosa, que detinha o controle da fazenda, foram aos poucos construindo sua condição herdeiros da Santa. Com as mudanças institucionais, ocorridas na sociedade brasileira principalmente depois da promulgação da carta magna de 1988, a condição de “herdeiros” da Santa de Itamatatua passa a ser uma condição política coletiva, apontando também para a reivindicação de direitos coletivos.

Segundo as interpretações discutidas nesta dissertação as diferentes relações sociais construídas no do território de Santa Teresa, mostram bem o caráter de proteção política, dos relatos sobre os prodígios da Santa, passando pela escolha dos *festeiros*. Em Itamatatua o fortalecimento da festa traduz uma estratégia para fortalecer as e relações sociais e para garantir os e limites dos territórios.

Entender o processo de instituição da *jóia* pelos moradores de Itamatatua, consiste um passo fundamental para compreender como esses agentes sociais mantêm todo esse território sob seu controle, muito antes da escravidão ter sido extinta oficialmente no Brasil. O controle do território ocorre pela renovação anual dos laços de pertencimento àquela territorialidade específica que explicita a consolidação da autonomia econômica desses agentes sociais após o abandono das terras pelos Carmelitas.

A festa é o momento mais destacados para as comunidades. É o momento onde as diferenças ou rivalidades locais são superadas mesmo que temporariamente. Observando a festa pode-se ter a dimensão da força de mobilização social e de unidade política expressa pela Santa. A festa em homenagem a Santa Teresa periodicamente fortalece os laços sociais dentro do território reforçando a autonomia e o processo de consolidação de uma territorialidade específica.



A festa possibilita uma maior interação e o aumento de grau nas relações entre os moradores e a Santa. A festa se constitui na reinvenção o processo ritual celebrado à divindade. A festa possui uma função social importantíssima, qual seja manter a coesão social dos moradores da terra da Santa, que resulta na formação permanente de uma unidade de mobilização constante em torno de Santa Teresa..

Em suma é um grande momento de confraternização dos *devotos* com sua padroeira, onde é possível encontrar pessoas de todos os povoados que limites físicos das terras de Santa Teresa e das localidades circunvizinhas, além de grande quantidade de *devotos* que vem prestar suas homenagem ou seus serviços á Santa.

Pode-se afirmar que a memória da escravidão em Itamatatiua é praticamente inexistente ou apenas residual. Isso se deve também a relação dos moradores com a Santa, uma vez que a memória social dos agentes sociais sobre seus antepassado começa com a doação do casal de escravo por uma senhora a Santa Teresa. Isso explica porque a memória da escravidão foi suprimida. A história dos moradores de Itamatatiua passa a ser construída a partir de quando eles alcançam sua autonomia.

Com o processo de autonomia todos os moradores passam a possuir uma mesma descendência comum: o casal de escravos doados a Santa Teresa. O fato dos escravos terem sido doados constitui um ponto fundamental para a história social dos negros de Itamatatiua, que assumem o sobrenome da Santa e passam a se autodesignar enquanto grupo que tem uma existência coletiva; “pretos de Santa Teresa,” “filhos da branca”, “herdeiros da Santa.”

No processo de reivindicação dessa identidade enquanto “pretos da Santa” vale chamar atenção para o fato de que tal como há a autodesignação existem também o reconhecimento e a aceitação plena por parte de seus pares. Entretanto vale que ressaltar que dentro das terras da Santa não existe apenas a reivindicação enquanto identidades coletivas somente dos pretos de Santa Teresa. Durante a pesquisa foi constatada outra forma mais abrangente ainda de reivindicação de identidade coletiva, a autodesignação por parte dos agentes sociais da condição de “moradores de Terra de Santa Teresa.”

A identidade de “morador de terras de Santa Teresa” se manifesta de maneira diferente em vários contextos da historia social do grupo. Como mostrado ao longo do texto da dissertação e em especial no terceiro capítulo há várias situações sociais em que

os moradores resistem a seus antagonistas de maneira coletiva e com elevado grau de organização enquanto moradores de terra de Santa. Combinando depois estes atributos indenitários com aqueles relativos a quilombola Atitudes coletivas como de limpeza de picada, vigilância de marcos e mesmo no enfrentamento direto dos antagonistas sejam da elite local ou envolvidos em atos ilegítimos “grileiro,” o enfrentamento se deu de forma coletiva enquanto moradores de terra de Santa Teresa. Nesse sentido ser morador de “terra de Santo” coaduna com uma identidade coletiva na perspectiva de Barth (1969), por manifesta no contato com o outro.

Sobre as terras de Santa Teresa além de documentos cartoriais devem ser considerado os inúmeros testemunhos de pessoas que afirmam morarem nestas terras. Além disso, cabe considerar o testemunho de outras famílias que moram fora da área e usufruem dos direitos territoriais correspondentes, mas sabem e reconhecem as terras como sendo da Santa Teresa.

No período dos conflitos que resultaram na derrubada das cercas dos grileiros pelos moradores das “Terras de Santa Teresa” comunidade de Itamatatiua passou construir relações sociais estreita com o Centro de Cultura Negra do Maranhão passando a se fazer presente nas discursões sobre comunidades negras rurais do Maranhão, participando inclusive do primeiro encontro de comunidades negras rurais de 1986 realizado em São Luís pelo CCN. Em 1996 Itamatatiua é uma das comunidades fundadoras da ACONERUQ, em maio de 2006 recebe a certificação da Fundação Cultural Palmares. A comunidade reivindica a titulação do território físico da Santa, equivalente às terras da antiga Ordem Carmelitas, como território quilombola.

Os moradores das terras de Santa Teresa sempre tiveram como estratégia a expansão das suas relações sociais. Seja com o processo de instituição de Jóia, seja mantendo a tradição de fazer a festa anualmente em homenagem a Santa, assim como as lideranças principalmente de Itamatatiua sempre tiveram o cuidado de estarem participando das discussões sobre terras.

A comunidade estabeleceu relações como movimento referidos às lutas de comunidades quilombolas tanto no âmbito regional participando e sendo solidário à luta dos atingidos pela base espacial, junto com MABE, STTR, MOMTRA e SINTRAFF, assim como está ligada a associação das comunidades negras rurais do Maranhão e em

termos nacionais a própria CONAQ. Com a situação social vivenciada pelos povos e comunidades tradicionais do Brasil que estão em risco de terem seus direitos constitucionais atropelados devido a falta de interesse político do executivo, às comunidades quilombolas das terras de Santa Teresa vivem um novo tempo de afirmação étnica e de mobilização político

## 6. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **A ideologia da decadência: leitura antropológica e uma história da agricultura do Maranhão**. São Luís: IPES, 2008, 270p.

\_\_\_\_\_. **“Quilombos: sematologia face as novas identidades”**. In: Projeto Vida de Negro, FRECHAL **Terra de Preto: Quilombo reconhecido como reserva extrativista**. São Luís: SMDDH/CCN-PVN, 1996. p. 11-19

\_\_\_\_\_, **Terra e território: a dimensão étnica e ambiental dos conflitos agrários**. In: **Conflitos de terra no Campo. Brasil, 2006**. Goiânia: CPT, 2007.

\_\_\_\_\_, **Os quilombolas e a base de foguetes de Alcântara**, vol I. Brasília: MMA, 2006a,

\_\_\_\_\_, **Os quilombolas e a base de foguetes de Alcântara**, vol I. Brasília: MMA, 2006a,b .

\_\_\_\_\_, **Terra de Quilombo, Terra de indígenas, babaçuais livres, castanhais do povo, faxinais e fundo de pastos: terras tradicionalmente ocupadas** 2 ed. Manaus: PGSCA-UFAM, 2008.

ARAUJO, Helciane de Fátima Abreu. **Memória, mediação e campesinato - estudo das representações de uma liderança sobre as formas de solidariedade, assumidas por camponeses na pré Amazônia Maranhense**. Manaus: Edições UEA, 2010.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas** (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000.243 pp.

BACHELARD, Gaston. **A formação do Espírito Científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, 316p

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BERREMAN, Gerald. **Etnografia e controle das Impressões em uma aldeia do Himalaia**. In **Desvendando Mascara Sociais**, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975, p 123-175.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Difel, 1989

\_\_\_\_\_, **A delegação e o fetichismo político.** In Coisas Ditas. São Paulo. Brasiliense. 2004, pp.188-206.

\_\_\_\_\_, **Esboço de auto-análise,** São Paulo: Companhia das Letras, 2005

\_\_\_\_\_, **Compreender p 693 a 736 in.** BOURDIEU, Pierre (cood). A Miséria do Mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_, **Espaço social e espaço simbólico. In: Razões Práticas. Sobre a teoria da ação.** Campinas, SP: Papirus, 1996.

CANTANHEDE FILHO, Aniceto. **Tamatatiua: relatório antropológico.** SMDH. São Luis, 1997

DAMATA, Roberto. **Relativizando; uma introdução à antropologia social.** Rio de Janeiro 1987

\_\_\_\_\_. **O ofício de Etnólogo, ou como Ter Anthropological Blues** In: NUNES, Edson. A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1978.

DURKHEIM, Emile. **As Formas elementares de vida religiosa.** São Paulo: Abril Cultural, 1976, (Os Pensadores).

Gusfield, J. R. **The community: A critical response.** New York: Harper Colophon. 1975

GENNEP, Anorld Van. **Os Ritos de Passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.** Tradução: Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes 1960.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Saber Local: Novos ensaios em Antropologia Interpretativa.** Petropolis: Editora Vozes. 1999.

FOSTER GEORGE M. **The Dyadic Contract: A Model for the Social Structure of a Mexican Peasant Village.** American Anthropologist, New Series, Vol. 63, No. 6 (Dec., 1961), pp. 1173-1192

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, DP & A Editora, 2000.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A Invenção das Tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

HALBWCHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

KESSEL, Zilda. **Identidades que se alteram**: memória e memória coletiva. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21>>. Acesso em: 10 de maio. de 2011.

LAPLANTINE, François. **A descrição Etnográfica: São Paulo**: Terceira Margem 2004

LOPES, Antonio. **Alcântara subsídios para a historia da cidade**. Ministerio da Educação e Cultura. Rio de Janeiro 1957.

MARTINS, Cynthia Carvalho **Campo Intelectual e Gestão da Economia do Babaçu: estudos científicos às praticas tradicionais das quebradeiras de coco babaçu** (Tese apresentada ao programa de pós-graduação em antropologia social da Universidade Federal Fluminense PPGAS – UFF, para obtenção de grau de doutora). Niterói 2008.

MAUSS, Marcel, **Ensaio Sobre a Dádiva – Fora e razão da troca nas sociedades arcaicas. p. 183 314** In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 536.pp, 6 ils.

Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, **Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados Maranhão & Piauí**, São Luis, 1999.

MOLINA, Sandra Rita. **Morte e Tradição: a ordem do Carmo e os escravos da Santa contra o império do Brasil (1850-1888)** Dissertação de mestrado USP, São Paulo, 2006.

MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: JOSE OLYMPIO, 1978. P. 308.

GUSMÃO, Neusa. **Terra de pretos, terra de mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro**. São Paulo: Fundação Palmares, 1995.

OLIVEIRA, João Pacheco de **Uma Etnologia dos “Indíios Misturados”?** **Situação colonial, territorialização e fluxos culturais** mana 4(1):47-77, 1998

PEREIRA JUNIOR, Davi. **Quilombos de Alcântara: território e conflito – Intrusamento do território das comunidades quilombolas de Alcântara pela empresa binacional, Alcântara Cyclone Space**. Manaus Editora da Universidade federal do Amazonas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Tradição e Identidade: a feitura de louça na construção da identidade da comunidade de Itamatatiua Alcântara – Maranhão.** Monografia Apresentada junto a Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como conclusão do curso de Especialização em Sociologia das Interpretações do Maranhão: povos e comunidades tradicionais, políticas Etnicas e desenvolvimento sustentável. São Luis Setembro de 2009.

\_\_\_\_\_. **Luta dos Quilombolas pelo Título Definitivo: oficinas de consultas.** Nova cartografia Social da Amazônia fascículo 25. Editora da Universidade federal do Amazonas, 2008

PRADO, Regina de Paula Santos. **Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa:** São Luis. EDUFMA. 2007.292 p.

REIS, Milena das Graças Oliveira, **Filhos da Santa Terra de Negros em uma Arqueologia Quilombola: as dinâmicas de um território chamado Itamatatiua,** Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Altos Douros. Portugal, 2010

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura.** Tradução: Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

WACQUANT, Loïc. **As duas faces do gueto.** Tradução de P. C. Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2008. 158 p

WOORTMANN. Ellen. **Herdeiros, Parentes e Compadres: colonos do sul e sitiante do nordeste.** Edunb; São Paulo – Brasília, 1995

WOLF, Eric R. **Sociedades Camponesas,** Zahar editores, Rio de Janeiro, 1970.

SÁ, Laís Mourão. **O pão da terra: propriedade comunal e Campesinato livre na Baixada Ocidental maranhense.** São Luis: EDUFMA, 2007. 202p.

SESÉ, Bernad. **Teresa de Ávila: mística e andarilha de Deus.** 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

SHIRAISHI NETO, Joaquim. **Práticas de Pesquisa Judiciária Para Identificação das Denominadas Terras de Preto nos Cartórios do Maranhão,** Mestrado em Políticas Publicas. São Luis. UFMA/MPP 1998.

STUCCHI, Deborah & FERREIRA Rebeca A.A. Campos. Singularidades Culturais em Processos de Reconhecimento **Étnico: Os Filhos de Nossa**

**Senhora do Carmo** anais da 27, reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Belém, 2010.

VIVEIROS, Jerônimo de. **Alcântara no seu passado econômico, social e político**, 3 de. Fundação Cultural do Maranhão. 1977



## **Entrevistas**

Neide de Jesus, entrevista concedida a Davi Pereira Junior. Itamatatiua Março de 2011

Pedro Paulo de Oliveira, entrevista concedida a Davi Pereira Junior. Itamatatiua Março de 2011

Laurenço de Assis Santos, entrevista concedida a Davi Pereira Junior. Itamatatiua Março de 2011

Zacarias Nascimento, entrevista concedida a Davi Pereira Junior. Itamatatiua Março de 2011

Zuleide de Jesus, entrevista concedida a Davi Pereira Junior. Itamatatiua Março de 2008

Heloisa Inês de Jesus, entrevista concedida a Davi Pereira Junior. Itamatatiua Março de 2008

Clayton Pereira de Jesus, entrevista concedida a Davi Pereira Junior. Itamatatiua Março de 2011

Evaristo Florêncio Costa entrevista concedida a Davi Pereira Junior. Itamatatiua Março de 201

## 7 ANEXOS I

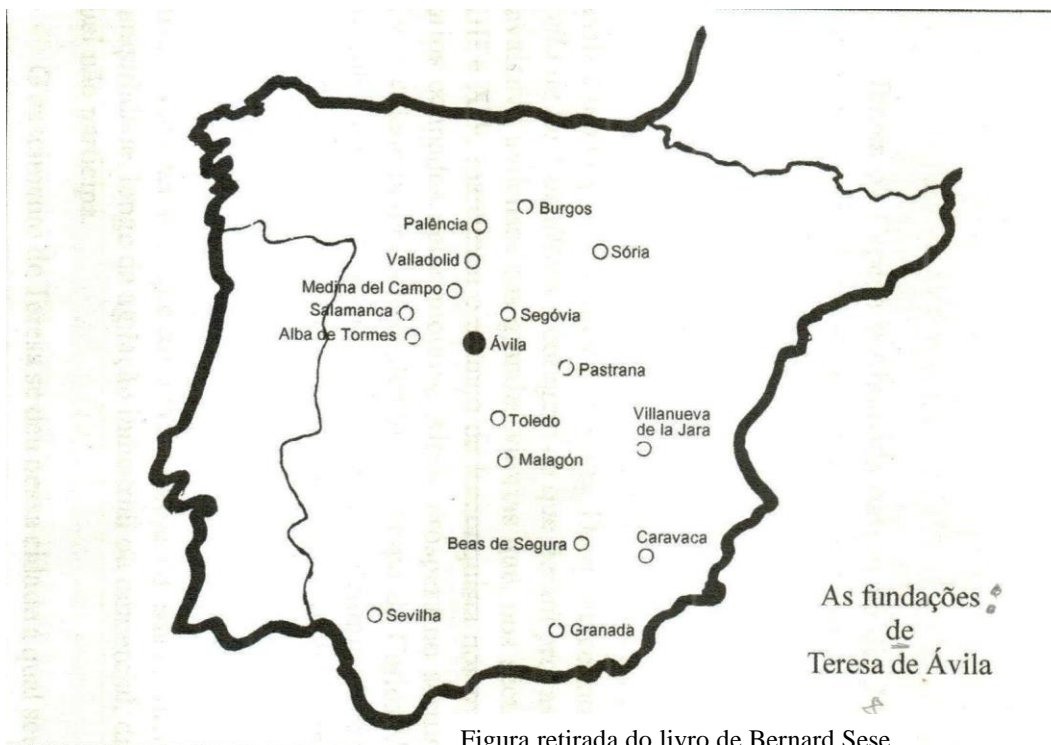
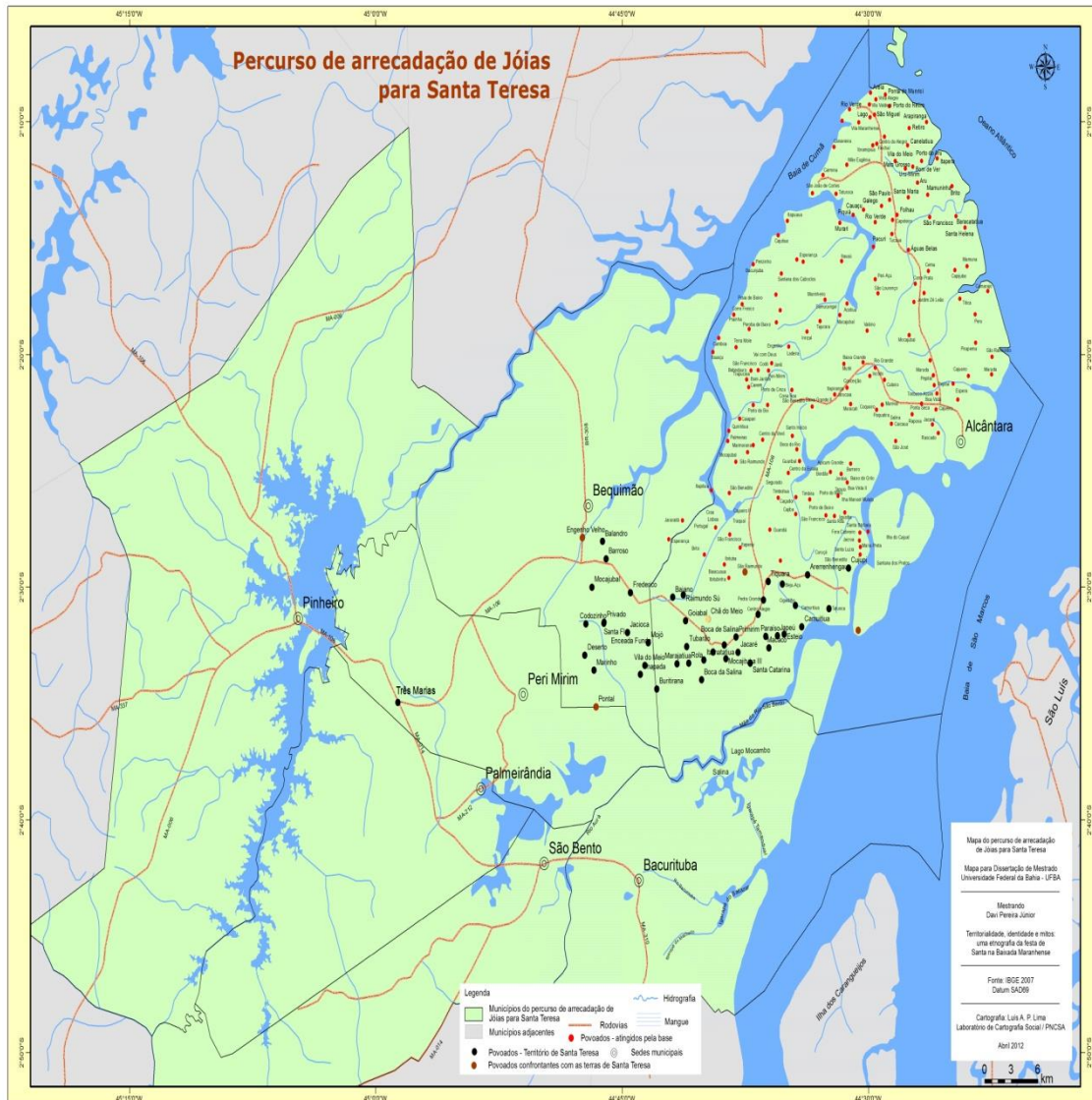


Figura retirada do livro de Bernard Sese. Teresa Ávila. Mítica e andarinha de Deus.



# 9. ANEXOS III



## 10. ANEXOS VI

As fotos publicadas em anexo São de Minha autoria e s Cinthia Muller em visita a comunidade em outubro de /2007



Igreja de Santa Teresa em Itamatatua



Bandeiras de Santa Teresa



Batuque de Santa Teresa



Devotos Promesseiros na Procissão solene de Santa Teresa



“Paredão” Radiola de Reggae . que animam a festa dançante de Santa Teresa



Procissão, levando os festeiros subindo da casa da festa para igreja



Devotos carregando Santa Teresa em Procissão pelo povoado



Devotos carregando Santa Teresa procissão



Santa Teresa de Jesus de Itamatatua